

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA DOS ANJOS LINA DOS SANTOS

**MEMÓRIA E EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE MATA CAVALO.**

**Cuiabá
2007**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA DOS ANJOS LINA DOS SANTOS

**MEMÓRIA E EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
MATA CAVALO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação na Área de concentração: educação, Cultura e sociedade e Linha de Pesquisa: Movimentos sociais, Política e Educação Popular.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a MARIA LÚCIA RODRIGUES MÜLLER

**Cuiabá
2007**

DEDICATÓRIA ESPECIAL

À Professora Doutora Maria Lúcia Rodrigues Muller
minha orientadora, sempre, que com seu
profissionalismo, e sabedoria conduz o processo de
construção de pesquisa com seus orientandos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha primeira família que sempre mostrou satisfação pelos meus avanços nos estudos; hoje compreendo aquilo que meu pai minha mãe nos diziam: “O estudo é a única coisa que podemos dar a vocês. E isso ninguém pode lhes tirar”.

Dedico ao meu filho Bruno pela compreensão das minhas constantes ausências.

À minha segunda família, que se constitui de amigos e amigas de estudo e de trabalho, em especial Maurício, Márcia e Anne amigos compartilhantes na empreitada desta pesquisa.

Dedico aos moradores da Comunidade de Mata Cavalo sem os quais não seria possível realizar essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e todos os espíritos benfeitores por me concederem força e coragem para prosseguir em minha jornada.

À Professora Doutora Maria Lúcia Rodrigues Müller que com seus ensinamentos propiciou-me reflexões acerca das minhas possibilidades e assim desafiar meus limites tanto em nível pessoal quanto profissional; Agradeço às contribuições da Banca Examinadora pelas críticas e sugestões que muito contribuíram para melhorar meu trabalho.

Agradeço aos meus pais Graciano Rodrigues dos Santos e Joaquina Lina dos Santos por terem me mostrado o caminho da emancipação através da educação. Agradeço também ao meu filho Bruno a quem amo muito, pela compreensão em face de minhas constantes ausências.

Agradeço aos meus amigos Jarbas, Neusa, Jussara, Fátima, Cezarina, Josenildes, Ana Maria, Laudisséia, Beatriz, Edna, Givanildo, Lizete, Sílvia, Lucirene, dona Aidê, Ronaldo e todos que não estão aqui mencionados.

Agradeço aos colegas de trabalho também aos meus alunos do Centro de Ensino Municipal Técnico e Tecnológico de Cuiabá/CEMETEC.

Agradeço aos diretores do CEMETEC pelo apoio e incentivo.

Agradeço a meus colegas Anne, Mauricio, Márcia pelos momentos de estudos juntos. Á Tânia, Vanda, Edenar, Eunice e todas as colegas do Nepre pelo apoio e o carinho durante o percurso da pesquisa.

À Professora Mestre Dionéia da Silva Trindade pela solidariedade de compartilhar comigo os seus conhecimentos, apontando minúcias nesse trabalho.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT, pela presteza no atendimento às solicitações requeridas:

Mariana Serra Gonçalves, Jeison Gomes dos Santos, Luísa Maria Teixeira Silva e Patrícia Jansen A todos, muito obrigada

HOMENAGEM

Aos moradores de todas as comunidades integrantes do Quilombo de Mata Cavalo os quais dedico essa homenagem. Quero compartilhar minha realização com todas as pessoas que abriram não só as portas como também seus corações para que o sonho da pesquisa pudesse se materializar.

Meus sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente colaboraram com esse trabalho e aos amigos que conquistei durante minhas jornadas na coleta de informações.

Sou-lhes grata pela acolhida e a cordialidade e também pelos momentos de descontração proporcionados pelas rodadas de conversas e pela participação nas festas (afinal de contas ninguém e de ferro).

[...] Amizade e como o amor
Podemos investigar
No coração dos amigos
Nunca pode acabar

Neste mundo o que nos prende
E uma amizade sincera
Nem mesmo chegando à morte
A amizade se encerra.

Maria Dias de Oliveira, Coartisentis da
Universidade Popular Comunitária – UPC,
Campus Herbert de Souza



Ilustração 1 – Dona Benedita Maria da Silva, capelã da Comunidade Mata Cavalu.
Foto: Jorge Pinho, em 2007.

À Dona Benedita minha homenagem especial *in memória* pela sua fé e esperança ao enfrentar os desafios ao longo da vida. Dedico essa singela homenagem em retribuição à sua colaboração com a pesquisa, a sua hospitalidade e as orações que fez por mim.

RESUMO

A dissertação é resultado de uma pesquisa situada na área de Educação entrelaçada ao campo dos Movimentos Sociais e Educação Popular, realizada com o propósito de conhecer a origem da Comunidade Rural de Mata Cavalos, localizada no Município de Nossa Senhora do Livramento Estado de Mato Grosso por meio das narrativas de seus moradores. Objetiva entender a construção do processo histórico do grupo, bem como seus mecanismos de transmissão e manutenção de suas raízes culturais. A visibilidade que os grupos quilombolas estão tendo atualmente foi ampliada graças ao processo de luta pelo reconhecimento de sua cidadania e de seus direitos sobre os territórios habitados ao longo de várias gerações. O novo enfoque de estudos parte do princípio das diferenças entre as comunidades rurais em geral e as comunidades remanescentes de quilombolas. Na Comunidade Mata cavalo, a memória teve um papel fundamental na construção da identidade do grupo e na conservação dos valores ancestrais transmitidos de geração em geração através da educação informal, proporcionada pelas festas tradicionais, pela organização social e do trabalho e também por outras experiências vividas no cotidiano das famílias e nas relações desenvolvidas pelas várias comunidades estabelecidas no interior do quilombo.

Palavras-chave:

Educação, Cultura, Negro, Memória, Quilombo

ABSTRACT

This thesis are the result of a research within the Educational area, intertwined with the field of Social Movements and Popular Education, conducted with the intent of learning about the origin of the Rural Community of Mata Cavalo, located in the municipality of Nossa Senhora do Livramento, state of Mato Grosso, collecting tales narrated by the local population. Its objective consists of understanding the construction of the historical process of that group, as well as the mechanisms for the transmission and maintenance of their cultural roots. The visibility that the Quilombola groups are presently having has been enlarged thanks to a process of fighting towards the acknowledgment of their citizenship and their rights to the territories they inhabited during various generations. The new focusing of the studies starts from the principle of the differences among the rural communities in general, and the remaining Quilombola communities. Within the Mata Cavalo Community, memory has had a fundamental role in the construction of the group's identity and in the conservation of the ancestral values transmitted from generation to generation through the informal education provided by the traditional feasts, by the social organization and by work, as well as by other experiences of the daily life of the families and by the relations developed by the various communities established within the Quilombo.

Key-words:

Blacks, Education, Culture, Memory, Quilombo (*Quilombo: hiding place of runaway slaves*)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Dona Benedita Maria da Silva, capelã da Comunidade Mata Cavalo...6	
Ilustração 2: Córrego Mata Cavalo44	44
Ilustração 3 – Marco do início do quilombo na rodovia MT-060 sentido Cuiabá-Poconé/MT.....45	45
Ilustração 4 Comunidade Estiva – Árvore genealógica dos descendentes da ex-escrava Beatriz.47	47
Ilustração 5 – Comunidade Passagenzinha – descendentes de Silvério da Silva Tavares.....48	48
Ilustração 6 – Comunidade Mata Cavalo de Cima – descendentes do ex-escravo Marcelino Paes de Barros.48	48
Ilustração 7 – Comunidade Mutuca e Mata Cavalo do Meio.....49	49
Ilustração 8 – Comunidade Mata Cavalo de Baixo50	50
Ilustração 9 – Casa destruída pelos invasores.....51	51
Ilustração 10 – Ruínas de uma antiga fornalha do período da escravidão em Mata Cavalo.....63	63
Ilustração 11 – Cerimônia do beijo na bandeira parte da festa de São Sebastião pela festeira78	78
Ilustração 12 – O cururu em Mata Cavalo faz parte das cerimônias religiosas88	88
Ilustração 13 – Mulheres de Mata Cavalo99	99
Ilustração 14 - Escola São Benedito uma das escolas que atende a comunidade..107	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sesmarias e suas localizações.	36
Quadro 2 – Quadro referente aos ex-escravos que se tornaram proprietários de terra mediante compra.	39
Quadro 3 – Comunidades atuais componentes do Quilombo Mata Cavalo.	46
Quadro 4 – Distribuição do total de pessoas, por faixa etária, atendidas na comunidade PSF/FUNASA	52
Quadro 5 – Total de pessoas com curso superior, em 2007.....	109
Quadro 6 – Divisão dos universitários por sexo, em 2007	109
Quadro 7 – Atendimento escolar à Comunidade Mata Cavalo, em 2007.....	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. QUILOMBOS NO BRASIL.....	19
1.1 Quilombos do período colonial à abolição.....	19
1.2 Comunidades tradicionais	26
1.3 Comunidades Negras Rurais e os Quilombos Contemporâneos	27
1.4 A origem do Quilombo de Mata Cavallo.....	33
1.5 Quilombos em Mato Grosso.....	39
1.6 De Escravos a Proprietários – A origem do Quilombo de Mata Cavallo	42
1.6 Historia do nome da comunidade.....	43
2. TERRA DE MEMÓRIA	53
2.1 História Oral.....	49
2.2 Procedimentos metodológicos: o caminho se faz ao caminhar.....	58
2.3 A comunidade de Mata Cavallo	61
2.4 Vestígios históricos -herança do passado escravista de Mata Cavallo.....	62
3. PRODUÇÃO ECONÔMICA E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	71
3.1 A religiosidade e a importância das festas para a comunidade.....	78
4. TERRA DE LUTAS, TERRA DE MULHERES.....	90
4.1 Trajetória das mulheres de Mata Cavallo.....	93
4.2 As mulheres vão à luta	97
4.3 A luta das famílias pela educação escolar de seus filhos	104
4.4 O retorno à terra de origem	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICES.....	121
ANEXOS.....	167

INTRODUÇÃO

A pesquisa teve como objetivo compreender os caminhos percorridos ao longo da história da Comunidade Quilombola de Mata Cavalo, na preservação de sua memória histórica, assim como conhecer os meios utilizados pelos sujeitos envolvidos na transmissão e manutenção dos seus valores culturais ao longo das gerações. Pretende também apresentar uma contextualização da história dos quilombos no Brasil e em Mato Grosso.

O desejo de investigar esse tema é parte de um sonho de que seria possível pensar um projeto de pesquisa em educação, no qual tivesse espaço para se discutir as diferenças e ampliar os conhecimentos sobre elas, acreditando na possibilidade de construir embora consciente do grande desafio que teria de enfrentar.

As experiências e os conhecimentos adquiridos no decorrer da investigação me acrescentaram informações e contribuiu para o meu crescimento intelectual, me proporcionando assim um novo olhar direcionado às comunidades quilombolas, especificamente a de Mata Cavalo, espaço este que constitui o ambiente de vivências e convivências das pessoas que aceitaram tomar parte da pesquisa.

Além dessas motivações está minha formação acadêmica em História, as experiências profissionais como educadora, bem como a participação no curso de extensão sobre relações raciais e educação, oferecido a professores da rede municipal de Cuiabá-MT, em 2005, pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Relações Raciais e Educação (NEPRE), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Entre os vários aspectos da temática do negro abordados no curso estão a história, a religiosidade e a construção das teorias racistas, as quais contribuíram para a escolha do tema. Também não posso deixar de mencionar sobre minha ascendência negra escrava do lado paterno de minha família. Esse aspecto de minha origem foi relevante para o meu interesse em conhecer a história da comunidade negra. Conseqüentemente conhecer alguns dos elementos comuns partilhados pelos meus antepassados.

A história de vida dos quilombolas, se divulgada poderá contribuir para o

conhecimento de aspectos históricos específicos do racismo que permeia as relações sociais na região e no Brasil de maneira geral. No processo histórico de Mata Cavalos, percebe-se que o “silêncio” sobre o passado, longe de cair no esquecimento, foi a forma de resistência dessa comunidade, que ao longo do tempo acumulou uma memória de sofrimentos e vitórias frente à dominação a que estavam sujeitos, e que hoje pode ser expresso publicamente em virtude de seus direitos constitucionais.

Situada na área de Educação entrelaçada ao campo dos Movimentos Sociais e Educação Popular, a pesquisa se ancora em fontes orais, nos depoimentos de moradores do quilombo e documentais com base em leis, decretos e documentos levantados em arquivos. Sobre a educação informal a investigação se pauta no trabalho de Brandão (1981).

Para a explicação das construções das idéias racistas sobre o negro no imaginário social brasileiro, utilizamos o conceito sociológico de raça, fundamentado na definição do antropólogo Kabengele Munanga, o qual ensina que o “[...] conceito de raça é uma construção sociológica é uma categoria social de dominação e de exclusão” (MUNANGA, s/p. 2005).

Mediante o princípio norteador das histórias de vida dos remanescentes e reconhecidos como quilombolas procuramos registrar nessa pesquisa a identidade, a educação informal transmitida através da oralidade de geração em geração e também as relações construídas em um território caracterizado pelas lutas e tradições.

Nos temas educacionais apresentados pela Comissão Internacional de Educação para o século XXI, sobre a finalidade da educação, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define o seguinte:

“Cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos, segundo as tradições e convicções de cada um respeitando inteiramente o pluralismo, esta elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma espécie de superação de si mesmo”.¹

Disso decorre que conhecer a história de diferentes grupos sociais e em particular a memória histórica dos sujeitos pesquisados significa respeitar a diversidade cultural desenvolvida por esses grupos.

¹ Relatório da Comissão Internacional de Educação para o século XXI, 1993.

Para essa recuperação histórica utilizamos os recursos da História Oral, que para Paul Thompson, essa é a primeira forma de história e também a mais antiga. O autor argumenta que nas sociedades sem escrita tudo tinha que ser lembrado. “O tempo, as estações, as leis, os costumes, enfim, todos os valores eram transmitidos de geração em geração através da oralidade” (THOMPSON, 1998, p. 45).

Esse autor, ao se referir à história oral como um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas defende a idéia de que é preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1998).

Em relação à importância de se realizar estudos sobre os quilombos nos dias atuais através de relatos, Reis e Gomes (1996, p. 10), concluem que “[...] por terem constituído comunidades relativamente independentes, os quilombos puderam ser estudados a partir de dentro, inclusive por meio de fontes orais, a memória ainda viva de seus descendentes”. Sobre esse método de investigação me apoio em Thompson (1998) e Reis e Gomes (1996), autores estes que possuem pontos de vista convergentes em relação aos recursos da oralidade como fonte de pesquisa.

A reconstituição da trajetória histórica dos habitantes de Mata Cavallo está fundamentada no conceito de memória coletiva de Hawsbachs, a memória construída e partilhada pelo grupo (1990). Sobre a memória como fonte de identidade, as análises se fundamentam em Le Goff (1997). A memória é um fio condutor para se entender a identidade e a territorialidade, sendo assim, a memória coletiva aparece como um discurso da alteridade, no qual a posse de uma história e de uma memória possibilitam ao grupo a formação de sua identidade.

A Baixada Cuiabana, cenário da economia mineradora nos séculos XVIII e XIX é também o local de origem dos descendentes de escravos da comunidade de Mata Cavallo, situada no Município de Nossa Senhora do Livramento, estado de Mato Grosso.

A comunidade negra rural denominada Mata Cavallo possui raízes históricas no período da exploração do ouro nas lavras da região. No entanto apesar de fazer parte de um longo processo histórico, permaneceu no anonimato assim como tantas outras comunidades rurais da região.

Mas em virtude dos conflitos enfrentados pela invasão de suas terras, ganhou visibilidade. Sua história é marcada pela luta em favor da construção de sua

emancipação política e em defesa de seu território. São grupos sociais negros, proprietários de terras, componentes de uma pequena sociedade dominada por “senhores brancos”, conforme descreve a antropóloga Maria de Lourdes Bandeira, em sua obra *O Estado Novo, a reorganização espacial de Mato grosso e a expropriação de terras de negros: o caso de Mata Cavallo* (1998).

A manutenção de fronteiras raciais, entre o “nós” e os “outros” é um grande indicativo das diferenças culturais que persistem frente aos instrumentos de dominação dos brancos da região onde se localiza.

Segundo essa autora no município de Nossa Senhora do Livramento, a sociedade local distinguia até poucos anos atrás, entre gente de primeira (branco da classe dominante), gente de segunda (brancos remediados, pobres) e gente de terceira (os negros). Nesse processo de visibilidade ocorreu um grande esforço dessa comunidade para afirmar sua presença no mundo dos brancos.

O racismo do ponto de vista de Muganga (2005) é uma construção teórica que dividiu a humanidade em grupos hierarquizados, tendo por critérios as características físicas, tais como a cor da pele, formato do nariz, crânio e etc. Dessas características resultam os suportes ideológicos, para atribuição de valores psicológicos, morais, estéticos e espirituais aos indivíduos de forma desigual.

Das teorias racistas desenvolvidas na Europa nos séculos XVIII e XIX, originaram-se a hierarquização e classificação dos grupos humanos em raças e conseqüentemente o racismo, em que o negro ocupa o último lugar nessa forma de classificação. Conforme Bandeira (1998), nesta matriz ideológica está distribuída a sociedade livramentense, região na qual se encontra a comunidade Mata Cavallo, ambiente desta pesquisa.

Com a coleta dos depoimentos dos descendentes dos ex-escravos de Mata Cavallo, acreditamos assim, contribuir no processo de recuperação da história dos negros escravizados na região. Utilizando a história e a memória como cultura, procuro refletir sobre ambas, como pressupostos para construção de uma identidade quilombola, construída pela comunidade de Mata Cavallo.

Para definição e construção da argumentação sobre a questão quilombola, nos fundamentamos no conceito definido pela Associação Brasileira de Antropologia, reconhecida pela legislação atual como Quilombo Contemporâneo, o qual engloba as comunidades negras rurais habitadas por descendentes de negros escravizados.

A investigação tem como foco a memória histórica, as práticas culturais tradicionais dos quilombolas, a luta pela manutenção de território ancestral, a religiosidade e o papel das mulheres na organização dos movimentos, que têm por objetivos assegurar os direitos tradicionais da comunidade, bem como a conquista de outros direitos que lhes possibilitem exercerem a cidadania.

A título de organização o trabalho que ora se apresenta segue estruturado em quatro capítulos subdivididos em tópicos de acordo com a seguinte explicitação.

O primeiro capítulo trata de uma contextualização histórica dos quilombos no Brasil fundamentado em autores que discutem a temática dentre eles se encontram Abdias do Nascimento (1980), Clóvis Moura (2004) e João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (1996).

Ainda nesse capítulo apresentamos a história dos quilombos no Brasil e em Mato Grosso. Sobre a primeira pautamo-nos em Nascimento (1980), Moura (2004), Reis; Gomes (1996). Quanto à historiografia regional, fundamentamo-nos em teóricos que tratam desse aspecto histórico ocorrido no Brasil, em diálogo com as especificidades da região mato-grossense, tais como Siqueira; Costa; Carvalho (1994), Volpato (1994); Corrêa Filho (1969), Rosa (1990) e Aleixo (1984) e Bandeira (1998). Toma-se como base ainda o conceito de Quilombo Contemporâneo formulado pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

O capítulo dois trata dos procedimentos metodológicos adotados no decurso da pesquisa. Procuramos tecer discussões acerca da reorganização dos habitantes da comunidade de Mata Cavallo como proprietários de terras e senhores de seus destinos, bem assim, a construção de sua identidade e a reordenação do espaço territorial que deu origem aos vários núcleos habitacionais no interior do quilombo. Foram estudados os aspectos da organização social e as formas de pertencimento desenvolvidas pelos grupos, no sentido de manterem seus valores e os laços de solidariedade.

Sobre essa tônica, além dos autores anteriormente mencionados no capítulo um, nos fundamentamos em Paul Little (2002) que trata de aspectos mais específicos acerca de territórios das comunidades tradicionais, e a forma como se deu a construção do território de Mata Cavallo através da memória de sua comunidade. Referenciamo-nos ainda em autores como Bandeira (1998), Rosa (1990) dentre outros. Utilizamos também documentos cartoriais para auxiliar no entendimento da construção e estabelecimento dessa organização comunitária.

Metodologicamente definiu-se por apresentar as construções teóricas entrelaçadas aos depoimentos dos sujeitos informantes que aceitaram tomar parte da pesquisa.

No capítulo 3 são apresentadas as formas de organização social da comunidade, produção econômica e formas de organização do trabalho. Destaca-se também a importância da religiosidade como fator de transmissão e manutenção das tradições do povo de Mata Cavallo. A base teórica desse capítulo tem como referencial os autores Edison Carneiro (...), Glória Moura (2001), Maria de Lourdes Bandeira (1994) entre outros, que se darão em contigüidade com as narrativas dos depoentes.

O capítulo 4 apresenta algumas tessituras tendo como fio condutor a luta das mulheres da comunidade de Mata Cavallo, em busca da construção de sua emancipação política, no sentido de vencerem o preconceito por elas vivenciado. Para tanto fundamentamo-nos em Carneiro (2004), Samara (2003) e Moura (2001; 2004).

Embora não seja objeto da pesquisa trabalhar com a História da Mulher Negra e sua contribuição nos Movimentos Sociais, fazemos referência ao papel desempenhado pelas mulheres dessa comunidade na transformação dos valores e das relações às quais estavam submetidas.

Nesse capítulo foi elaborado um breve resgate histórico da Mulher Negra no Brasil, contextualizando a história das mulheres de Mata Cavallo, ressaltando o papel dessas mulheres na luta pela educação de seus filhos, manutenção das tradições e na conquista de direitos sociais em benefício da comunidade. Por entendermos a situação das desigualdades sociais decorrentes do racismo no Brasil, consideramos a importância de contextualizar a luta das mulheres negras no bojo dos movimentos de emancipação da mulher, devido às especificidades das condições das lutas travadas.

As mulheres da referida comunidade têm uma história relevante de lutas e conquistas ao longo da existência do grupo, através de estratégias diversas. Entre as gerações anteriores as mulheres exerceram papéis importantes na vida social da comunidade. Ali existiam parteiras, rezadeiras, fiandeiras e tecelãs, além de desenvolverem trabalhos domésticos e na roça. Elas supriam também a necessidade das famílias com serviços e produtos resultantes de suas habilidades profissionais, além de apoiarem os homens em suas lutas. Nas últimas décadas, além dos papéis tradicionais, entre as novas gerações encontram-se professoras,

secretárias e estudantes de direito e de outros cursos e as que se e as lideranças políticas. As reflexões teóricas que tratam acerca do assunto são apresentadas junto às narrativas das mulheres depoentes.

E, finalmente, a última parte desse trabalho destina-se às considerações finais em que apresentamos algumas reflexões acerca das análises aqui empreendidas. Nesse sentido constatamos que a reconquista do território da Comunidade de Mata Cavalo aponta que muito mais do que reaver os prejuízos materiais vivenciados por seus componentes, significa também obter de volta parte de sua história que forçosamente fora arrancada de seus portadores.

1. QUILOMBOS NO BRASIL

1.1 Quilombos do período colonial à abolição

Não se pode fazer uma estimativa do tráfico negreiro, pois é difícil contabilizar o desespero dos homens.²

(Joseph Ki-Zerbo)

A instituição escravista, uma prática do Mundo Antigo, foi retomada pelos colonizadores, atrelada aos seus projetos de expansão. A colonização do Novo Mundo era um projeto centrado na aquisição de riquezas, e para isso houve grandes investimentos nas “descobertas” de novos territórios. O Escravismo foi base do Colonialismo europeu na Idade Moderna. Portanto, na visão de Reis (1996), a construção do mundo moderno foi estruturada a partir de milhões de homens e mulheres retirados das terras africanas para trabalharem como escravizados no novo Mundo.

No Brasil, esse modelo econômico foi introduzido sob o domínio português. A acumulação de riquezas estava diretamente vinculada ao tráfico de africanos que constituía a sua principal mão-de-obra.

Pelas características opressoras decorrentes das estruturas político-sociais, as manifestações de rebeldia por parte dos escravizados são registradas pelas autoridades durante praticamente toda a vigência do escravismo no país. Nos registros efetivados pelas autoridades constam principalmente as estratégias construídas pelos escravos para resistirem à dominação imposta pela escravidão. As estratégias de resistência iam desde a negociação com os senhores, pela busca de autonomia até a fuga individual e coletiva.

Em função de tais ocorrências, foram estabelecidas rigorosas leis para impedir a fuga de escravos. Apesar dos rigores, o escravo desafiou o poderio governamental da Metrópole portuguesa e do Império, formando diversos quilombos de tamanhos e estruturas variadas. Para Reis (1996, p.), “[...] a fuga que levava à

² Joseph Ki-Zerbo apud MERLO, 2005.

formação de grupos de escravos fugidos, aos quais freqüentemente se associavam outras personagens sociais, aconteceu nas Américas onde vicejou a escravidão”.

A expressão desse movimento teve no Quilombo dos Palmares, a dimensão da resistência escrava. Estudos demonstram o oposto da idéia de “passividade” do negro diante da opressão. O Quilombo de Palmares, um núcleo de escravos rebelados, nas terras ao sul do atual estado de Alagoas, foi o mais conhecido no Brasil. Estabelecido numa região montanhosa conhecida como Serra da Barriga. Desde o século XVII havia notícia de sua existência, no período de dominação holandesa.

A organização estabelecida no Quilombo dos Palmares foi influenciada por instituições e conhecimentos trazidos pelos africanos. Essas pessoas eram portadoras de culturas diversas por serem trazidas de várias regiões da África. Na visão da igreja e do governo Colonial essas pessoas não eram consideradas portadoras de conhecimentos, por isso, eram vistas como tábula rasa onde eles, os colonizadores, inscreviam seus desejos de dominação (REIS, 1996).

Entre essas culturas já havia a formação de quilombos no seu país de origem.

Os holandeses tentaram combatê-los, porém, sem sucesso. Palmares possuía uma organização social e militar, capazes de criar sérios conflitos entre os quilombolas e as frentes da expansão agro-pecuarista, o que agravou as tensões entre o governo e os quilombolas. Foram organizadas várias expedições e todas foram derrotadas, antes da expedição de Domingo Jorge Velho. De acordo com o documento do Governador da Capitania de Pernambuco, Souto-Maior,³ o quilombo era considerado uma ameaça que precisava ser combatida, e para que isso fosse possível, conforme as informações contidas no documento, concede plenos poderes ao coronel, Domingo Jorge Velho, que organizou uma poderosa campanha militar contra Palmares, conforme os seguintes dizeres:

Capítulos e condições, que concede o Sr. Governador João da Cunha Souto-Maior ao coronel Domingo Jorge Velho, para conquistar, destruir e extinguir totalmente os negros levantados dos Palmares com a sua gente e oficiais, que o acompanham, tudo na forma referida, e ele se obriga nestes artigos a executar o deduzido.

4-Que o Sr. Governador lhe larga os quintos, que das prezas tocarem a Sua Majestade e jóia sua, para que tudo possa o dito coronel Domingos Jorge

³ O quilombo dos palmares. Documentos históricos do Brasil. Biblioteca Pública Estevão de Mendonça de Cuiabá – Mato Grosso.

Velho repartir entre si e seus oficiais, na forma que lhe parecer.

6- Que o Sr. Governador dará aos mesmos conquistadores referidos sesmarias nas mesmas terras dos Palmares, que estiverem livres para as poderem povoar e cultivar como suas, vivendo sujeitos e as mesmas terras ao domínio de Sua Majestade, que Deus guarde[...]⁴

O quilombo sobreviveu aos ataques por quase todo o século XVII. Palmares foi destruído na última década. Seu último líder, Zumbi, foi morto e suas terras foram distribuídas como recompensa de guerra entre seus destruidores. E os sobreviventes foram novamente escravizados. Porém, o sonho de liberdade continuou, e o movimento quilombola continuou existindo em todo o país. Nas palavras de Clóvis Moura (2004, p.) “[...] onde houve escravidão houve resistência”.

O exemplo de Palmares passou para a história apesar da historiografia tradicional não lhe conferir importância por se tratar de um movimento à margem da ordem estabelecida. Foi tratado como sendo mais um caso de polícia, já que assim eram concebidas as manifestações de descontentamento da população pobre, escrava ou livre. Em suas análises sobre a legislação desse período Volpato (1993) observa que os limites impostos pela legislação pesavam efetivamente mais sobre as camadas sociais mais baixas da sociedade, os livres pobres, libertos e escravos. Os escravos que viviam nas fazendas ou minas, quando fugiam reproduziam seu modo de vida em outras áreas, ou seja, trabalhavam a terra para o seu sustento.

As organizações quilombolas se não conseguiram inviabilizar o sistema escravista, conseguiram causar muitas preocupações às autoridades que tiveram que conviver com as rebeliões e a insegurança durante toda a vigência do sistema. É o que parece considerando o aparato legal criado para reprimir as rebeliões de escravos. A Lei Real de 1741⁵ tinha objetivos expressos de impedir a formação de quilombos através da intimidação, e o combate dos fugitivos e destruição dos quilombos existentes. Esses acontecimentos ficaram na “história silenciada”, bem como outros aspectos históricos do povo negro no Brasil.

Por isso, falar em quilombos hoje causa espanto a muitas pessoas. Pois o que vimos nas escolas, referiam-se aos quilombos apenas como locais de negros fujões sem maiores conseqüências, e que desapareceu com o advento da Abolição da escravidão. Os quilombos contemporâneos foram originados ainda no período

⁴ Idem

⁵ Lei Real de 1741, Lisboa Catálogo de documentos históricos de Mato Grosso, 1975, p. 29.

escravista e foram formados por quilombos de resistência, em terra comprada, doada ou ocupação de terras públicas pelo sistema de posse.

De acordo com Reis, a palavra quilombo tem sua origem no idioma africano quimbundo. “Derivaria de kilombo, sociedade iniciática de jovens guerreiros mbundu adotada pelos invasores jaga ou imbangala, estes formados por gente de grupos étnicos desenraizada de suas comunidades.” (1996, p.16). Para a legislação colonial o quilombo, tinha a seguinte definição: “[...] toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, sem ranchos levantados nem pilões neles” (MUNANGA, 2004).

Sob os domínios impostos por um sistema econômico brutalmente explorador, os africanos trazidos para o Brasil não trouxeram apenas a força de trabalho, mas as formas de organização e as estratégias de lutas já praticadas em outro contexto histórico. De certa forma, o colonialismo ao importar os escravos, conseqüentemente “importou” também o quilombolismo. Esses dados requerem reflexões sobre os discursos da suposta passividade do negro perante seus opressores presente no imaginário de nossa sociedade

Agredidos de todas as formas, forçados a sobreviverem em condições degradantes, os povos escravizados lutaram bravamente contra os desmandos de um sistema desumano em prol de sua dignidade. Segundo Nascimento (1980, p. 255), “[...] diante dessa realidade é que nasce a necessidade urgente do negro de defender sua sobrevivência e de assegurar a sua existência de ser”.

Os escravos fugidos não recebiam sequer a catequese, pois na visão dos colonizadores eles estavam em pecado mortal por haverem se rebelado contra o rei, por isso não mereciam a graça de Deus. “E como se bastassem os homens de carne e osso, os senhores e autoridades coloniais lançaram mão de forças divinas” (REIS, 1996, p. 14), para reprimir a desobediência dos escravos.

Estas rebeliões escravas foram violentamente reprimidas. Mesmo assim não paravam de aumentar. Espalharam-se praticamente por o todo o território colonial. Os castigos variavam entre chibatadas em praça pública, torturas e prisões, marcas a ferro em brasa, mutilações e até condenação à morte. No entanto, apesar das repressões, foram formados centenas de quilombos pelo país. Segundo os dados, alguns deles contavam com milhares de pessoas.

Eram de tal forma freqüentes e organizados, que há registros de muitas campanhas empreendidas pelas forças militares dos governos coloniais e imperiais

durante toda duração do período escravista para combatê-los. Muitos foram exterminados pelas tropas coloniais e imperiais. E outros, por mercenários conhecidos historicamente pela sua crueldade aprisionando índios e recuperando negros fugidios e devolvendo aos seus respectivos senhores.

Conforme o texto dessa lei do século XVIII, as fugas de escravos não significavam apenas um prejuízo para senhores, mas também constituíam uma ameaça ao sistema produtivo da colônia. Os rigores prescritos no documento na prevenção e combate às rebeliões nos remetem a tais interpretações.

Eu El Rey faço saber aos que esse alvará em forma de Lei virem, [...] que no Brasil cometem os escravos fugidos, a que chamam vulgarmente quilombolas, [...] hei por bem, que todos os negros, que forem achados em quilombos, e ficando neles voluntariamente, se lhes ponha com fogo uma marca em uma espádua com letra F, que para esse efeito haverá nas Câmaras; e se quando se for a executar essa pena, for achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma orelha Lei Real impressa em Lisboa, em 1741.⁶

Além da dura legislação, foi criada também a figura do capitão do mato, a qual se expandiu por todas as regiões. Produto do medo senhorial da rebelião escrava, o capitão do mato tornou-se indissociável da escravidão e sobreviveu até seu fim (REIS, 1996).

Pois além da coação imposta pelos castigos físicos os senhores obrigavam seus escravos a assistirem aos serviços religiosos sob o pretexto de salvação de suas almas. Conforme as idéias da classe senhorial da época, o escravismo era perfeitamente compatível com as leis divinas representadas pelos reis na terra, conforme podemos entender por esse trecho de um parecer sobre a questão da extinção da escravidão:

A escravidão é uma instituição que recebemos de nossos pais, que tem seu fundamento nas leis, está consagrada pela diuturnidade dos tempos, e que tem sido mantida face, e, diga-se assim, que é pura verdade, com a sanção da religião santa que professamos. (OSÓRIO, 1995, p. 128).

Apesar da violenta repressão, o quilombo ainda era uma alternativa que valia o risco. Era uma das possibilidades para quem não se conformava com sua condição de ser espoliado de sua humanidade, em busca de uma vida melhor e habitar entre os seus. “E com ou sem capitão-do-mato humano ou divino, os quilombos continuaram a povoar os pesadelos dos senhores da colônia” (REIS, 1996, p. 16).

⁶ Lei Real de Lisboa, 1741. Catálogo de documentos históricos de Mato Grosso.

O Quilombo foi a maior expressão da resistência dos africanos ao sistema escravista no Brasil. Ele representa a grande capacidade de organização e luta do negro frente aos tratamentos desumanos que caracterizou esse período da nossa história. A historiadora Luíza Volpato argumenta em seus estudos que em Cuiabá a “[...] a escravidão era um sistema de dominação pessoal baseado na coação; enquanto tal tinha como um de seus alicerces básicos a violência física, administrada de acordo com a vontade arbitrária do senhor, mesmo que existissem os limites jurídicos quando excessivo” (VOLPATO, 1994, p. 117).

A história dos quilombos está inteiramente interligada à história do escravismo no Brasil, pois co-existiu ao sistema em toda sua duração, de certa forma depois da abolição. Para Reis (1996) os quilombos e mocambos floriram com viço especial na capitania das Minas Gerais durante todo o século XVIII, o século do ouro.

Os quilombos demonstram o grau de capacidade e de articulação dos negros escravizados, no enfrentamento da opressão governamental e também na forma de organização da estrutura social e militar. As grandes campanhas militares organizadas pelos governos e também por particulares interessados na recaptura de escravos fugidos, nos levam a crer que além de ser um problema para a mão-de-obra, significava também um problema para a segurança dos senhores.

Nascimento (1980) faz referência às formas de resistência desenvolvida pelos negros escravizados na tentativa de reverter às condições sociais aos quais estavam submetidos. As organizações criadas pelos negros visando conquistar e ampliar seus direitos foram segundo esse autor, inspiradas no modelo de resistência praticado pelos quilombolas ao longo dos séculos da história da escravidão no Brasil. Em suas arguições sobre o tema dos quilombos o autor afirma:

O modelo quilombista vem atuando como idéia força, energia que inspira modelos de organização dinâmica desde o século XV. Nessa dinâmica quase sempre heróica, o quilombismo está em constante reatualização, atendendo exigências do tempo histórico e situações do meio geográfico (NASCIMENTO, 1980, p. 256).

O país foi o último a extinguir a escravidão e mesmo assim a abolição teve caráter puramente jurídico, pois a mesma não previa a criação de políticas públicas para a inserção dos ex-escravos no novo contexto político e sócio-econômico vigente, a partir da publicação da lei; pelo contrário, a imensa massa de trabalhadores liberados não era vista como fonte de mão-de-obra para o novo mercado de trabalho livre.

Vítimas do preconceito e excluídos das políticas públicas, a população negra mais uma vez se vê à mercê da desumanidade instituída pelo racismo e, outra vez, muitos encontraram nos quilombos uma chance de sobrevivência, enquanto outros ocuparam os espaços de acordo com suas possibilidades nas cidades, sobrevivendo de bicos ou desenvolvendo diversas funções subalternas em condições de trabalho humilhantes e mal remuneradas. “De vítima acorrentada pelo regime racista de trabalho forçado, o escravo passou para o estado de verdadeiro pária social, submetido pelas correntes invisíveis forjadas por aquela mesma sociedade racista e escravocrata” (NASCIMENTO, 1980, p. 65).

As pessoas que procuraram guarida na zona rural, ocupando novas áreas ou as que permaneceram nos antigos quilombos, constituíram as chamadas comunidades negras rurais, atualmente chamadas de Quilombos Contemporâneos, a partir da Constituição Federal Brasileira de 1988⁷.

Por longo período, essas comunidades permaneceram no anonimato, diluídas entre a população rural em geral, porém conservam em seu bojo as especificidades históricas que lhes são peculiares. Falar em quilombos ou em populações quilombolas hoje causa estranheza na maioria das pessoas. Essa idéia é devido à lacuna deixada pela história oficial ensinada para a formação do imaginário social brasileiro sobre o negro.

Os breves relatos históricos sobre quilombos, na maioria das vezes, referem-se aos mesmos no passado distante do período escravista e apenas como um refúgio de escravos rebelados, levando a crer que essa forma de organização, extinguiu-se conseqüentemente com a chamada Lei Áurea de 1888.

O “isolamento” em que permaneceram essas populações no final do século XIX, e por várias décadas do século XX, também contribuiu para o desconhecimento desses grupos por grande parcela da sociedade. Ocupando as terras conhecidas por longo tempo sob a definição “terra de preto”, essas populações viviam do cultivo de subsistência. De acordo com Moura (2005), os remanescentes de tais famílias conservam-se nessas terras a várias gerações, sem se proceder ao formal de partilha e sem delas se apoderarem individualmente.

Como dito anteriormente as comunidades quilombolas, se constituíram a partir de vários processos: além das fugas, por ocupação de terras livres geralmente

⁷ Artigo 69 da Constituição Federal.

isoladas, heranças, doações, recebimento de terras como pagamento pelos serviços prestados ao Estado, e pela permanência nas terras em que viviam no interior de grandes propriedades.

De acordo com o relatório de Direito à Moradia e Territórios Étnicos,⁸ “[...] nos quilombos o regime de propriedade era comum e a apropriação do excedente era feita pela coletividade”. O professor Abdias do Nascimento chamou de Quilombismo todas as formas de resistências e de organizações desenvolvida pela população negra na recusa da submissão e nas conquistas de direitos, conforme explicitado a seguir:

O quilombismo se estruturava em formas associativas que tanto podiam estar localizadas no seio de florestas de difícil acesso que facilitava sua defesa e sua organização econômico-social própria, como também assumiram modelos de organizações permitidas ou toleradas, freqüentemente com ostensivas finalidades religiosas (católicas), recreativas, beneficentes, esportivas, culturais ou de auxílio mútuo. Não importam as aparências e os objetivos declarados: fundamentalmente todas elas preencheram uma importante função social para a comunidade negra, desempenhando um papel relevante na sustentação da comunidade africana.

A história do negro é rica em exemplos da capacidade de organização articuladas pelo povo negro em busca de direitos não só da liberdade mais também em encontrar meios de participação social e política. Abdias Nascimento, na obra citada, ao analisar os diversos processos de resistências desenvolvidos pelos negros escravizados no enfrentamento às opressões, na luta pela liberdade, cita os diversos tipos de associações criadas por eles para a conquista de objetivos a serem atingidos. Entre elas as irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, escolas de samba e outras. Todas essas práticas são definidas por ele sob o termo quilombismo.

1.2 Comunidades tradicionais

O Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD, 2004) define conceitualmente comunidades tradicionais da seguinte forma: “[...] são grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usa territórios e recursos naturais

⁸ Relatório Direito à Moradia e Territórios Étnicos, Brasília, 2005.

como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição” (PNUD, 2004, n/p).

As comunidades tradicionais do Brasil são formadas pelos povos indígenas, quilombolas, populações extrativistas e outros tipos de comunidades rurais. Segundo Little (2002), os territórios dos povos tradicionais se fundamentam em décadas, em alguns casos, séculos de ocupação efetiva, como é o caso de Mata Cavalo, que tem sua origem na colonização de Mato Grosso.

As comunidades quilombolas, tal como as comunidades indígenas, têm sua continuidade na tradição e na luta pela manutenção do seu espaço territorial e social. Essas comunidades assemelham-se pelo princípio do uso coletivo da terra, e pela manutenção dos valores através da tradição oral. Cada qual com sua história construída em determinados contextos e situações específicas.

Nesse processo informal de transmissão de conhecimentos, os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem. Uma das formas de ensino-aprendizagem são os ritos religiosos. Nos rituais as pessoas cantam, dançam e representam, e tudo o que fazem não apenas celebra, mas ensina. Para Brandão (1981), ritos são aulas de codificação da vida social e de recreação. E através dos símbolos que se dança e canta, legitima a memória e a identidade dos grupos humanos. O autor afirma ainda que a “educação participa do processo de produção de crenças e idéias que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedade (BRANDÃO, 1981, p, 11)”.

1.3 Comunidades Negras Rurais e os Quilombos Contemporâneos

As comunidades descendentes de escravos ou comunidades negras rurais ficaram no anonimato por longas décadas, diluídas no bojo do contexto geral da população rural brasileira. Os quilombos negros e as reduções indígenas demonstraram a busca incessante da liberdade contra os colonizadores de então através da conquista de um espaço para morar. Quilombo na linguagem ioruba significa habitação, e em banto, “reunião de acampamentos”, “união”. A organização social e econômica presente nas reduções indígenas e nos quilombos caracterizava-

se por um Estado democrático e por uma economia auto-sustentável com regime de propriedade comum⁹. Hoje essas comunidades são chamadas de Comunidades Remanescentes de Quilombos ou quilombos contemporâneos, como especifica a atual legislação.

Os quilombos de hoje correspondem às comunidades negras que habitam um determinado território, desde um longo período, apresentando características específicas enquanto grupo. Originaram-se das terras denominadas pelo INCRA como “terra de preto”, de fazendas falidas, das doações de terras para ex-escravos, das compras de terras pelos escravos alforriados, da prestação de serviços de escravos em guerras (Balaiada, Paraguai) e das terras de Ordem religiosa deixadas a ex-escravos no início da segunda metade do século XVIII.

Porque apesar de livres do cativeiro, essa forma de organização social ainda era uma possibilidade para muitos de exercer de fato sua liberdade, além de adquirir os meios de subsistência de suas famílias de maneira digna. Nas palavras de Nascimento (1980, p. 256), “[...] a continuação da luta político-social se estende por todos os Estados onde existe significativa população de origem africana”.

O isolamento permitiu a reprodução tanto material, bem como a manutenção das formas tradicionais de organização sócio-culturais dessas comunidades. A presença de populações remanescentes é registrada em quase todos os estados brasileiros, sendo que Mato Grosso vem a ocupar o décimo lugar na lista dos estados com maiores índices de comunidades quilombolas, de acordo com a Fundação Cultural Palmares.

Os estudos realizados pelo PNUD comprovam que além dos quilombos formados desde o período da escravidão, desde o início da colonização, existem também os que se formaram após a Abolição. Pois, assim como foi dito, essa forma de organização social ainda era uma possibilidade para muitos de exercer de fato sua liberdade, além de adquirir os meios de subsistência de suas famílias, de maneira digna.

Com a Constituinte de 1988, o movimento negro traz para o debate a situação das Comunidades Negras Rurais. A partir da promulgação da nova Constituição, ampliam-se as discussões inclusive definindo os conceitos sobre essas comunidades descendentes de escravos. Com o avanço das discussões,

⁹ Relatório Direito à Moradia e Territórios Étnicos, Ministério, Brasília, 2005.

ampliaram-se a possibilidade de reconhecimento dessas populações como povos tradicionais, com história e identidades vinculadas aos seus territórios de origem.

Desse modo:

Mocambos, quilombos, comunidades negras rurais, e terras de preto, em verdade, referem-se a um mesmo patrimônio cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo próprio Estado, pelas autoridades e órgãos fundiários. As autodenominações dos camponeses dizem respeito a uma herança histórica, que se renova há várias gerações de negros trazidos para o Brasil na condição de escravos. E para muitos desses grupos a sociedade envolvente ainda é tida como um ambiente hostil. (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2005 – PNUD).

O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (...) diz em seu texto: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos” (Constituição Federal, 1988). Esse artigo com certeza contribuiu para o aprofundamento das discussões relativas às definições dos conceitos de quilombo.

De acordo com Little (2002), os regimes de propriedade dos quilombos, as diversas “terras de preto” e as comunidades cafuzas, possuem diferenças marcantes em relação aos povos indígenas, mas ainda se mantêm dentro da ampla categoria de formas de propriedade comum. Sobre as várias “comunidades negras rurais”, por exemplo, Little, cita Maria de Lourdes Bandeira (1998) que afirma que

[...] o controle sobre a terra se faz grupalmente sendo exercido pela coletividade, que define sua territorialidade com base em limites étnicos fundados na afiliação por parentesco, co-participação de valores, de práticas culturais e principalmente da circunstância específica de solidariedade e reciprocidade desenvolvidas no enfrentamento da situação de alteridade proposta pelos brancos.

Essa definição entrelaça-se ao conceito elaborado pelo grupo de trabalho da Associação Brasileira de Antropologia, em 1994, que expõe o seguinte:

Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de população estritamente homogênea. Nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados. Sobretudo consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e na reprodução de modos de vida característicos, e na consolidação de território próprio. A identidade desses grupos não se define por tamanho nem número de membros, mas por experiência vivida e versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade como grupo. (MOURA, 2005, p. 5).

Houve vários debates sobre a definição de quem seria considerado quilombola ou não na Assembléia Nacional Constituinte, havia os partidários da

concepção de identificação dos grupos tradicionais com direitos apoiados somente na origem pré-colombiana, os chamados “povos autóctones”, e os que defendiam a posição definida como “terras tradicionalmente ocupadas”¹⁰.

Porém apesar do reconhecimento aprovado na Constituição de 1988, a delegação da competência de quem ficaria a cargo tais definições, significou mais uma batalha para os quilombolas e os movimentos organizados de apoio à causa. O reconhecimento garantido no Estado do Pará em 1999 sob o decreto nº 3.572 só foi estabelecido na legislação federal em 2003 com o decreto nº 4.887.

Como se observa o reconhecimento dos direitos das comunidades quilombolas no Brasil é algo bem recente. Da aprovação do Artigo 68 da Constituição Federal em 1988, até a regulamentação desse artigo, transcorreram sete anos. Em 1995 o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) editou a Portaria 307, que determinava que as comunidades quilombolas tivessem suas áreas demarcadas e tituladas. Tal portaria vigorou até 1999 quando a Medida Provisória 1.911 delegou ao Ministério da Cultura a competência para titular as terras quilombolas.

No uso de suas atribuições, a Fundação Cultural Palmares¹¹ editou um pacote de titulações beneficiando doze comunidades. Porém a decisão do governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, em não desapropriar as terras dos quilombolas ocupadas pelos invasores, os objetivos não foram atingidos, segundo a referida fundação, em função da decisão do governo em desapropriar as fazendas em áreas de quilombos.

O Decreto nº 3.912 editado em seu governo inviabilizou os trabalhos atribuídos à Fundação Cultural Palmares, que das doze comunidades beneficiadas com as primeiras titulações, dez sofrem até hoje com os conflitos e não têm acesso livre em determinados pontos, de seus respectivos territórios. Entre elas, a comunidade de Mata Cavallo.

Essas comunidades são alvos constantes de ameaças e de ações violentas por parte dos invasores fazendeiros locais que se utilizam de meios de intimidação que lhes são próprios, que vão desde as agressões verbais à derrubada das casas e

¹⁰ Boletim Informativo do Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas da Universidade Federal de Santa Catarina – NUER, 2005.

¹¹ Portaria MINC 447, de 2 de dezembro de 1999. Essa portaria delega competência à titular da Presidência da Fundação Cultural palmares.

destruição das roças dos moradores, conforme descrito no depoimento de uma mulher quilombola da Comunidade de Mata Cavalão. *Apesar de sermos os legítimos donos de Mata Cavalão, os quilombolas nunca tiveram paz na comunidade, sempre viveram perseguidos por fazendeiros que sempre cobiçaram essas terras pela riqueza do ouro.* (Gonçalina da comunidade Mata Cavalão de Baixo). O que comprova o que nos diz Abdias do Nascimento (1980) sobre a continuidade da luta por dignidade, empreendida pelo povo negro ao longo da história do Brasil. Alguns latifundiários, fazendeiros utilizam-se também dos recursos da lei que permitem o uso da força policial para despejar as famílias das terras que à elas lhe pertencem.

Segundo a Comissão Pró-Índio, esse decreto (3.912) incorreu numa série de transtornos para as comunidades quilombolas, pois restringia os benefícios dos possíveis beneficiários, uma vez que determinou que apenas as terras ocupadas entre 1888 e 1988 seriam contempladas pelo artigo 68 da Constituição Federal.

De acordo com a comissão, provavelmente poucas seriam as que preencheriam tais requisitos, considerando os antecedentes históricos das origens diversificadas tanto do ponto de vista da formação das comunidades quanto da temporalidade.

Desse impasse, o resultado foi o retrocesso das conquistas conferidas no Artigo 68, e nenhuma terra de quilombola foi regularizada durante a vigência desse decreto. Os quilombolas se organizaram em movimentos locais e nacionais pela defesa de seus territórios.

Em 2003, já no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi editado um novo decreto, o de nº 4.887/2003, em resposta às reivindicações das comunidades quilombolas. Tal decreto criou as condições necessárias da retomada para a regularização das terras, utilizando uma conceituação adequada para definir terras e comunidades de quilombo, com a adoção do critério da auto-identificação. Instituiu também a possibilidade de desapropriação de propriedades incidentes nas terras de quilombo, e atribuiu a competência do trabalho de regulamentação ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

As novas regras criadas pelo governo desagradaram a um grande contingente político liderado pelo Partido da Frente Liberal (PFL) que entrou com uma ação no Supremo Tribunal Federal, sob a alegação de inconstitucionalidade do Decreto nº 4887. Na ação, questionavam principalmente os critérios de identificação e a possibilidade de desapropriação. A ação, porém, foi julgada improcedente. Em

2005 foi editada a Instrução nº 20 do INCRA para que fossem efetivadas as decisões previstas no referido decreto. Em seu texto traz as seguintes orientações:

Instrução Normativa nº 20 de 19 de setembro de 2005, regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintração, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos de que tratam o Artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição de 1988 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.

Em relação à conceituação das comunidades negras rurais remanescentes de escravos, a Instrução Normativa em seu Artigo 4º (...) definiu os territórios quilombolas da seguinte forma:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos toda terra utilizada para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural, bem, como as áreas detentoras de recursos ambientais necessários à preservação dos seus costumes, tradições, cultura e lazer, englobando os espaços de moradia e, inclusive os espaços destinados aos cultos religiosos e os sítios que contenham reminiscências históricas dos antigos quilombos.

O Decreto nº 4.887/2003 não só reconheceu os direitos das comunidades quilombolas como também contribuiu para a conquista de outros benefícios sociais em outras áreas. O Artigo 20 do referido decreto, determina que: “[...] para os fins de política agrícola e agrária, os remanescentes das comunidades dos quilombos receberão dos órgãos competentes tratamento preferencial, assistência técnica e linhas especiais de financiamento, destinados à realização de suas atividades produtivas e de infra-estrutura.” Esse artigo deu ao Programa Brasil Quilombola, em março de 2004, autonomia para executar as políticas públicas propostas.

O programa tem por objetivo definir políticas que viabilizem o desenvolvimento sustentável das populações quilombolas respeitando as especificidades históricas e contemporâneas, garantindo os direitos relacionados à titulação e a permanência na terra, garantir outros direitos básicos tais como: alimentação, saúde, previdência social, entre outras políticas públicas destinadas à população brasileira.

Do ponto de vista legal, os direitos conquistados avançaram consideravelmente, porém, de forma lenta, por motivos diversos. No Estado de Mato Grosso, a Constituição Estadual (...) no seu Artigo 33, dos Dispositivos Constitucionais Transitórios diz: O Estado emitirá, no prazo de um ano independentemente de estar amparado por legislação complementar os títulos de terra aos remanescentes de quilombos que ocupem as terras há mais de 50 anos.

Também foi sancionada a Lei 7.775 de 2002, que institui o Programa de Resgate Histórico e Valorização das Comunidades Remanescentes de Quilombos de Mato Grosso.

O Programa criado por iniciativa governamental tem por objetivo identificar e demarcar os territórios ancestrais e as terras remanescentes de quilombos.

Aquela Lei ainda determina ao estado a implementação de projetos de desenvolvimento comunitário, agrário e social e a abertura de linhas de crédito para o turismo cultural e ecológico, a fim de viabilizar as comunidades remanescentes de quilombos. Entre suas ações o programa já realizou o levantamento de comunidades quilombolas. Dos resultados parciais apresentados, foram identificadas setenta comunidades quilombolas, sendo que, de acordo com o programa, a maior concentração encontra-se no município de Poconé.

Procurou-se nessa seção do trabalho apresentar algumas tessituras concernentes aos quilombos contemporâneos cuja população é composta por grupos de negros remanescentes de escravos ou comunidades negras rurais.

O próximo assunto a ser explorado trata da origem do Quilombo de Mata Cavallo, contextualizando os quilombos em Mato Grosso e, na subsequência estreita-se o cenário para a Comunidade de Mata Cavallo.

1.4 A origem do Quilombo de Mata Cavallo

A história do quilombo de Mata Cavallo está vinculada ao processo de expansão territorial e exploração mineral como em toda a história da capitania de Mato Grosso nesse período, e particularmente ao município de Nossa Senhora do Livramento. Em seus estudos referentes à Capitania de Mato Grosso, o pesquisador Edvaldo de Assis afirma que entre 1751 a 1764, entraram em Mato Grosso 3.051 escravos. “Nesse período foi erigida a Vila Bela e fortalecido o poder na Capitania com a chegada de Dom Rolim de Moura, o qual tinha instruções para habitar a região do Guaporé, assegurando os domínios portugueses”. (ASSIS, 1988, p. 40). Esse número de escravos trazidos para a Capitania segundo o autor justificava se “[...] pelas necessidades estratégicas, ou seja, construções dos fortes e manutenção da fronteira, militarização da região e novas explorações auríferas, como foi o caso da mineração do Arraial de Beripoconé”.

A história da ocupação da região de Livramento, conhecido na época como Cocais, está estreitamente ligada ao contexto referido pelo autor sob o argumento que “o povoado de Cocais surgiu com a descoberta do ouro nos primeiros tempos da colonização, em território do atual município de Livramento”. Sua fundação é atribuída ao bandeirante José Paes Falcão (MOURA, 1984, p. 46).

Para o historiador Carlos Rosa “[...] até 1751, Cocais era referido como ‘Lugar’, ‘Arraial’, ‘Capela’. A partir dessa data passou a ser designado como ‘Distrito’, com seus ‘Bairros’, constituindo-se, portanto em unidade administrativo-militar, sede de um dos Distritos de Ordenança de Cuiabá”. Nesse período foi aberto um novo caminho para Vila Bela, passando por São José dos Cocais (ROSA et al, 1993, p. 36).

O descobrimento de ouro em Poconé, em 1770, favoreceu a valorização do território, bem como sua ocupação. E continua Rosa (1993, p. 36) “Por volta de 1787, há um registro de uma Capela na área do Complexo Santana-Carcará-Boa Vida, sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento”. Embora a ocupação do referido território inicie-se ainda nas duas primeiras décadas do século XVIII. Para o autor, a primeira metade da década de 1790 parece ter sido um momento de intensificação da ocupação do território em função da diversificação das atividades econômicas desenvolvidas na região.

Em 58 requerimentos de sesmaria para área, formulados e despachados entre 1786 e 1820, 45% datam do lustro 1790-94. Nesses requerimentos constata-se concentração na “área central” do território, embora manifestem-se atividades produtivas, principalmente criatórias, ao norte e ao sul. Essa tendência mantém-se até 1883. Na “área central” (delimitado a norte pelo rio Pari e a sul por linha entre as confluências Bento Gomes/Landi e Cocais/Cuiabá) ocorre diversificação de atividades produtivas (lavoura, criação, mineração), com predomínio médio da lavoura (51,3%) sobre a criação (38%) e sobre a mineração (10,7%). (ROSA et al, 1993, p. 39).

O predomínio da lavoura na área central segundo o autor estava articulado com a agro-manufatura canavieira que produzia açúcar, aguardente e rapadura. E era na parte noroeste dessa “área central”, assim valorizada pela ocupação secular, que situavam-se as terras de Mata Cavallo.

Os escravos destinados a essa região, estavam distribuídos nas unidades produtivas como as lavouras, a criação e a mineração, principalmente. Os dados referentes à população de Livramento no período de 1794-1862, segundo o autor, representavam um índice de 47,4% de escravos em sua população total, em 1794.

Essas terras pertenciam ao complexo Santana-Carcará-Boa Vida foram arrematadas em hasta pública, segundo o autor, pelo casal Ricardo Alves Basto e Dona Ana da Silva Tavares em 1850. Essas terras pertenciam a João Lopes de Abreu, e constituíam a sesmaria do Ribeirão do Mata Cavalos.

O período em que ocorreu a doação de Mata Cavalos se deu num contexto em que o escravismo já apresentava sinais de decadência, considerando a diminuição da população escrava na região. A partir de 1883, portanto, constitui-se em Livramento um núcleo referencial, provido de propriedade de terras férteis e bem localizadas. Contribuiu para a doação das terras a situação de saúde de dona Anna da Silva Tavares, dona da fazenda, que era precária. Nessa ocasião Dona Anna já estava com idade avançada, sem filhos e viúva há oito anos, condição favorável para sensibilizar-se com o futuro de seus escravos,

A percepção da morte antecede de vários anos o efetivo falecimento. Revela também que o momento dessa percepção é, muitas vezes, um “momento de libertação” por parte de senhores, dentro da situação escravista: é nesse momento que predominam os reconhecimentos de filhos e mães escravos ou libertos; é nesse momento que ocorre boa parte das declarações de liberdade e das doações (ROSA et al, 1993, p. 47).

No testamento de doação, Dona Anna faz referência aos seus escravos e aos que se libertaram. Os libertos referidos eram os escravos que haviam comprado sua liberdade. Para o autor o ato de incluir os escravos que se libertaram no testamento, provavelmente fazia parte de algum “trato” entre a senhora e os mesmos, conforme sua argumentação.

Não é descabido afirmar, em suma, que a doação foi, na prática, resultado de um acordo, por meio do qual, escravos e libertos com ligações de parentesco e/ou laços grupais desenvolvidos no estar juntos, por anos, em uma mesma unidade produtiva, passaram a ter, em comum, a propriedade da terra em Mata Cavalos. Nesse processo, “os que se libertaram” certamente tiveram papel expressivo como mediadores entre o “mundo dos escravos” e o “mundo dos livres. (ROSA et al, 1993, p. 48).

Os libertos eram compostos por um grupo de cinco pessoas, sendo eles quatro mulheres e apenas um homem de 47 anos, de nome Silvério. De Silvério segundo o autor, “sabe-se apenas que era filho de um Nagô e uma Mina; e que é lembrado ainda hoje, na tradição oral dos remanescentes de Mata Cavalos, como o primeiro de uma série de titulares das terras, em nome do grupo”.

Conforme trecho da narração de um dos remanescentes, a memória do presente tem suas raízes fundadas nesse contexto e em torno desse integrante do grupo dos que “se libertaram”, referido no testamento da senhora. Ao relatar a

história da origem de sua família e de sua comunidade, faz uma longa narrativa resgatando suas origens no período da escravidão. As características descritas pelo entrevistado coincidem com as descrições sobre o escravo Silvério, um dos componentes do grupo dos “que se libertaram”, referidos no testamento de Dona Ana da Silva Tavares. *A comunidade aqui é Passagenzinha. Terra do meu avô Silvério da Silva Tavares e da esposa do meu avô que era minha avó, e se chamava Izabel. Não me lembro o sobrenome dela. Ela era de uma senhoria de não sei onde. Meu avô foi escravo daquela senhoria dali do Rondon. (...) (Simão Luis de Moraes).*

O local apontado e descrito pelo informante como sendo o local onde seu avô fora escravo, confere com as análises realizadas por Muraro (2003, p. 9) no inventário do então capitão Antônio Xavier de Siqueira, em 1804. O inventário aponta para a existência da divisão da antiga sesmaria, demarcada em 1788, em duas, sendo que o divisor, segundo os documentos analisados por ele, é o Córrego de Mata Cavallo. A Sesmaria da Boa Vida, ao sul, e a Sesmaria do Rondon, ao norte do Ribeirão Mata Cavallo.

Conforme o entrevistado seu avô comprou as terras onde está localizada a comunidade de Passagenzinha, onde moram seus descendentes. Segundo ele essas terras faziam parte da antiga Sesmaria do Rondon, onde seu avô viveu como escravo. As terras nas quais se localiza a comunidade Passagenzinha é parte da antiga Sesmaria do Rondon que foi fracionada e vendida em partes. A terra da comunidade foi comprada por Silvério da Silva Tavares, segundo o depoente, descendente do fundador dessa comunidade. No Quadro 1, a seguir, seguem as explicitações sobre tal divisão:

Sesmaria da Boa Vida localizada nas proximidades do Córrego Mata Cavallo	Sesmaria do Rondon fica ao norte do Córrego Mata Cavallo e perpassada pelo Córrego Aguaçu
--	---

Quadro 1 – Sesmarias e suas localizações.

Isso está expresso na narrativa de um depoente que explica o seguinte: *Então dona, a importância da terra que meu avô comprou, foi de 2.700 hectares. A senhoria do Rondon liberou para vender. Vendeu partes da terra para quem tinha dinheiro, e para quem não tinha, dizem que doou, mas eu não sei. Mas quem tinha dinheiro comprou. Meu avô, Silvério da Silva Tavares comprou, Graciano também*

comprou. Então aqui na Sesmaria da Boa Vida, a quantia de terra do meu avô, é de 2.700 hectares, foi ele que comprou. Juntando a Sesmaria da Boa Vida e Mata Cavallo, forma um só. Mata Cavallo ficou com o nome de Mata Cavallo, mas é Sesmaria da Boa Vida. Tudo junto, as terras que meu avô comprou, foi assim que minha avó explicou. Assim ficou: Sesmaria da Boa Vida, Mata Cavallo, Rondon Grande, Rondonzinho, e aqui Passagenzinha e aí a Mutuca. E da Mutuca meu avô comprou as terras da banda da Mutuca. Meu avô comprou é. (Simão Luis de Moraes Passagezinha, 75 anos).

Em suas análises sobre a problemática da terra em Mata Cavallo, Bandeira (1998, p, 13), também diz que “[...] analisando os livros de Notas do Cartório de Livramento, evidencia-se, a partir dos anos 80 o parcelamento das sesmarias de Boa Vida e Rondon”.

De acordo com os informantes, seus ancestrais, após adquirirem a liberdade, trabalharam em garimpos, o que possibilitou a compra das respectivas terras citadas por eles, ainda sob a vigência do escravismo. Conforme o trecho da entrevista citada, a liberação de parcela de terras para venda não fazia restrições quanto ao perfil do comprador. Vendiam essas parcelas para quem tinha dinheiro. *Depois da escravidão é que as senhorias que estavam governando venderam as terras. “(...) A senhoria do Rondon liberou para vender. Vendeu partes da terra para quem tinha dinheiro (...)”.* (Simão Luis de Moraes).

Sobre a venda parcelada das áreas das Sesmarias do Rondon e Boa Vida, Bandeira afirma que “o processo intensifica-se após o fim da escravidão”, quando a valorização e revenda, dificulta e impede o acesso dos recém libertos (BANDEIRA, 1993).

Os referidos autores revelam dados sobre compras de terras, efetuadas por escravos em Mata Cavallo. A autora faz referência à parte da sesmaria do Ribeirão do Mata Cavallo, quando essa foi vendida na parte de cima para Marcelino Paes de Barros havia um pedaço denominado Passagenzinha do Capão Redondo. Sobre assunto, o relato de um entrevistado expressa o seguinte:

Eu me chamo Sizenando do Carmo dos Santos, líder da Comunidade de Mata Cavallo de Cima, e sou bisneto de Marcelino Paes de Barros, o fundador da Comunidade Negra de Mata Cavallo de Cima. Meu bisavô comprou essa terra né e deixou pra nós. (Sizenando do Carmo Santo, morador de Mata Cavallo de Cima).

A história de Marcelino é a repetição de outro fato significativo nas duas

sesmarias: o negro comprando sua liberdade e a terra onde antes era escravo. Há ainda informações sobre os outros proprietários relacionados em trechos da entrevista de outro morador ao descrever a história de sua comunidade, mesmo sem se referir especificamente à compra da área onde se localiza essa comunidade. Isso está expresso nas falas subseqüentes, conforme seu Natalino, um dos depoentes:

Eu tenho 43 anos, meu pai morreu com 83 e meu bisavô com 110 anos. Sou nascido e criado aqui em Mata Cavallo. Meu bisavô era Graciano da Silva Tavares. E o pai de meu pai se chamava José Apolinário da Silva. Seu Graciano foi escravo. Ainda era do tempo dos escravos. Fazia cerca pras roças, de pedra e de terra, de três metros de altura, só na enxada e na pá.

E o meu avô, e ainda me lembro de meu avô, eu era criança e meu avô sentado, contava pra nós. Meu avô sentado contava para nós. Dizia que naquela época, os senhorios (pausa) se os negros entrassem na família, tudo era comprado. Os senhorios eram os brancos, eram quem tinham. (gesto simbolizando dinheiro). (...) Por exemplo: daqui pra cá pertencia (indicou uma direção) ao meu bisavô, Graciano da Silva Tavares. E dali pra lá pertencia a Vicente Ferreira de Jesus, Entendeu? Daqui até a Mutuca.

Os ancestrais citados como fundadores das comunidades referidas por ele são os mesmos ex-escravos citados em documentos como proprietários de terras em Mata Cavallo, conforme os autores.

A história de Mata Cavallo revela a diversidade de situações históricas vivenciadas pelos negros escravizados, durante a vigência do Sistema Escravista, bem como a capacidade dos mesmos de estabelecer relações visando à aquisição de sua liberdade e também de bens. Os negros de Mata Cavallo têm um aspecto histórico muito rico para o entendimento dos diversos meios empregados pelos cativos para vencer numa sociedade que lhes era hostil

O fato de vários escravos se libertarem e se tornarem proprietários vários anos antes da Abolição, demonstra a consciência e o esforço do escravo para reverter sua condição social. Sobre essa questão, o advogado Orlando Muraro argumenta:

Ainda de modo particular, a história da comunidade de Mata Cavallo, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento (cerca de 50 quilômetros de Cuiabá), traz uma riquíssima e fartamente documentada história dos proprietários, escravos e homens libertos que palmilharam as terras das denominadas Sesmarias Boa-Vida e Rondon, uma área de duas léguas em quadra. Revela também o aspecto das implicações jurídicas

pouco conhecidas sobre o fato de ter havido escravos, que em determinado lapso de tempo, foram proprietários de terras. (MURARO; SILVA, 2003).

Os remanescentes são portadores de ricas histórias de vida decorrentes das diversas experiências vivenciadas ao longo do tempo. Das condições históricas específicas resultaram formas de ocupação territorial diferenciadas no espaço do atual quilombo de Mata Cavalu. Abaixo delineamos os primeiros proprietários de terras dessa comunidade. É o que mostramos no Quadro 2, a seguir:

Marcelino Paes de Barros	Graciano da Silva Tavares	Vicente Ferreira de Jesus	Silvério da Silva Tavares
--------------------------	---------------------------	---------------------------	---------------------------

Quadro 2 – Ex-escravos que se tornaram proprietários de terra mediante compra.

Do que foi exposto aqui depreendemos que a conquista de direitos e a aquisição de bens materiais por esses grupos comunitários apontam para ações bem sucedidas conquistadas ainda sob a vigência do escravismo evidenciando o esforço empreendido pelo negro no sentido de se incluir socialmente através da ascensão econômica.

O próximo assunto a ser tratado diz respeito a uma sucinta contextualização da história dos quilombos em Mato Grosso.

1.5 Quilombos em Mato Grosso

A história dos quilombos em Mato Grosso está relacionada à história da ocupação da província no século XVIII. O povoamento da capitania deu-se através de duas formas de ocupação: a ocupação mineira e a defesa militar das fronteiras (ALEIXO, 1984, p.23). No processo em busca de riquezas minerais, os bandeirantes descobriram minas em diversas regiões e períodos, intensificando a entrada de mineiros no sertão mato-grossense. A exploração das minas de Mato Grosso, além da busca de riquezas, também está articulada ao seu processo de expansão territorial e proteção das fronteiras.

Com a descoberta das minas, a região passou a ter maior importância também para assegurar territórios frente aos avanços do império espanhol. Para Canavarros (1998) esses aspectos eram de grande relevância pela localização de Cuiabá em um território que servia tanto de zona protetora das minas de ouro como também facilitava a expansão territorial. Em suas análises os interesses políticos em

relação à Cuiabá estavam acima dos interesses econômicos.

As descobertas de ouro em vários pontos da capitania fizeram a distensão territorial da colônia portuguesa até as missões estabelecidas no império espanhol, vizinho e rival. Na busca de índios para escravizar, a bandeira comandada por Pascoal Moreira Cabral encontrou ouro nas margens do rio Coxipó, em 1719. E assim como nas demais regiões, para executar o trabalho nas minas da província de Mato Grosso foi introduzida a mão-de-obra escrava de origem africana.

Os escravos eram transportados pelas monções tipo de transporte fluvial usados no transporte de passageiros e cargas para Mato Grosso no referido período provenientes de outras províncias ou recém-chegados da África. Segundo Siqueira (1994) o escravo que inicialmente foi destinado às lavouras de cana-de-açúcar, foi deslocado para outras atividades, elevando seu preço no mercado de escravos. Considerado mercadoria cara, a riqueza dos senhores era medida pelo número de escravos que possuíam. Para atender a demanda da mão-de-obra, foi intensificado o tráfico interprovincial. Dessa forma ingressou em Mato Grosso um número significativo de escravos em função da extração do ouro.

Quando foi criada a capitania de Mato Grosso, com sede/capital no vale do rio Guaporé (Vila Bela da Santíssima Trindade), a entrada de negros africanos tornou-se mais abundante, umavez que eram eles trazidos via Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, como uma das mercadorias mais desejadas pelos colonos de Mato Grosso. (SIQUEIRA, 1994, p. 131).

O escravo nessas regiões executava vários tipos de atividade, destacando entre elas a mineração. Obrigados a trabalharem em condições insalubres e perigosas, o negro foi o principal elemento de extração e acumulação de riquezas para a classe senhorial aqui estabelecida. Diante das condições de vida desumanas impostas aos escravos, a fuga foi uma das alternativas de resistência a essas condições praticadas pelos escravos em todo o período colonial e em todas as regiões. A legislação garantia ao proprietário de escravos todos os direitos sobre os mesmos.

Para Luíza Volpato (1993), a busca da liberdade se colocava de duas formas: uma era conseguir escapar, e a outra, não ser recapturado. Afirma ainda que: “várias foram às estratégias de que os escravos fugidos fizeram uso para se manterem em liberdade, variando conforme a época e a região”. Nos primeiros tempos da colonização, praticamente a única alternativa para o escravo fugido era

embrenhar-se na mata à procura de abrigo. Os grupos de refugiados que escapavam das perseguições, formavam os quilombos. Por medo de serem recapturados por seus senhores e conseqüentemente retornar ao cativeiro, procuravam por lugares de difícil acesso para construir sua nova vida.

Na província de Mato Grosso, desde o início da colonização, houve formação de vários quilombos. Entre eles o Quilombo do Quariterê ou Piolho, surgido por volta de 1770 e 1771. Em sua pesquisa Siqueira, (1994) apresenta dados sobre a população e suas condições de vida nesse quilombo, visto como referência em termos de estrutura política e social complexa e organizada, entre os quilombos de Mato Grosso. De acordo com a autora:

A aldeia do quilombo era composta de negros, crioulos, índios da nação Cabixi e de caburés. Para sobreviverem, dividiam o trabalho por sexo: aos homens cabia a caçar, lenhar, melar e cuidar dos animais domésticos (patos selvagens, galinhas, mutuns, jacus e jacumins); às mulheres, confeccionar a alimentação, utensílios domésticos e vestuário. Dessa forma o quilombo era auto-suficiente, pois seus habitantes não poderiam, regularmente, manter relações comerciais com os arraiais ou vilas, por estarem sendo vítimas de captura, por parte de seus senhores. (SIQUEIRA, 1994, p. 134).

Esse quilombo foi estabelecido às margens do rio Piolho, a princípio comandado por José Piolho. Com o seu falecimento, assume o comando sua esposa Teresa, figura respeitada no quilombo e chamada por “Rainha Teresa”. A rainha Teresa manteve-se à frente da administração até quando por ocasião do aniquilamento do quilombo pelas tropas governamentais.

Em Mato Grosso, além dos quilombos, os escravos das regiões fronteiriças, contaram com mais uma alternativa de busca da liberdade. Pois além da formação de quilombos, os escravos também evadiam pelas fronteiras. As fugas de escravos para os países vizinhos também foram significativas, criando conflitos diplomáticos entre as autoridades de ambos os lados. A historiadora Lúcia Helena Aleixo (1984) trás importantes informações referentes às fugas de escravos de Mato Grosso para países vizinhos. De acordo com a autora, os relatórios dos presidentes da província denunciam as freqüentes fugas de escravos tanto para os quilombos, como também as fugas pela fronteira. Os escravos estabeleciam relações de interesse recíproco, com os membros dos países que os acolhiam.

As fronteiras das nações vizinhas representavam um grande incentivo para tais fugas. Em diversas ocasiões, a Bolívia e o Paraguai serviram como reduto para as fugas de escravos. Esse fato provocou não poucas vezes, a necessidade de justificativa perante às autoridades dos países envolvidos

nesse tipo de incidente (ALEIXO, 1984, p. 82).

O governo de Mato Grosso acusava os governantes vizinhos de afrontá-lo, ao conceder guarida aos fugitivos. As reclamações não se restringiam apenas à perda da força de trabalho, mas também aos lucros que os colonizadores espanhóis adquiriram através dos conhecimentos levados pelos negros em relação à agricultura, principalmente ao cultivo da cana-de-açúcar.

No ponto de vista de Virgílio Correa (1969), as fugas dos escravos de Mato Grosso para os países vizinhos, beneficiavam não só os escravos que adquiriam sua liberdade, mas também os senhores dos locais que os acolhiam, pois além de contribuírem para o aumento da força de trabalho local, contribuíram também na economia e na cultura local, com seus conhecimentos reconhecidos de agricultura.

As pesquisas sobre quilombos revelam que: apesar da repressão, os cativos tentaram conquistar sua liberdade de todas as formas possíveis. Evidencia também a capacidade dos fugitivos em organizar a vida, provendo o abastecimento e a defesa de seus integrantes.

Em Mato Grosso, assim como em todo o Brasil durante o Sistema Escravista, conviveu com os quilombos e a insegurança que eles representavam para os escravocratas.

1.6 De Escravos a Proprietários – A origem do Quilombo de Mata Caval

No espaço geográfico englobando o contexto mato-grossense se encontram as mesorregiões que reúnem as comunidades quilombolas no Estado, conforme se pode apreciar na Ilustração 1, a seguir:



Ilustração 2: Mapa de localização das comunidades quilombolas no estado de Mato Grosso.

Legenda: ■ Comunidade quilombola de Mata Cavallo situada no Município de Nossa Senhora do Livramento/MT.

Fonte: Relatório Agro-extrativista. Ministério do Meio Ambiente

O Estado de Mato Grosso está dividido em quatro mesorregiões: O município de Nossa Senhora do Livramento faz parte da mesorregião Centro-Sul matogrossense na microrregião de Cuiabá.

Nossa Senhora do Livramento foi fundada por ocasião da descoberta do ouro na região dos Cocais. Era rota de viagem que dava acesso à Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso. Sua data de fundação é de 1885.

A Comunidade Quilombola de Mata Cavallo está localizada a cinquenta quilômetros da cidade de Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso. No município de Nossa Senhora do Livramento e aproximadamente dez quilômetros da cidade sede do referido município.

1.7 História do nome da comunidade.

O nome de Mata Cavallo segundo os moradores deve-se ao córrego do mesmo nome. Conta-se que antigamente havia uma estrada que passava pelas suas terras que servia de rota para os viajantes. Contam também que os serviços dos correios eram transportados em cavalos. Nessa rota ficava o córrego. Certo dia durante o período das cheias o córrego estava muito cheio e os peões estavam receosos em atravessar com a tropa repleta de cargas. Pediram aos seus chefes para esperarem a enchente vazar por causa do perigo que corriam porem receberam ordens para atravessar de qualquer jeito. Ao tentar a travessia, foram arrastados pela correnteza e morreram os homens e os cavalos. A partir desse episódio o córrego ficou conhecido como o rio que mata cavalos. Com o passar do tempo o nome foi simplificado para Mata Cavallo para nomear o quilombo como um todo.

A foto a seguir ilustra o córrego tal qual ele se encontra na atualidade:



Ilustração 2: Córrego Mata Cavalo
Foto: Maria dos Anjos Lina dos Santos, em 2006.

O município faz parte da microrregião definida como Baixada Cuiabana e sua economia se caracteriza pelo predomínio das atividades agropecuárias. Possui uma área equivalente a 5.192,568 km². Altitude: 232 metros, com uma população total de 13.361 habitantes, sendo que desse índice populacional, o quilombo de Mata Cavalo possui 2.090.

O território de Mata Cavalo encontra-se aproximadamente a cerca de 10 km da cidade sede do município. Para se chegar ao quilombo, saindo de Livramento, segue-se a rodovia MT-060, margeada de vegetação típica do cerrado e fazendas. Verifica-se um marco feito de grande pneu, que define o início da área do quilombo. Alguns quilômetros à frente pode-se ver as primeiras casas dos habitantes que residem às margens da rodovia MT-060, conforme se pode apreciar na foto seguinte:



Ilustração 3 – Marco do início do quilombo na rodovia MT-060 sentido Cuiabá-Poconé/MT.
Foto: Jorge Pinho, em 2007.

O marco representado por um grande pneu branco substitui os marcos naturais tradicionalmente utilizados pela comunidade ao longo de sua história, tais como córregos, árvores entre outros. A casa branca ao alto com um telefone orelhão em frente, e outra construção apenas com uma cobertura precária sem paredes, é conhecida como o barracão de reuniões, ou simplesmente o barracão da dona Tereza. As reuniões são efetuadas nos barracões e também nas escolas da comunidade.

Porém, são poucas as casas visíveis ao longo da estrada. A maioria dos habitantes reside no interior da propriedade, de acordo com as divisões feitas pelos seus ancestrais, que deram origem às várias comunidades estabelecidas no quilombo, sendo que a maioria reside em casas construídas de madeira e palha.

O território de Mata Cavallo é coberto em parte, por uma quantidade razoável ainda de vegetação nativa e alguns córregos e lagoas. Os principais córregos são: o Brumado e o Mata Cavallo, sendo que o segundo deu origem ao nome da comunidade. São córregos perenes de grande importância para os quilombolas. As

comunidades vivem nas proximidades dos mesmos, pois além de fornecer a água para uso doméstico, o córrego também fornece peixes para a dieta dos moradores.

No passado, boa parte da dieta das famílias era proveniente da caça, da pesca e também de frutos coletados na natureza. Porém, hoje isso é cada vez mais raro devido à degradação provocada pelas constantes invasões de suas terras.

A população de Mata Cavalo está dividida em seis comunidades com várias denominações utilizadas pelos moradores no processo de identificação das famílias. Essa população está assim distribuída:

Comunidade Estiva (ourinho)	Comunidade Mata Cavalo de Baixo	Comunidade Mata Cavalo do Meio	Águaçu (Passagenzinha)	Comunidade Mutuca	Comunidade Mata Cavalo de Cima
-----------------------------	---------------------------------	--------------------------------	------------------------	-------------------	--------------------------------

Quadro 3 – Comunidades atuais componentes do Quilombo Mata Cavalo.

A formação dessas comunidades tem origem nos ancestrais dos descendentes e herdeiros. A história sobre os casais fundadores e conseqüentemente a criação das comunidades no interior do quilombo, encontra-se nas narrativas dos moradores principalmente dos mais velhos⁶⁷, os quais são uma espécie de guardiães da memória da comunidade.

As famílias habitam os locais outrora ocupados pelos ancestrais numa relação afetiva com os locais onde viveram seus parentes. A comunidade da Estiva foi fundada pelos descendentes da ex-escrava Beatriz membro do grupo de 38 descendentes de Dona Anna da Silva Tavares, de acordo com as explicitações que se seguem:

- Comunidade Estiva
- Ancestral: Beatriz
- Filhos de Beatriz: Rita, Francisco, Benedita, André e Gregório
- Filhos de Gregório: Rita e Albano
- Filhos de Rita: Benedito Gregório
- Benedito Gregório é pai de seu Antonio Benedito da Conceição.
- Dona Teresa Arruda da Conceição é filha de se Antônio
- Dona Teresa é mãe de Lúcia.

Dona Lucia é mãe de Gonçalina de Arruda Almeida, que por sua vez, é mãe de Evelyn.

A comunidade Estiva é originada pelos descendentes da ex-escrava Beatriz também referida no grupo de libertos por ocasião do testamento. Ela é bisavó de seu Antônio Benedito da Conceição (Antônio Mulato). A seguir apresenta-se a árvore genealógica da referida comunidade, conforme a Ilustração:

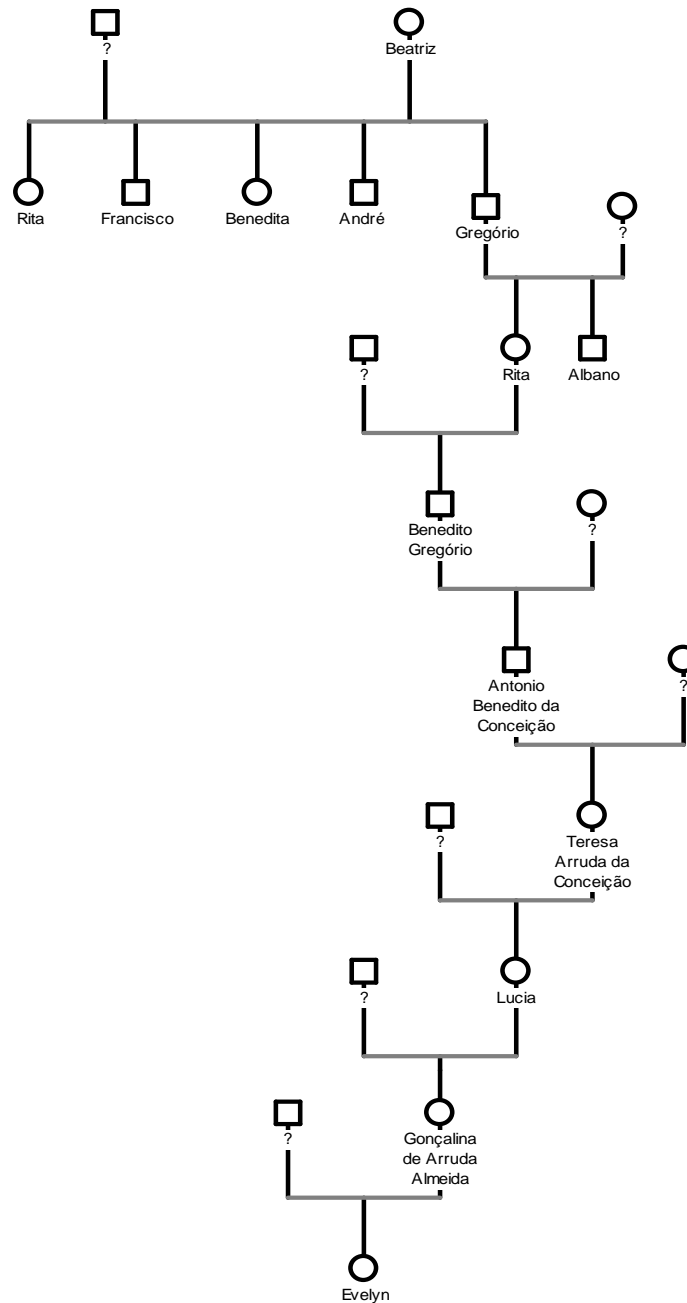


Ilustração 4 Comunidade Estiva – Árvore genealógica dos descendentes da ex-escrava Beatriz.

A comunidade de Aguaçu ou Passagenzinha foi fundada pelo ex-escravo Silvério da Silva Tavares. Ele é um dos escravos referidos no testamento de dona Anna da Silva Tavares como “os que haviam se libertado”. Ele é bisavô de seu

Simão Luís de Moraes.

Comunidade Aguaçu ou Passagenzinha tem como ancestral Silvério da Silva Tavares, Silvério é avô de Antônio Luís, Antônio Luís é pai de Simão, conforme se aprecia na Ilustração 5 a seguir:

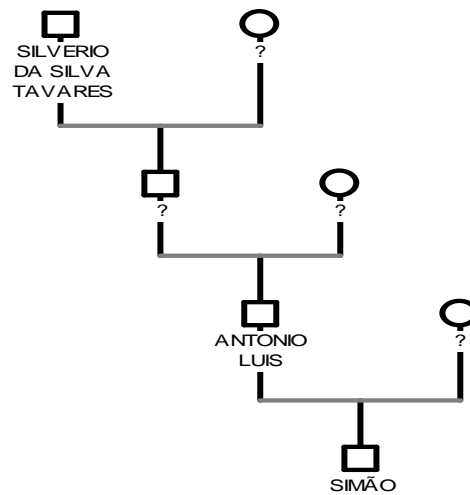


Ilustração 5 – Comunidade Passagenzinha – descendentes de Silvério da Silva Tavares.

A comunidade de Mata Cavalão de Cima foi fundada pelo ex-escravo Marcelino Paes de Barros, que comprou terra por ocasião do fracionamento da Sesmaria do Rondon. Entre seus descendentes está o líder dessa comunidade seu Sizenando do Carmo Santos, filho de Lucinda do Carmo Santos neta de Marcelino É o que a Ilustração 6 vai mostrar:

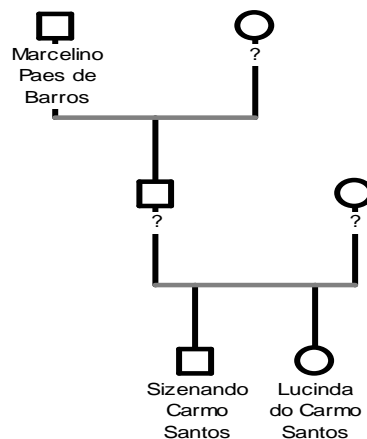


Ilustração 6 – Comunidade Mata Cavalão de Cima – descendentes do ex-escravo Marcelino Paes de Barros.

Mutuca (antiga Estrada Velha) foi fundada por Vicente Ferreira de Jesus, pai de Macário, bisavô de seu Clemêncio Ferreira de Jesus e Germano Ferreira de

Jesus, que era filho Miguel e dona Dominga líder da comunidade. Dona Domingas é avó de Laura Ferreira de Jesus uma jovem líder da Comunidade Mutuca.

A seguir apresentamos aqui a Comunidade Mutuca e Mata Cavallo do Meio das quais é oriunda Rita Graciana Ferreira de Jesus, neta de Vicente Ferreira de Jesus e de Graciano da Silva Tavares. Ambas as comunidades estão entrelaçadas pelo parentesco fundado nos ancestrais em comum, conforme se aprecia na Ilustração 8:

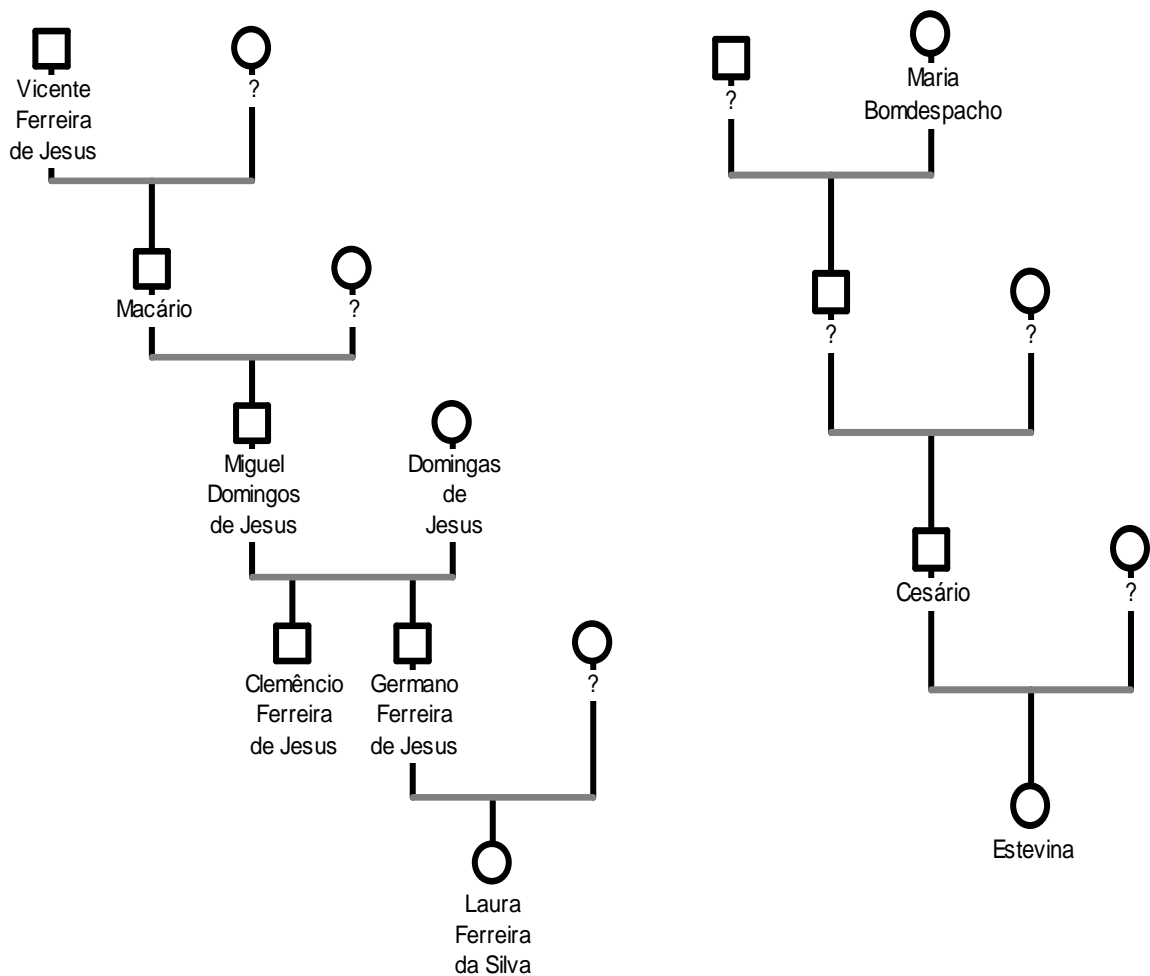


Ilustração 7 – Comunidade Mutuca e Mata Cavallo do Meio.

As comunidades de Mata Cavallo de Baixo, Mata Cavallo do Meio e Capim Verde, reúnem a maioria dos descendentes de Graciano da Silva Tavares. Ele também comprou as terras onde se encontram as comunidades de Mata Cavallo de Baixo e do Meio. O ex-escravo Graciano é bisavô de seu Natalino Marino que tem como ancestral Graciano da Silva Tavares, Rita Graciana Ferreira de Jesus neta de

Graciano que teve ainda como descendentes: José Apolinário da Silva, Natalino Marino da Silva, Maria Bomdespacho era avó de Cesário que é pai de dona Estevina.

Na seqüência apresentamos a árvore genealógica da Comunidade Mata Cavallo de Baixo, mostrado mediante a Ilustração 9:

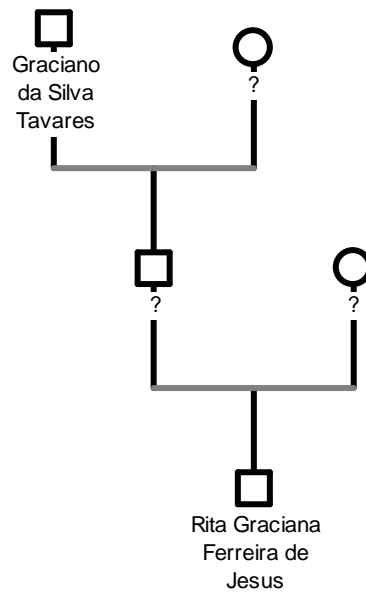


Ilustração 8 – Comunidade Mata Cavallo de Baixo

Das comunidades que compõem o quilombo de Mata Cavallo, algumas estão quase vazias devido à violência empregada pelos invasores. As famílias mudaram ou foram despejadas em razão do processo de invasão. A Comunidade Capim Verde foi praticamente desocupada em função das invasões. Os moradores dessa comunidade foram despejados por ações violentas dos fazendeiros invasores das terras do quilombo. Suas casas foram derrubadas e os moradores ameaçados. Diante dessas ações as famílias temerosas pelas suas vidas, saíram em busca de local seguro enquanto aguardam a decisão da justiça para retornarem aos seus antigos lugares.

Eles estão temporariamente em casas de parentes no quilombo e também em outras localidades como Cuiabá, bairro Cristo Rei antigo “Capão dos Negros”, na cidade de Várzea Grande-MT, enquanto aguardam a decisão da justiça. Alguns já

retornaram, apesar dos conflitos ainda existentes. Na seqüência, a Ilustração 10 expressa o resultado das agressões aos habitantes da mencionada comunidade.



Ilustração 9 – Casa destruída pelos invasores.
Foto: Maria dos Anjos Lina dos Santos.

Do processo de expulsão dos moradores de Mata Cavalo originou-se a formação do bairro Capão dos Negros em Várzea Grande-MT. Segundo eles, as primeiras famílias a ocuparem aquele espaço eram oriundas das comunidades atingidas pela violência. Ainda hoje muitas famílias sofrem com o problema. Em 2006 por ocasião da pesquisa ocorreu outra cena de expulsão de várias famílias mediante a derrubada de suas casas. Algumas casas foram derrubadas e os moradores expulsos de suas terras. Essas ações coincidiram com o período de coleta dos dados por isso foi possível registrar o acontecimento horas depois do acontecido em agosto de 2006.

As comunidades têm referência numa ancestralidade e estão entrelaçadas pelas relações de parentesco as famílias se misturaram através dos casamentos. Encontramos pessoas que declaram pertencerem tanto a uma comunidade quanto à outra. Não há separação rígida nessas divisões e sim um sentimento de pertença

com raízes no passado histórico que as precederam.

Elas dão continuidade às tradições herdadas de seus antepassados e mantêm vivos os laços com o lugar como forma de continuarem juntas aos seus entes queridos que vive na memória de seus parentes ainda.

De acordo com os dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família (PSF), do Ministério da Saúde que atende as populações rurais em Mato Grosso¹² o quilombo possui um total de 174 famílias que são atendidas pelo referido programa. Essas totalizam 458 pessoas classificadas nas seguintes faixas etárias: 84 pessoas com idade superior a 60 anos. 253 adultos entre 19 e 59 anos e 121 crianças e adolescentes até 19 anos. As famílias são distribuídas com base nos critérios de parentesco. Ocorre também que várias pessoas foram para Cuiabá e Várzea Grande (MT), e até outros Estados, em busca de estudos e melhores condições de vida, enquanto seus familiares permanecem no quilombo.

O Quadro 2, subsequente apresenta o total de pessoas atendidas pelo PSF na comunidade, distribuídas por faixa etária.

Pessoas com idade superior a 60 anos	Adultos com idade entre 19 e 59 anos	Crianças de 0 a 19 nos
84	253	121

Quadro 4 – Distribuição do total de pessoas, por faixa etária, atendidas na comunidade PSF/FUNASA¹³

Nesta subseção pretendeu-se retratar um pouco da história da ancestralidade das comunidades inseridas no Quilombo Mata Cavallo. Procuramos ainda tecer discussões acerca da origem e divisão dos grupos com base nas memórias de seus protagonistas. As vivências, segundo as narrativas evidenciaram a luta de um povo em defesa de seu território e de sua emancipação em busca do exercício da cidadania.

¹² Dados do programa de Saúde Familiar que atende as populações rurais de Mato Grosso/2006.

¹³ Fundação Nacional de Saúde.

2. TERRA DE MEMÓRIA

Nesse capítulo apresentamos os percursos e os recursos metodológicos da investigação, ou seja, a história da comunidade do ponto de vista dos sujeitos que fizeram parte da pesquisa. Os relatos recriam a trajetória histórica do grupo suas histórias de sofrimento e de lutas e das desarticulações do grupo. Traz também o conhecimento dos tipos de relações estabelecidas entre o grupo ao longo das gerações. Os fios teóricos são tecidos junto às narrativas dos sujeitos depoentes.

Halbwachs, em seus estudos sobre a memória, destaca as diferentes referências que compõem nossa memória e os meios em que ela se insere na coletividade.

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, p. 55).

Sobre as formas de elaboração da memória coletiva o autor diz que a nação é o modo mais acabado de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva. Pois o homem sempre se preocupou em lembrar e ser lembrado. No entanto como afirma Le Goff (1997) o que sobrevive não é um conjunto que realmente existiu no passado, mas uma escolha efetuada pelas forças que atuam no desenvolvimento do mundo e pelos que se dedicam ao do tempo e do que se passa, referindo-se aos historiadores.

O autor apresenta vários tipos de conceitos de memória e sua função social ao longo da história. Para os gregos, a memória era definida como uma deusa, chamada Mnemosine, inspiradora dos poetas conforme sua descrição:

Mnemosine é a mãe das nove musas que ela procriou no decurso das nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos, preside à poesia lírica. O poeta é um homem possuído pela memória, o aedo é um advinho do passado, como o advinho do futuro. É a testemunha inspirada dos 'tempos antigos', da idade heróica e, por isso, da idade das origens. (LE GOFF, 1997, p. 20).

Tratando acerca de uma das funções da memória o autor diz que ela tem “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar

impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1996, p. 423)”.

Argumenta esse autor que ao longo da história, podemos observar a memória como fonte de identidade individual e de identidade coletiva de uma determinada sociedade, e ainda como objeto de disputa das forças sociais pelo poder; na medida em que ela é um fator muito importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo.

Nesse sentido, a memória tem papel fundamental para a sobrevivência das sociedades tradicionais e, os estudos realizados através da história oral são importantes para a realização dos registros dessas memórias.

2.1 História oral

A história oral passou algum tempo fora do interesse acadêmico, sendo retomada com a denominação de Moderna História Oral, pela Universidade de Colúmbia, Nova York, em 1947, pelo pesquisador Allan Nevins.

Alessandro Portelli, em palestra proferida no X Congresso de História Oral (2000), enfatizou a importância desta proposta teórico-metodológica como uma ferramenta baseada na memória para questionar interpretações que, atualmente, estão empenhadas em retratar o século XX como o século dos horrores. No dizer do autor:

No seu entender, a história oral é a metodologia que pode recuperar para o século XXI a visão de que o século XX produziu uma série de lutas importantes pela defesa da igualdade social. O desafio da história oral nesse sentido é mostrar, diferentemente do que costuma ser consagrada que a memória não é apenas ideológica, mitológica e não confiável, mas sim um instrumento de luta para conquistar a igualdade social e garantir o direito às identidades. (ALBERTI, 2000, p. 13).

Na perspectiva da história oral, nas sociedades tradicionais, é através do convívio e da narrativa, que os mais velhos transmitem aos mais novos os hábitos, a religião, as técnicas de trabalho e a cultura do grupo em geral. Desse ponto de vista pode-se dizer que a educação nessas comunidades ocorre de forma espontânea com base no convívio. É através desse processo que elas criam e recriam o modo de vida com base nas experiências vividas coletivamente. O conhecimento das técnicas, do cultivo das roças, a religiosidade e as regras de conduta, preservam e

instauram saberes a serem disseminados de geração em geração.

Ao realizarmos um estudo sobre relatos orais como forma de entender a trajetória histórica da comunidade de Mata Cavallo, acreditamos ampliar o debate e dar visibilidade a seus protagonistas e à suas práticas sociais desenvolvidas ao longo de sua existência, ou seja, dar vozes aos que foram por tanto tempo silenciados.

Ao tratar sobre a importância da narrativa aquela autora argumenta que “[...] um acontecimento ou uma situação vivida não pode ser transmitido a outrem sem que seja narrado (ALBERTTI, 2004, p. 77)”.

A narração de história de pessoas comuns e no local onde elas se encontram, possibilita outras interpretações fundadas em suas experiências.

O grupo, assim, não se define só espacialmente, mas historicamente também; ele possui uma memória social e coletiva, enfim, uma história, que é criada e recriada segundo o universo simbólico dos sujeitos e as condições sociais nas quais estão imersos. (Pietrafesa de Godoi, 1999: 28-29 apud, SANTOS, 2006, p, 42).

A reconstituição da trajetória histórica dos habitantes de Mata Cavallo está fundamentada no conceito de memória coletiva de Hawsbachs (1990). Halbwachs, em seus estudos sobre a memória, destaca as diferentes referências que compõem nossa memória e os meios em que ela se insere na coletividade.

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, p. 55). Pois o homem sempre se preocupou em lembrar e ser lembrado. No entanto como afirma Le Goff (1997) o que sobrevive não é um conjunto que realmente existiu no passado mais uma escolha efetuada pelas forças que atuam no desenvolvimento do mundo e pelos que se dedicam ao do tempo e do que se passa, referindo-se aos historiadores.

A memória como fonte de identidade e continuidade de um grupo social, será fundamentado em Le Goff (1997). O autor apresenta conceitos básicos de memória bem sua função social ao longo da história. Para os gregos, a memória era definida como uma deusa, chamada Mnemosine, inspiradora dos poetas conforme sua descrição:

Mnemosine é a mãe das nove musas que ela procriou no decurso das nove noites passadas com Zeus. Lembra aos homens a recordação dos heróis e dos seus altos feitos, preside à poesia lírica. O poeta é pois um homem possuído pela memória, o aedo é um advinho do passado, como o advinho do futuro. É a testemunha inspirada dos ‘tempos antigos’, da idade heróica

e, por isso, da idade das origens. (LE GOFF, 1997, p. 20).

Tratando acerca de uma das funções da memória o autor diz que ela tem “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1996, p. 423)”.

Argumenta esse autor que ao longo da história, podemos observar a memória como fonte de identidade individual e de identidade coletiva de uma determinada sociedade, e ainda como objeto de disputa das forças sociais pelo poder; na medida em que ela é um fator muito importante no sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou grupo.

Nesse sentido, a memória tem papel fundamental para a sobrevivência das sociedades tradicionais e, os estudos realizados através da história oral são importantes para a realização dos registros dessas memórias. A história oral passou algum tempo fora do interesse acadêmico, sendo retomada com a denominação de Moderna História Oral, pela Universidade de Colúmbia, Nova York, em 1947, pelo pesquisador Allan Nevins¹⁴.

Alessandro Portelli, em palestra proferida no X Congresso de História Oral (2000), enfatizou a importância desta proposta teórico-metodológica como uma ferramenta baseada na memória para questionar interpretações que, atualmente, estão empenhadas em retratar o século XX como o século dos horrores. No dizer do autor:

No seu entender, a história oral é a metodologia que pode recuperar para o século XXI a visão de que o século XX produziu uma série de lutas importantes pela defesa da igualdade social. O desafio da história oral nesse sentido é mostrar, diferentemente do que costuma ser consagrada que a memória não é apenas ideológica, mitológica e não confiável, mas sim um instrumento de luta para conquistar a igualdade social e garantir o direito às identidades. (ALBERTI, 2000, p. 13).

Na perspectiva da história oral, nas sociedades tradicionais, é através do convívio e da narrativa, que os mais velhos transmitem aos mais novos os hábitos, a religião, as técnicas de trabalho e a cultura do grupo em geral. Desse ponto de vista pode-se dizer que a educação nessas comunidades é livre, pois elas criam e recriam o modo de vida com base nas experiências vividas coletivamente. Portanto a educação informal nessas comunidades é de extrema importância para a

¹⁴ Dados da Associação Brasileira de História Oral. CPDOC. FGV.

permanência da cultura e manutenção da identidade do grupo.

Ao realizarmos um estudo sobre relatos orais como forma de entender a trajetória histórica da comunidade de Mata Cavallo acreditamos ampliar o debate acerca da visibilidade de seus protagonistas e de suas práticas sociais desenvolvidas ao longo de sua existência. Ao tratar sobre a importância da narrativa aquela autora argumenta que “[...] um acontecimento ou uma situação vivida não pode ser transmitidos a outrem sem que seja narrado (ALBERTTI, 2004, p. 77)”. A narração de história de pessoas comuns e no local onde elas se encontram, possibilita outras interpretações fundadas em suas experiências. A investigação tem como foco a memória histórica, as práticas culturais tradicionais dos quilombolas, a luta pela manutenção de território ancestral, a religiosidade e a eficácia da memória enquanto processo de coerência e de continuidade de valores históricos e culturais do grupo.

Nessa pesquisa, procuramos conhecer a história de vida dos remanescentes de escravos, recuperando as memórias de suas famílias, a história das formas de apropriação das terras, bem como aspectos das suas tradições e as relações estabelecidas pelo grupo na formação da memória coletiva. Através dos depoimentos dos entrevistados é possível uma compreensão da história dos habitantes de Mata Cavallo no contexto territorial e cultural, suas formas de organização e as relações dos membros uns com os outros e com o lugar de origem. Tal abordagem permitiu a oportunidade de conhecer aspectos convergentes e também conflituosos entre as comunidades.

Procuramos por meio da história de vida coletar as informações que nos possibilite conhecer as estratégias empregadas pelos habitantes da referida comunidade, no processo de manutenção e difusão dos conhecimentos construídos historicamente pelo grupo, geração após geração. Utilizamos os recursos da entrevista para coletar os depoimentos do grupo de moradores. A entrevista é um instrumento de pesquisa da história oral, que valoriza a obtenção de informações contidas na vida de uma ou de várias pessoas, e pode ser em forma de memória, crônica ou biografia. Pode também ser feita com a cooperação das fontes documentais para fundamentar as informações coletadas nas entrevistas. Haguette (1987) diz que a entrevista:

Pode ser definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de

informações por parte, do outro, o entrevistado. A entrevista é muito mais que só voz. Ela é gesto, ela é movimento, ela é observação de comportamento e ela também é silêncio. Em síntese, a entrevista é um momento da história se fazendo. (1987, p. 75, apud Associação Brasileira de História Oral – ABHO).

As narrativas possibilitaram os conhecimentos das experiências comuns dos remanescentes de escravos de Mata Cavallo, suas relações familiares, permanências e transformações dos costumes no decorrer da história dos fundadores até hoje.

Para a coleta das narrativas, selecionamos pessoas de acordo com as experiências de vida relacionadas aos aspectos do que se pretendia conhecer. Segundo Montenegro (1994), os critérios de seleção dos narradores estão relacionados à experiência e à capacidade do narrador para fornecer as informações necessárias para o que se pretende conhecer, conforme descreve:

A capacidade de narrar uma história, um fato, uma experiência ou mesmo um sentimento está associada a dois fatores: por um lado, à descrição dos detalhes dos elementos que são projetados, de forma tão viva e rica que se assemelham a um quadro que vai sendo redesenhado às nossas vistas; por outro, à capacidade de recuperar o lado imaginário do que era vivenciado individual e coletivamente em relação ao acontecimento narrado (MONTENEGRO, 1994, p. 152).

A pesquisa resgata a história de homens e mulheres que tem a luta como pano de fundo de sua trajetória. Ressalta também as tradições da comunidade que são fundadas na ancestralidade de origem escrava, destacando o papel da memória como fator de transmissão e conservação de valores. O recurso da memória dos quilombolas de Mata Cavallo poderá contribuir para a inserção de sua memória no contexto geral da história dos quilombos no Brasil.

2.2 Procedimentos metodológicos: o caminho se faz ao caminhar

Com base nos relatos procuramos conhecer a história dessas comunidades, e entender a importância das manifestações culturais como fator de coesão entre os diversos grupos que fazem composição do Quilombo de Mata Cavallo. As análises foram empreendidas tendo como base de apoio os documentos históricos da Comunidade, pesquisa bibliográfica, observações e entrevistas com o grupo de sujeitos pesquisados. Também utilizamos um “caderno de campo” para registros das informações que julgávamos relevantes para o entendimento das análises acerca do

desencadear dos fatos. Examinamos ainda alguns documentos como registros sobre a aquisição de terras e estabelecimento das comunidades quilombolas. A Constituição Federal de 1988, e a Lei n.º 7.775 de 26 de novembro de 2002 foram os marcos teóricos acerca da discussão referente à valorização e legalização das terras das comunidades remanescentes de Quilombos em Mato Grosso.

Buscamos também informações nos Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional de Mato Grosso (NDHIR) e Núcleo de estudos Rurais e Urbanos (NERU), assim como na Biblioteca Pública Estadual Estevão de Mendonça e, na Biblioteca do Conselho da Mulher do Município de Cuiabá-MT e, também investigamos sobre o assunto em sites na internet. Os registros possibilitaram a compreensão de outros aspectos estudados tais como a geografia do lugar, os vestígios históricos e as relações da comunidade com o meio, além dos aspectos relacionados à memória histórica.

As entrevistas foram feitas com perguntas abertas com roteiro previamente elaborado para viabilizar a condução dos dados. O contato com os informantes transcorreu em “clima” de informalidade partindo das experiências e das especificidades dos assuntos abordados. As perguntas contemplaram fatos tais como a história das famílias, formação das várias comunidades englobando a compra de terra por alguns escravos, doação das sesmarias, invasões e retorno, e outros fatos relevantes. Utilizamos como recurso para a coleta de dados os seguintes instrumentos: gravador, caderno de campo, máquina fotográfica, filmadora e roteiro de questões. No decorrer do processo foram realizadas a transcrição e edição das entrevistas para posteriormente entrelaçá-las aos aportes teóricos. As entrevistas e fotos foram autorizadas pelos participantes para publicação.

Os critérios adotados para a seleção dos entrevistados se estabeleceram de acordo com o número de comunidades existentes de modo a contemplar a coleta de informações em todos os grupos que constituem os núcleos habitacionais do quilombo. Para tanto foi selecionado um grupo de dezoito depoentes de ambos os sexos, velhos e jovens, sendo que algumas dessas pessoas foram indicadas pela própria comunidade por considerá-las portadoras dos saberes necessários aos propósitos da pesquisa. Entre os entrevistados mais jovens se encontram mulheres que exercem papéis de liderança na comunidade.

Avançando nas descrições acerca dos percursos e recursos metodológicos iniciamos, doravante, uma tessitura teórica sobre a definição da expressão *território*

enquanto local de pertencimento material e cultural desses grupos, englobando os tipos de relações que eles estabelecem com o lugar. O território para essas pessoas não representa só o meio de retirar o sustento material. As famílias mantêm vínculos afetivos com os locais de vivências e experiências de seus antepassados. É o local onde estão enterrados seus mortos reverenciados por eles através da divulgação da memória de seus feitos.

A concepção de território é definida como resultado das ações humanas, conforme discutida por Milton Santos (2001). Essa categoria de análise contribui para o entendimento da forma de ocupação territorial da comunidade quilombola, objeto desse estudo.

Para o referido autor no contexto político, território é a superfície terrestre de um Estado. Segundo o geógrafo “[...] pode-se definir o território a partir do Estado, como na ciência política, ou pelos acidentes geográficos [...]”. Para ele, a definição de território foi historicamente produzida pelas ações humanas.¹⁵ Prosseguindo com as explicitações o mencionado teórico afirma “No começo da história, havia a natureza. Vem o homem, se instala e começa a agregar novas coisas. Ele produz o território, dessa forma”. E, continua o autor, “[...] o território é a construção da base material sobre a qual a sociedade produz sua própria história [...] o território é dinâmico, vivo. A sociedade incide sobre o território e esse na sociedade¹⁶.”

Essa memória passa por uma espécie de “filtro”, onde se elege o que se deve lembrar. Ao selecionar um evento considerado importante, define-se a orientação ideológica do grupo social, e a relevância do fato para a formação da memória do grupo.

Em contraponto à memória em favor de uma história de personagens “consagrados” pela historiografia existente sobre a temática, optamos por uma história que se preocupe com personagens anônimos, numa abordagem sócio-antropológica, construída a partir do estudo das histórias narradas por pessoas comuns, e sobre a diversidade de fatos que conseqüentemente resultam em diversas narrativas. Sobre o assunto em questão, Burke (1998, p. 201) diz: “[...] assim, a história não cessou de dizer os fatos e gestos dos homens, de contar, não a mesma narrativa, mas narrativas de forma diversas”.

¹⁵ Milton Santos. O Brasil segundo Milton Santos. Entrevista concedida ao Jornal Folha de São Paulo, em 02/02/2001, conforme o site <<http://www.uol.com.br/fsp>> Acesso em 08 de ago.2007.

¹⁶ Idem

Disso depreende-se que o espaço geográfico, ocupado pelos grupos humanos, ganha dimensões históricas através das ações dos homens ao transformar esse território. O território, por sua vez, garante a sobrevivência material e cultural dos grupos humanos.

Tratando desse mesmo assunto, Paul Little diz que a conduta territorial é parte integral de todos os grupos humanos. Assim ele se expressa: “Defino a territorialidade como esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu território (LITTLE, 2002, p. 3).

O ponto de vista dos autores converge quanto à concepção de território como resultado das ações dos grupos sociais e não apenas enquanto espaço puramente físico. Em suas considerações esse autor enfatiza a importância do processo histórico para a concepção de território. Em sua argumentação ele diz que:

O fato de que um território surge diretamente das condutas de territorialidade de um grupo social implica que qualquer território é um produto histórico de processos sociais e políticos. Para analisar o território de qualquer grupo, portanto, precisa-se de uma abordagem histórica que trata do contexto específico em que surgiu e dos contextos em que foi definido e/ou reafirmado. (LITTLE, 2002).

A complexidade da temática amplia as discussões, no sentido de verificar as diferentes relações que cada grupo social estabelece com seus respectivos territórios. É preciso considerar as questões étnicas, raciais e outras que envolvem tais relações.

Como dito anteriormente, os aportes teóricos acima mencionados servirão de fios condutores para as análises das narrativas. Em razão disso, definimos por retomar a história da comunidade Mata Cavalo, mas agora direcionada às minúcias de vivências e experiências, segundo relatos dos personagens históricos pertencentes aos grupos sociais inseridos nessa comunidade.

Por razões teórico-metodológicas de análises, doravante decidimos adentrar na exposição dos dados coletados em interlocução com os fios teóricos ainda nessa parte do estudo. É o que apresentamos na seqüência.

2.3 A comunidade de Mata Cavalo

Na história da Comunidade de Mata Cavalo, a terra é um bem de uso

coletivo do grupo e tem por divisão os laços de parentescos. Para Bandeira, “[...] ser aceito no grupo como um dos seus integrantes tinha múltiplos e diversos significados. Com relação à terra adquire o sentido de poder nela morar, plantar, colher, enfim, usufruí-la indefinidamente pelas gerações futuras” (BANDEIRA, 1993, p. 21).

Além do princípio da coletividade, a terra não é só o lugar de sobrevivência do grupo, mas representa também uma dimensão simbólica da cultura imaterial do grupo, de acordo com o depoimento de um dos velhos. Na narrativa que se apresenta na seqüência, é possível perceber o caráter sagrado atribuído a terra, na demonstração de fé do entrevistado no santo de maior devoção na comunidade Mata Cavalo.

A terra é do glorioso São Benedito dona, (diz em tom de reverência) primeiramente é de Deus, e de nosso pai São Benedito, e depois os escravos, né? E depois da escravidão, as senhorias que estavam governando as terras, venderam as terras. Meu avô comprou, pagou e depois faleceu. E aí queriam tomar. Eles queriam tomar, mas (pausa), aqui ninguém podia tomar, nem comprar, e nem vender. Porque aqui quem vender já perdeu, quem comprar já perdeu. Porque aqui a terra é sagrada, é do nosso glorioso São Benedito e depois dos escravos. Por que aqui a terra é primeiramente como já falei, de Deus. É depois as terras aqui são tudo dos pretos. (Simão da Comunidade Passagenzinha).

O entrevistado fala de Mata Cavalo situando-o como um local de negros, ao afirmar que as terras são dos “pretos”. Em seu relato identificamos as definições “terra de preto”, “terra de santo”, para designar o lugar ao qual pertence. Little (2002) afirma que a identificação de lugares sagrados por um determinado grupo representa uma das formas mais importantes de dotar um espaço com sentimento e significado. Sobre essa discussão, diz Bandeira (1998, p. 21): ser negro de Mata Cavalo é ser de um tipo particular de grupo social negro.

2.4 Vestígios históricos - herança do passado escravista de Mata Cavalo

No caminhar da pesquisa procurávamos observar detalhes acerca da ambiência histórica do lugar. Dentre os eventos observados causou-nos estranheza um local construído com pedras-canga de onde emergia um verde-bandeira

anunciando uma crescente vegetação. Ao indagarmos aos sujeitos depoentes sobre tal edificação, em que se percebia nitidamente a intervenção da mão dos homens, a explicação obtida sobre aquele objeto era de que se tratava de uma fornalha que segundo os sujeitos fizera parte do cotidiano de seus antepassados escravos.

Tal construção resistiu aos desgastes causados pelo tempo e também às invasões, constituindo-se como uma testemunha de uma vida e da trajetória do grupo e das transformações ocorridas. Atualmente nota-se ali uma velha ruína clamando por sua preservação. Segundo as explicações dos indagados, há por parte deles um tratamento cuidadoso no sentido de conservar aquele ambiente que para eles configura um patrimônio histórico preservando a memória de seus ancestrais. É o que se aprecia na Ilustração 11, a seguir:



Ilustração 10 – Ruínas de uma antiga fornalha do período da escravidão em Mata Cavallo.
Foto: Jorge Pinho, 2006.

No depoimento desse morador, o sentimento de pertença é perpassado pela história dos seus antepassados. Esse sentimento os impulsionam na continuidade da luta, no sentido de assegurar tanto sua sobrevivência material quanto sua sobrevivência no grupo social.

Eu tenho 43 anos, meu pai morreu com 83 e meu bisavô com 110 anos. Sou nascido e criado aqui em Mata Cavallo. Meu bisavô era Graciano da Silva Tavares. E o pai de meu pai se chamava José Apolinário da Silva. Seu Graciano foi escravo. Ainda era do tempo dos escravos. Fazia cerca pras roças, de pedra e de terra, de três metros de altura, só na enxada e na pá.

A cerca que faziam por dois ou três hectares era com pedra canga. O que acabou com esses trabalhos antigos, feitos pelos escravos aqui em Mata Cavallo foram os grileiros. Foram entrando com máquinas, com tudo, revirando, patrolando e acabaram com tudo. Senão a senhora ainda ia ver.

E assim foi meu pai também nasceu e se criou aqui. E com a gente vai ser a mesma coisa. (sorriso de satisfação)! Nós já vencemos batalhas pesadas com os invasores.

No decurso desse relato percebemos certa inquietação por parte desse sujeito ao se referir às ações dos invasores em seu espaço de pertencimento. Percebe-se assim a atenção em relação à defesa não só da territorialidade, mas também de uma memória ancestral, expressando assim a forte relação dos valores afro-brasileiros em relação à ancestralidade e territorialidade.

Em outro trecho da narrativa do mesmo entrevistado, ele fala sobre a busca da origem de sua família para explicar as condições atuais de seu povo. Em quase toda a narrativa ele resgata a memória da escravidão vivida pelos antepassados. No meio de sua história de vida, relata as memórias que marcaram diferentes épocas em Mata Cavalu. Descreve a vida dos antigos moradores e demonstra profunda admiração pelos trabalhos realizados por eles. Descreve ainda como foram constituídas as famílias de seus parentes ainda no período da escravidão.

Segundo o informante, nos primórdios da formação das comunidades, os homens pagaram pelas suas respectivas esposas. O tal pagamento era feito em dinheiro ou prestação de serviços ao proprietário da pretendida.

E o meu avô e ainda me lembro de meu avô, eu era criança e meu avô sentado, contava. Dizia que naquela época, os senhorios, se os negros entrassem na família, tudo era comprado. Os senhorios eram os brancos, era quem tinha. (gesto simbolizando dinheiro). E os negros eram pobres.

Então pra eles entrarem nessas famílias dos senhorios, pra namorar, era pago. Pra casar era pago. E pra cair num podre desse, os escravos trabalhavam oh! Olha aí, meu avô contava que antigamente eles comiam milho inteiro com toucinho. Pra eles era duro. A cerca que faziam por dois ou três hectares era com pedra canga.

O entrevistado fornece uma riqueza de detalhes sobre os costumes e o cotidiano dos antigos moradores, bem como os valores da época em que se vivia uma vida compartilhada com liberdade. Não havia cercas divisórias no interior da propriedade. Em relação à destruição dos vestígios históricos, demonstra tristeza e indignação em ver destruído parte do seu passado.

Foram entrando com máquinas, com tudo, revirando, patrolando e acabaram com tudo. Se não a senhora ainda ia ver. Como ali embaixo, (apontou

uma direção), lá em baixo antes dos grileiros entrarem aqui, o pai daquela Lúcia, a professora, o pai dela é primo irmão do meu pai. O pai dela, ainda tinha roça feita lá. O mato era tirado e retirado e a cerca não acabava. A cerca do tempo dos escravos.

E continua em sua narrativa fazendo a descrição sobre as comunidades que se formaram ao longo do tempo e também descrevendo os antigos costumes praticados pelos antepassados.

É essas comunidades formaram assim: aqui tudo é uma só. Mas cada lugar tem seu nome. É por que antigamente (pausa), hoje em dia é que a senhora vê cerca por aqui. No tempo de meu pai, tinha boi, tinha animal de montaria. E era tudo criado solto. Tudo misturado uns com os dos outros. Eram só marcados. Uns com corte nas orelhas, outros marcados a ferro. Hoje em dia é que é tudo dividido. Cada um falava: aquilo é de fulano, de cicrano. Por exemplo: daqui pra cá pertencia (indicou uma direção) ao meu bisavô, Graciano da Silva Tavares. E dali pra lá pertencia a Vicente Ferreira de Jesus, Entendeu? Daqui até a Mutuca. Já o Mata Cavalo de Cima, fazia divisão com essa aqui. Mata cavalo do Meio.

Em relação à história da formação das famílias e do uso da terra e os costumes descritos pelo narrador, Maria de Lourdes Bandeira (1998) constatou em sua pesquisa que na comunidade Mata Cavalo a terra era um bem coletivo, pertencia a todo o grupo. Daí os mais velhos reafirmarem sempre nos depoimentos que não havia divisão; todo mundo era dono do lugar. A autora define a estrutura social de Mata Cavalo como tendo sido fundada em linhagens com predominância patriarcal e, a organização familiar do trabalho era dividida por sexo.

Em outro trecho da narrativa “seo” Natalino relata as condições de trabalho vividas pelos seus ancestrais no tempo da escravidão. Revela a perversidade senhorial no trato com os escravos, contrariando a idéia de uma relação branda entre os senhores da Sesmaria da Boa Vida e seus escravos. E, continua o relato:

Quando a gente ia pro Rondon, a gente passava por lá. Era uma tora, cepo de uma balisona fincada. Era de cerne de aroeira pura. Tinha até aqueles nós. Era para os espaços que eles faziam arrodado do tempo dos escravos. Era ali que amarravam os trabalhadores na corrente. Amarravam no pé, na canela, e depois amarrava lá em cima. Passavam a noite inteira amarrados. Jantavam amarrados, com medo de fugir, né. Os senhorios amarravam os escravos. Todos os trabalhadores escravos dormiam amarrados, por medo de fugir né. Pura judiação.

Naqueles tempos eles apanhavam de piraim (tipo de chicote) trançado de

couro cúpura, trançado de oito peças com arme pelo meio. Batiam até sair sangue. Eu era novo e vivia pelos cantos, e sempre o finado papai contava pra nós, e eu cheguei até de ver, onde a mãe de Gonçalves foi nascida. Aqui no Rondon, tinha ainda um buracão feito no tempo dos escravos, a senhora podia pegar uma pedra de uns quinze quilos e ir lá perto soltar na boca dele, que a senhora não escutava o rumor que fazia lá embaixo. Esse buraco era do tempo dos escravos para tirar ouro. Por que o ouro esse tempo, o ouro esse tempo, os escravos não pegavam esses ouros finos que pegam hoje em dia. Era só ouro em pedaço. Aqui nessa redondeza tem muito garrafão. Esse negócio de... (silêncio) por isso que aqui é bastante assombrado!

Aquele mesmo senhor relata nessa parte, certo mistério envolvendo a existência de espíritos de escravos supliciados na antiga sesmaria, que assombram o local onde ocorreram os castigos. A lenda faz parte do imaginário de alguns moradores do local. Em relação ao episódio tece o seguinte comentário:

É, aqui é bastante assombrado por causa disso (demonstrou certo receio em continuar o assunto sobre assombração). Se não fossem os invasores, esses fazendeiros... Aqui tinha muita benfeitoria do tempo dos escravos, que a gente podia sair pra mostrar. Os escravos trabalhavam fundo demais. Eu lembro, meu pai contava. Eu lembro, eu era criança, eu...(Natalino de Mata Cavalão de Baixo).

Com certo constrangimento ele interrompe a narrativa sobre o assunto, numa demonstração de temor sobre essa questão. Depois mais à vontade, o narrador continua explicando que as assombrações eram decorrentes das minas de ouro, pois segundo ele não só pela violência e crueldade vividas pelos trabalhadores dos garimpos, mas porque o referido metal possui certo “encantamento” ou maldição associada à riqueza. Relata ainda o desaparecimento de um parente relacionado à descoberta de uma grande pepita de ouro. O parente desapareceu e nunca mais se ouviu falar dele, apesar da tentativa dos parentes para encontrá-lo.

E sobre as condições de trabalho descritas por ele, o historiador Virgílio Corrêa Filho, ao realizar estudos sobre a exploração de diamantes em Mato Grosso, diz:

A cata dos diamantes é feita pelos escravos, estes durante a estação em que as águas estão baixando mergulham para procurar nos fundos dos rios o cascalho, que a seguir é lavado cuidadosamente. Os brancos não resistiriam a trabalho tão rude, ao qual muitos negros também sucumbem (CORRÊA FILHO, 1969, p. 193).

Os mitos sobre determinadas questões fazem parte do imaginário do lugar. Ao analisar a questão do mito na narrativa dos depoentes em seus estudos Merlo (2005) faz as seguintes considerações a respeito dessa questão:

A questão da transmissão do mito, a língua, o dito, é passível de mudanças, sem, no entanto, se perderem o sentido e a simbologia transmitida pelas antigas gerações. Pode haver um silenciamento do mito ou de passagens dele que o presente condena, principalmente quando traz à tona polêmicas geradas no seio da sociedade (...) e ainda pode ser acrescida à narração do mito a criatividade do narrador e sua relação com ouvinte, no sentido de exaltar ou não algumas passagens e enfoques (MERLO, 2005, p. 157).

Outra entrevistada também reconstrói a história da escravidão dando ênfase à história da prática dos castigos pelos senhores da Sesmaria da Boa Vida infringidos aos seus ancestrais de forma contundente. A emoção com a qual descreve os acontecimentos é como se ela também tivesse vivenciado as cenas das quais descreve. Fala desse passado com tanta apropriação como se fosse um acontecimento recente. Esse fenômeno foi descrito por Michel Pollak, como:

acontecimentos 'vividos por tabela', ou seja, acontecimentos dos quais a pessoa nem participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p. 200-212).

A narradora em suas lembranças fala de um tempo de injustiças ainda muito presente na memória dos descendentes. Nessa narrativa ela nos conta as histórias ouvidas de seu avô sobre a vida de seus ancestrais com riqueza de detalhes da vida cotidiana daquele período.

Olha, meu avô contava que a senzala deles era um casarão. Eles, os senhorios amarravam os escravos no tronco. Contou que amarravam primeiro os homens e depois as mulheres. E que muitas vezes os escravos apanhavam de manhã cedo, meio dia e de tarde?

Indaguei sobre os motivos dos castigos e ela justificou dizendo que pelo simples fato de serem escravos, estavam sujeitos aos castigos sem maiores explicações. E continua a narrativa:

É porque eles eram escravos, né? E por qualquer coisinha, eles apanhavam. Apanhavam, e não era pra falar nada. Era para ficarem quietos. E aí, quando no outro dia cedo, eles (senhores), punham os escravos tudo na roça para carpir, com

fome. E aqueles que tanto até morriam né. E às vezes eles pegavam os escravos e matavam. Tanto as mulheres como os homens.

Ah! Às vezes eles comiam. Porque o chefe deles, que vendia eles para os brancos, falava: Tem que dar de comer pra eles. Se não eles ficam muito fracos e não agüentam trabalhar. Aí que davam o que comer a eles. Aí apanhavam água para todo mundo toma banho. Punha o pessoal, todo mundo para baldear água com latão na cabeça. Punham ferro quente neles, e até afogavam eles no córrego, nesse córrego Mata Cavallo. Era tudo assim.

Após essa parte da narrativa, a informante visivelmente emocionada fica em silêncio por alguns minutos e só então retoma a história. Relata uma história de sofrimentos e revolta sobre as situações desumanas vivenciadas pelos seus ancestrais. Michael Pollak (1992: 201) afirma que: “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação”.

As narrações dos avôs sobre o período estão presentes na sua memória, como se a mesma tivesse pertencido às mesmas gerações, tal a vivacidade das lembranças. Ela conta a história de seu bisavô, morto tragicamente em função dos castigos recebidos pelos senhores da Sesmaria ironicamente chamada de Boa-Vida. Diz ela:

Até criança, tudo, aqui aconteceu muitas malvadezas, tudo, matava tudo, aqui foi uma malvadeza em grupo, meu bisavô morreu ali. Amarraram ele por aqui (na cintura) e por aqui (pés, mãos, tórax) e cortaram ele pelo meio. A corrente cortou ele no lugar que amarraram, e ali ele morreu, quando acharam ele, já estava fedendo. (pausa) Ele morreu com sede, com fome, amarrado no tronco.

Ali não tinha liberdade, aí depois veio a velha e o padre que pediu para não ter mais escravos porque ninguém mais agüentava tanto sofrimento, aí que foi acabando os castigos.

O lugar onde os escravos ficavam tudo preso ficava lá na estrada que vai pro Nezinho, lá no Mata Cavallo de Cima, puseram o nome do lugar lá de Morro do Tirço. Lá, a gente chega lá, é uma baía, ou novo, eu vi lá onde amarravam os escravos lá é tipo uma baía e quem ficava lá, morria ali e eles jogavam ali mesmo. Lá é cheio de osso, essa baía tanto fazia criança e velho.

Na fala acima, são ativadas narrativas míticas associadas aos marcos existentes no lugar, são mecanismos que constroem a memória da escravidão. O

local onde ocorreu morte ou suplício de escravos representa hoje uma espécie de memorial da escravidão que é também um espaço de identidade dos seus descendentes.

Houve ênfase nos trechos da narrativa sobre a descrição dos detalhes que envolviam os castigos. Trata-se nesse caso de uma lembrança de um fato vivido por gerações muito distantes. Mas por ser fato que envolveu muita dor, permaneceu vivo na memória dos descendentes. É o que Michel Pollak chamou de acontecimentos vividos por tabela. E sobre os *acontecimentos vividos por tabela*, continua Pollak: “[...] podem existir acontecimentos que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação” (POLLAK, 1992, p. 2).

A narradora relata histórias de violência contra seus antepassados, envolvendo os antepassados de um dos atuais invasores. Nesse fato constata-se uma continuidade das histórias de perseguições e violência contra aos moradores desde o período da escravidão, como podemos observar nesse trecho da narrativa.

Esse bisavô de T. (fazendeiro invasor) foi um deles que fizeram malvadeza com os escravos. Esse dessa fazenda aqui (apontou a direção), esse foi o último homem mais malvado que existia nesse Mata Cavallo. Ele fez muitas malvadezas com os negros, mandava matar, falava pros capangas dele matar e chegava lá com a concha da orelha do ouvido dos negros pra ver que eles tinham matado. E era assim que era minha dona, tinha muita violência aqui nessas terras. Por isso que hoje nós damos graças a Deus, que hoje em dia nós estamos tranquilos. (Estevina de Mata Cavallo de Baixo).

A entrevistada aponta uma seqüência de acontecimentos ao longo das gerações sobre o tratamento que os fazendeiros dispensavam aos moradores da comunidade. Demonstrando que apesar da extinção legal da escravidão, o racismo decorrente dela é evidenciado pelas atitudes dos fazendeiros atuais em relação aos descendentes de escravos de Mata Cavallo.

O recurso da memória é constantemente utilizado para afirmação de sua identidade, originada do vínculo de parentesco com seus ancestrais escravos que viveram nessas comunidades. A memória ainda é importante meio de garantir a legitimidade sobre suas terras. Apesar de muitas famílias terem deixado o lugar em função da violência, o sentimento de pertença vem estimulando o retorno dos que saíram bem como dos descendentes que nasceram fora de Mata Cavallo.

A saída traumática da terra não dispersou o sentimento de grupo entre muitos que se refugiaram em outras paragens. Esses procuram manter os vínculos com familiares que permaneceram na região. Pois apesar de morar fora do quilombo, se considera quilombola conforme expressado na seguinte fala:

Foi mais ou menos na mesma época quando nós começamos a reagrupar novamente, porque muitas famílias tinham ido embora daqui e após a constituição de 1988 começaram a voltar. Então nesse retorno quando eles começaram a voltar como a gente sabe que a área é muito grande, ficou decidido o seguinte: porque em Mata Cavallo antes a gente começou a se organizar por associações, então como era uma área muito grande, aqui ficou. Temos aqui a comunidade Mata Cavallo, onde fica a associação; aí falaram: lá pra cima é muito distante, vamos formar outra comunidade.

Os descendentes reconhecem a importância da luta organizada, como podemos perceber no depoimento. A formação de associações faz parte da estratégia de luta pela legitimação de seu território ancestral, e pela garantia da sobrevivência material e cultural do grupo.

Nesse capítulo pretendeu-se descrever as formas de abordagem e os caminhos percorridos ao longo da elaboração dessa dissertação, com objetivos de reconstruir a história do quilombo de Mata Cavallo, através das narrativas de seus moradores.

3. PRODUÇÃO ECONÔMICA E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Nesse capítulo serão tratadas as questões relativas às formas de organização social e cultural e também dos meios de subsistência das famílias. Apresenta também as produções materiais e a religiosidade presente no processo produtivo da comunidade.

Durante toda a história de sua existência, a comunidade quilombola de Mata Cavalo, teve seus fundamentos na ancestralidade do grupo. Tanto a formação das famílias como a organização da produção agrícola, possui raízes históricas nos ancestrais. O acesso a terra, a formação das diversas comunidades e das famílias, obedecem tais critérios. Bandeira (1998) classifica a estrutura social de Mata Cavalo como uma estrutura fundada em linhagens. Ou seja, cada comunidade tem sua origem em um ancestral.

As comunidades têm como base econômica a agricultura familiar. As roças são elaboradas de forma tradicional, ou como se referem os entrevistados, como no “tempo dos antigos”. A roça tradicional é também conhecida como roça de toco. Esse tipo é feito de forma simples e utiliza técnicas rudimentares de produção. Os principais instrumentos usados são: machado, foice e enxada.

Os principais produtos agrícolas cultivados por eles são: mandioca, banana, cana-de-açúcar, milho, arroz, feijão, abóbora, cará, batata doce, maxixe, moranga, quiabo, fumo e algodão. Sendo que a produção de feijão não é considerada expressiva pelos moradores, que dizem que a terra não é muito boa para o feijão. O tipo de feijão mais produzido é o feijão de corda e alguns tipos de favas.

As famílias também criam animais entre eles porcos, galinhas, patos, perus, galinha- d’angola, gado bovino e animais de montaria; sendo que o gado bovino e os animais de montaria são criados apenas por algumas famílias. Predomina a criação de pequenos animais.

De acordo com um dos informantes, primeiro é feita a limpeza do terreno, o que significa fazer o desmatamento; depois, deixam-no secar por um determinado período, colocam fogo e deixam a terra esfriar por uns dias.

Nesse período, enquanto aguardam as chuvas, os moradores se preparam para iniciar o plantio. Das roças provêm o sustento das famílias e os produtos para

as festas da comunidade, conforme o depoimento desse entrevistado.

Olha, é desde quando a gente vai fazer a roça, já planta pra fazer a festa e também pra nós, pra família, sabe? Para a despesa da casa. A gente planta a mais e quando colhe já separa a do santo, é para fazer a festa, para que eles ajudem à gente. Para nunca faltar para nós. (Nezinho, Comunidade de Mata Cavalo de Cima).

Em seus estudos sobre a forma de produção de Mata Cavalo, Bandeira (1998) cita o trecho de um relato de seus entrevistados, enfatizando a relação da produção de mantimentos e a religiosidade dos quilombolas ao descrever as formas de fazer a roça.

Depois de limpo o local, deixava-se secar o mato e ateava-se fogo, em especial no dia 24 de agosto, dia de São Bartolomeu ou “São Bento lambeu” conforme dizem. Nesse dia, dia próprio para queimar e de aprontar (...) dia que lambe tudo, queima muito bem, sai uma roça muito feliz, (...) acreditam os informantes que o trabalho iniciado será coroado de sucesso, que os mantimentos plantados assegurarão fartura para a família, para as festas de santos, para a comunidade. (BANDEIRA, 1998, p. 22).

Para esse narrador, a escolha do plantio é previamente definida de acordo com as necessidades materiais de sustento das famílias e também de acordo com as manifestações religiosas dos moradores, que de acordo com o depoimento, não só os santos católicos interferem na produção e destinação dos produtos agrícolas, mas também as religiões afro-brasileiras, presentes no lugar, exercem semelhante influência, conforme o trecho abaixo.

Plantamos arroz, cará, o cará é comida dos santos do terreiro. A gente planta também ervas medicinais que são usadas nos rituais da religião. Temos uma que veio da Bahia. As ervas não podem faltar também nas festas, elas também servem de remédio.

A gente planta banana, arroz, cará, feijão, mandioca. Planta também abóboras, melão e melancia. A gente planta também as ervas para fazer remédio e para as coisas dos santos. O cará é comida para o santo. É para nós também. A gente faz a roça e retira uma parte para as festas dos santos, e a outra é para o sustento da família. A gente cria também galinhas, porcos, tinha peru.

Observa-se que o narrador ao descrever os tipos de produtos cultivados, já informa também a destinação dos mesmos. Conforme outra depoente, os animais também são criados para contribuir na alimentação das famílias e também para fazer as comidas típicas servidas nas festas de santo.

Os animais, assim como os produtos agrícolas, além de servirem na

alimentação, são também comercializados nas feiras de Livramento e de Várzea Grande. Os principais produtos comercializados são: mandioca, banana, galinhas e porcos. A comunidade produz também a farinha de mandioca e produtos derivados de cana, para o consumo e para venda nos mercados vizinhos.

Segundo outro informante, a “terra dá de tudo que se planta”. Indaguei sobre as mudanças climáticas e as possíveis interferências na lavoura. Ele afirma que o clima hoje, tem pouca diferença de outros tempos e, que não interferem no rendimento da lavoura. Fala ainda das plantas que cultiva e dos animais que cria. Diz também que a maior dificuldade que eles encontram hoje para produzir, é devido às invasões das terras, conforme expresso nessa fala:

Faço roça desde novo. Planto milho, arroz, mandioca e que sair a gente planta. E o clima de hoje para plantar, o senhor acha que está diferente de antes?

Até que não está muito, Está mais ou menos, mas está bom, calmo né. A gente plantava pra colher, e aqui o que plantar sai. O que parece é que a gente planta e colhe, aí tem fartura né. Produzo mandioca, cana, banana, e o que plantar dá né. Estou criando agora mais só porco né. Quando encontrar mais paz né, o que plantar colhe né. O que parece é que a gente planta e colhe, aí tem fartura. (Conrado comunidade Mata Cavalão de Baixo).

A organização do trabalho baseia-se na mão-de-obra familiar e obedece a divisão por sexo. Porém essa divisão não é rígida conforme podemos deduzir no depoimento da narradora.

Todas essas fazendas agora têm escola, mas no meu tempo não tinha nada, era só fazendão que sumia de vista esses fazendão era só pra trabalhar pros ricos; quem queria comer tinha que trabalhar, eu mesmo aprendi a trabalhar; aqui na fazenda eu ajudava minha avó a cozinhar, nós fazíamos rede, fazia roça e carpia.

Fazia tudo junto, homem e mulher. Hoje em dia eu não tenho mais inveja, sei que as mulheres não sabem; minha avó quando falava que íamos fazer farinha, era farinha que não era brincadeira, minha avó quebrava o milho no pilão pra fazer a farinha, a farinha de milho; olha lá em casa, lá em casa tem muntueira de mandioca, saco de farinha, ta lá empilhada; meu marido tá pra Cuiabá, eu e aquela ali, (apontou), somos que nem homem lá em casa.

As crianças também fazem parte da força de trabalho familiar. Pois as famílias além de necessitar da colaboração do trabalho delas, também acreditam que o trabalho é educativo. Essa entrevistada relata que desde pequena ajudava a

avó a exercer vários tipos de tarefas.

Outra forma de trabalho ainda utilizada é o muxirum. Nele as famílias se ajudam mutuamente, dependendo da necessidade exigida pela atividade a ser realizada. O muxirum é uma antiga tradição de Mata Cavalo que ainda permanece. As festas são organizadas coletivamente. As pessoas entoam cantigas ou conversam das “coisas de antigamente” enquanto executam as tarefas. Esse momento é importante na reafirmação dos laços afetivos e de solidariedade entre os parentes.

Os engenhos de produção de açúcar tiveram uma importância significativa na vida da comunidade. A descrição dos antigos engenhos pelos mais velhos é revivida nas muitas histórias, como sendo um tempo de muito trabalho e também de muita fartura. O informante descreve o período dos engenhos de Mata Cavalo como os “bons tempos”:

E nós estamos trabalhando na terra desde o Macário velho que era pai de Miguel, que era meu pai. Eu com a idade de oito a dez anos já ajudava a meu avô Macário mexer com moagem, eu só não sei fazer o açúcar.

A gente mexia com moagem, mexia com engenho e com plantação de cana. Era desse jeito que a gente vivia. Hoje nós ainda plantamos a cana, mas só que nós não temos mais o engenho, para moer, pra produzir como era nos outros tempos né. Como no tempo de meu avô Macário. A gente moia a cana e fazia o açúcar, fazia a rapadura, fazia o melado.

A fartura, todo tempo existia fartura, é só o cara trabalhar, que ele tem fartura em qualquer tempo né. Naquele tempo nós tínhamos fartura e hoje também tem o movimento que a gente tem que ter fartura né. (pausa, olhar saudoso).

E aquele tempo a gente mexia com moagem, tinha fartura de melado, tinha o açúcar que era produzido aqui mesmo e hoje não tem mais. Hoje nós compramos, porque nós temos a cana mais não temos o engenho, a gente tem que moer e aí tem bastante coisa pra nós.

Existiam vários engenhos em vários pontos da comunidade, as famílias que não tinham engenho, produziam a cana e levavam para ser beneficiada no engenho de algum parente. Produziam o chamado “açúcar de barro”, que de acordo com o informante era um açúcar de excelente qualidade. Diante do meu desconhecimento do assunto, ele relata o processo de fabricação com evidente entusiasmo e saudosismo:

Açúcar de barro (risos), diz ele: açúcar de barro a gente mói a cana, faz o melado bem feito, aquele melado crioulo, bem grosso, e você faz um bangüê de couro todo furadinho.

Com satisfação ele explica detalhadamente o processo, divertindo-se com a minha ignorância sobre os termos utilizados na explicação. Ao relatar, refere-se a um instrumento envolvido na produção, de nome bangüê, uma espécie de recipiente onde era colocado o açúcar para secar. No bangüê, o líquido ia escorrendo, ficando apenas a parte sólida por um determinado período, até dar o ponto de retirar para consumo ou se preferissem o açúcar branco, esse passava por um processo de cozimento e secagem. Segundo o informante, obtinha-se um açúcar mais fino. Ele descreve os instrumentos de trabalho e o cotidiano de seus familiares nos tempos do engenho.

Bangüê é do nosso tempo. O bangüê é feito de couro de rês. Aí furava ele todo, e aí forrava com saco de estopa. Botava embaixo e aí botava o melado em cima. Depois botava uma camada de barro em cima. E aquele barro ia carcando assim e ia escorrendo aquele meladinho pelos buraquinhos do bangüê, aquele melado ia escorrendo, escorrendo até parar de escorrer. E aí o barro rachava por cima. Aí a gente tirava o barro, e tirava o açúcar e punha no sol para secar o açúcar de barro. E aí a gente o moia, (o açúcar) e virava pó.

A origem da denominação “açúcar de barro”, segundo o informante é, desde o tempo “antigo”, ou seja, dos antepassados escravos. Ele fala com entusiasmo como se revivesse sua infância e juventude. Descreve a dura rotina de trabalho iniciada quando ainda era menino, e da educação que recebeu de seu avô. Disse que todos obedeciam aos mais velhos sem discutir seus critérios. Disse que não gostava de fumar, fumava porque seu avô mandava:

Todo dia, a gente pegava o tempo da moagem e era ali. E naqueles tempos existia aquele álcool de garrafa, meu avô temperava e fazia gente beber junto com ele. Ele levantava e tomava banho. Podia estar fazendo frio ou não, e a gente ia mexer com a moagem. Fazia rapadura, fazia melado e mexia com açúcar. Ele tomava banho de cabeça, mas não esfregava e nem passava sabão. Só caía na água e saía. Aí ele vinha pra casa, tomava pinga, tomava guaraná e já ia moer. Dois três meses só nessa safra.

Era junho, julho e agosto, o tempo da moagem. É porque tem o tempo certo de colher a cana, se não passa do tempo, não é? Sim tem que ser em junho, julho e

agosto, se não o tempo passa, e em setembro começa chover e as canas velhas têm que ser tiradas todas pra ficar só os brotos. Eu aprendi muitas coisas com meu avô Macário; com dez ou doze anos. Ele queria que eu fumasse pito e eu fumava assim mesmo. Mesmo sem gosto, mais fumava. Porque se não fumasse ele ficava bravo. Mais foi uma escola que ele me deu. Hoje eu deixei de fumar e me sinto feliz com o que ele ensinou pra mim. E tudo que ele ensinou pra mim eu ensino para os meus filhos.

Ele fala de pai e avô com respeito e carinho. Não os censura pela educação rigorosa que recebeu, ao contrário, afirma que aqueles momentos eram felizes. Descreve cenas do convívio diário com um avô cuidadoso, que preparava iguarias para agradar o neto conforme o trecho da narrativa:

Ele pegava garapa quente e botava hortelã ou flor de breu e aí, e aí a gente punha na garapa, e era o nosso chá, pra nós tomarmos de madrugada (...).

E ele cozinhava mandioca pra gente comer de madrugada, o meu avô Macário.

E eu me criei nessa luta, né? Quando o dia amanhecia já tinha cinqüenta rapaduras. Quando era meio dia, a gente já tinha dois tachos de cera; quatro horas da tarde, já estava com três tachos e as rapaduras todas informadas. E às cinco horas, botava a cana e soltava os bois no pasto. E depois a gente ia dormir pra uma hora levantar de novo e mexer com a moagem outra vez.

Meu estudo foi meu pai me ensinar a trabalhar na roça. Então eu estou rico. Esse eu sei fazer e ensinar pra uma pessoa que não sabe. E convivo também com outro, (pausa) e como e bebo disso, e tenho fartura. E fico feliz com o que eu aprendi. (Clemêncio da Comunidade Mutuca).

Ao relatar as lembranças do cotidiano dos habitantes de Mata Cavalo, o narrador toma como exemplo sua história de vida para ilustrar a história de uma época descrita por ele como uma época de fartura e de felicidade, por estar convivendo com os seus familiares. Valoriza também os conhecimentos adquiridos na troca diária de experiências vividas no grupo e da importância que esses conhecimentos representam hoje para ele e seus descendentes.

Para Hawbwachs (1990) “[...] no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais freqüentemente em contato com

ele”.

O depoente fala do desejo de retomar as produções e diz que juntos com seus parentes pretendem comprar engenho, pois acredita que a comunidade será novamente beneficiada como antigamente:

Nós vamos comprar o engenho, fazer rapadura e fazer esse açúcar de barro também. É o melhor açúcar que tem. Esse povo assim mais antigo que faz (...). Esse primo meu disse, que nós formos mexer, eu quero fazer. Eu quero deixar para meus filhos e pra muitos que não conheceram.

Eu quero preservar isso aqui como meus avôs preservaram meu pai pra deixar pra mim, então eu quero preservar para deixar para os meus filhos e para os meus netos. É pra eles acharem o que o avô lutou, (refere-se à terra e demais bens) então eu quero que eles achem pra eles.

Ainda existem engenhos em algumas comunidades, porém, só algumas famílias produzem os derivados da cana. Entre elas, a família de seu Antônio Mulato, da comunidade Estiva. Ao ser indagado sobre o porquê de reativar essa antiga forma de produção atualmente quase em desuso, devido ao facilitado pela produção industrial à disposição no mercado, ele revela um saudosismo e uma preocupação em dar continuidade à tradição de seus familiares conforme exposto na fala acima.

Hawsbachs (1990) ressalta as funções positivas desenvolvidas pela memória comum, no sentido de reforçar a coesão social, não pela imposição, mas pela adesão afetiva do grupo, ao utilizar o termo comunidade afetiva. Na narrativa, o depoente exprime o desejo de reconstruir ou reviver um passado tido por ele como importante para a vida de seu povo. Esse tempo era tido como um tempo de fartura e de alegria propiciadas pelos longos dias de convivência diária em função das atividades do engenho.

O engenho, de acordo as informações, mobilizava várias pessoas no tempo da safra da cana e da transformação da cana em produtos para o consumo das famílias. A produção exigia maior número de pessoas para aproveitamento da safra e não prejudicar o andamento dos outros tipos de lavouras básicas desenvolvidas pelas famílias.

O processo de revitalização do engenho por esses homens é um tipo de reconstrução de uma lembrança ainda presente na tradição da comunidade. Hawsbachs diz que para reconstruir a imagem de acontecimento passado:

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HAWSBACHS, 1990, p. 34).

Há uma preocupação em compartilhar os acontecimentos e também sentimentos, no sentido de manter viva a memória da comunidade, talvez até mais do que a real necessidade material desse processo produtivo para a comunidade.

3.1 A religiosidade e a importância das festas para a comunidade

A produção em Mata Cavallo destina-se a suprir as necessidades básicas das famílias, ao mercado e à manutenção da fé através das doações aos santos protetores homenageados nas festas. A religiosidade está presente nas relações desenvolvidas pela comunidade com a terra e a produção material e social. É vivida no dia-a-dia através das ações desempenhadas da vida comunitária. As práticas culturais preservadas pelo grupo desde os ancestrais como os altares e a destinação de parte da plantação aos santos de devoção das famílias, fazem parte do imaginário coletivo. A Ilustração 13, apontada na seqüência, mostra um ato de devoção religiosa ao santo protetor.



Ilustração 11 – Cerimônia do beijo na bandeira parte da festa de São Sebastião pela festeira e devota Dona Sebastiana.

Foto: Maria dos Anjos Lina dos Santos.

A fé nos santos é traço visível na tradição religiosa das famílias quilombolas.

Segundo Gonçalves (2004, p. 331), “[...] no catolicismo imposto às classes populares ‘a figura do Cristo Revelado no Novo Testamento é praticamente desconhecida’. São os ‘santos’ que estão na base do catolicismo”. O catolicismo dos negros, no período colonial, foi estruturado a partir de suas devoções aos santos e à Virgem Maria. As festas de santos que também faziam parte dos rituais católicos; segundo Moura sempre tiveram papel importante na tradição brasileira. A autora afirma que:

Mesmo no tempo da escravidão, a festa sempre foi o momento em que os arraiais e as vilas se enfeitavam para celebrar acontecimentos especiais, por todo o Brasil. Era então que as pessoas aprendiam que faziam parte não só de um grupo, mas de uma comunidade maior. As pessoas finas da nobreza, as pessoas comuns e até mesmo os escravos, todos tinham seu lugar na festa. Independente da condição social ou da cor, os mais ricos e os mais pobres, brancos, negros e mestiços, mulatos, mamelucos e cafuzos, cada um encontrava um espaço para participar da festa. E havia festas para tudo, em homenagem aos reis de Portugal que governava o Brasil e para celebrar Jesus Cristo, a Virgem Maria e todos os santos de devoção do povo, os padroeiros das cidades, os patronos das profissões ou das irmandades religiosas. (MOURA, 2001, p. 49).

Mata Cavallo tem uma intensa vida social fundada na religiosidade. Seu calendário de festas está distribuído em praticamente por todo o ano, com exceção do mês de novembro. Esse aspecto tem profundo significado para o grupo no sentido de ampliar e reforçar os laços de amizade e de parentesco com base no compadrio. No mês de novembro não há festa propriamente dita, mas tem a tradicional cerimônia do dia de Finados, muito respeitada pelas pessoas do lugar.

Esse dia também é considerado um “dia santo” para as famílias. É dia de visitar seus entes queridos que já não se encontrem entre elas. É o dia de homenagear os mortos com rezas e cânticos. Nesse dia entoam-se ladainhas e benditos próprios para a ocasião. Os parentes se dirigem para os cemitérios onde estão seus ancestrais realizando uma espécie de peregrinação anual.

Dessa forma não apenas as festas de santo, mas todas as ocasiões em que cabem celebrações, tais como nascimento, casamento e morte são marcados pelos ritos religiosos.

Na definição de Bandeiras (1998, p.) “[...] no aprendizado do ‘ser negro’ os ritos que envolvem a origem grupal tiveram e ainda continuam tendo importante papel de atualização da pertença. Reconstituem a geração da comunidade e sua continuação real através de um passado vivido por todos”. Diz ainda que para os moradores “[...] ir ao cemitério no dia do aniversário do morto, na sexta-feira santa,

no dia de finados e no dia de Santa Cruz sempre foi uma obrigação social em Mata Cavalo”.

Os mortos transformaram-se em protetores da comunidade e são evocados de acordo com a necessidade, que pode ser desde encontrar um objeto perdido até abrandar as forças da natureza. Acreditava-se que quando evocados, os mortos se faziam presentes, socorrendo os vivos em suas aflições, conforme trecho da narrativa de um morador sobre essa questão.

Tenho muita fé em Deus e São Benedito e nos Pretos velhos. Os pretos velhos são nossos antepassados. Eles eram escravos, hoje eles dão proteção para nós. Os pretos velhos são muito importantes para nós de candomblé, para nós quilombolas. São eles dão proteção pra todos nós. Tenho muita fé. (Sizenando. Comunidade de Mata Cavalo de Cima).

Ele fala da importância dos pretos velhos para não só para os praticantes do candomblé, mas para todos os quilombolas. Pois os pretos velhos são os ancestrais de todos os descendentes de escravos.

Pautados em princípios genealógicos, em princípios de solidariedade e reciprocidade e envolvendo responsabilidades que não podem ser quebradas, esses rituais fortalecem os laços comunitários entre os vivos e entre esses e os mortos. Remetendo a temporalidades que dizem respeito ao passado, ao presente e como processo certamente projetando o futuro, as lembranças fornecem subsídios à coesão grupal. Atualizando o passado vivido, o grupo refaz-se para superar os problemas e as adversidades. (BANDEIRA, 1998, p. 30).

As festas de santo fazem parte da história coletiva de Mata Cavalo e constituem momentos importantes de transmissão de saberes tradicionais e fator de afirmação dos laços de solidariedade que mantêm o grupo unido. As festas na comunidade influenciam também na organização da produção agrícola e de outros produtos que fazem parte do consumo dos moradores. A devoção aos santos está articulada do plantio à colheita, bem como da distribuição.

As festas para a comunidade significam mais que devoção e lazer. Segundo Moura, “[...] o momento da festa é muito importante para as comunidades quilombolas, pois é um momento de integração que reafirma a identidade do grupo. (MOURA, apud GUSMÃO, n/p, 2002)”. A autora destaca também o caráter educativo das festas, considerando a interação entre pessoas de várias gerações envolvidas na organização e participação dos eventos.

A festa é um momento de reencontrar os parentes que moram mais distante,

é reunião das famílias. Nessas ocasiões também recebem visitas de pessoas de fora do grupo e de políticos da região. Segundo uma das lideranças entrevistadas, as festas também trazem oportunidade de reivindicação e de negociação de direitos em benefício da comunidade.

Com o passar do tempo, as festas tradicionais no Brasil foram adquirindo caráter mais popular em função da perda de interesse por parte da elite, conforme Moura demonstra em sua pesquisa sobre essa temática:

Com o tempo, essas celebrações deixaram de ter tanta importância para a nobreza e as pessoas poderosas, mas continuaram a ser realizadas com devoção pela gente simples do povo. Então, como passou a haver menos festas, elas começaram a ser celebradas só em algumas ocasiões. Juntaram-se várias festas ou parte de umas com parte de outras, para o povo aproveitar e mostrar sua devoção aos seus santos. Assim foram sendo renovadas tradições antigas e foram sendo criadas novas tradições, conforme essas festas eram apropriadas pelo povo, sem muito controle da igreja. (MOURA, 2001, p. 51).

As festas de devoção de Mata Cavalo fazem parte do geral das tradições brasileiras, salvos as particularidades. As festas variam em número e importância nas comunidades distribuídas no interior do quilombo. Cultuam-se vários santos católicos e entidades pertencentes à religião afro-brasileira. A festa mais importante ou a festa grande, conforme a descrição dos moradores é a festa de São Benedito, que um santo é venerado por todos, em todas as áreas do quilombo.

Segundo Carneiro (1991, p. 129) foram os negros bantos da Bahia que introduziram as festas do imperador e o louvor a São Benedito. Essa tradição fora então espalhada para outras regiões através da circulação de escravos em toda a colônia.

A região onde Mata Cavalo está localizada, recebeu escravos de outras regiões do Brasil e conseqüentemente suas influências culturais, entre elas a devoção a São Benedito, que resultaram nas formas reelaboradas de devoções existentes hoje entre seus descendentes.

Algumas festas são celebradas em quase todas as comunidades, como a tradicional festa de São João. Essa festa difere das festas juninas mais conhecidas, que têm a tradicional quadrilha como o ponto alto da festa. Em Mata Cavalo, ela apresenta um caráter mais religioso, composto de várias cerimônias numa demonstração de fé de seus praticantes. Na tradição oral do lugar, existe história de milagre atribuído ao santo, conforme o relato da narradora e capelã da festa:

Meu pai fazia festa de São João. Ele lavava o São João na água do rio, né?

Aconteceu que fomos lavar o São João no rio que todo ano secava, mas ficava um pocinho assim que todo ano. Nesse dia pra fazer a festa, ele teve que furar um poço dentro do rio (do leito seco do rio) pra ter água pra lavar o São João, porque é tradição, né? Aí então ele furou o pocinho, juntou água e nós lavamos o São João nesse ano, nesse pocinho dentro do rio que secava.

Aí quando foi do outro ano em diante, o rio não secou mais. Nesse lugar já ficou o poço da água que ficou e não secou e o rio não secou. Se cortou (secou) foi lá pra baixo, mas ali não secava. E assim ficou a água para nós usarmos desse milagre. É, pra nós, foi um milagre. Porque secava o rio, e desse dia em diante nunca mais. (Dona Benedita Comunidade de Mata Cavallo de Baixo).

Ao estudar as tradições do povo Kalunga, do estado de Goiás, a antropóloga Glória Moura mostra a devoção daquele povo por santos que são populares, em todo o Brasil. Porém, ressalta que é importante observar o caráter religioso especial, específico do povo Kalunga. Diz a autora:

Para o lavrador que tira seu sustento da terra, essas festas marcam os momentos mais importantes do ano, celebrando o dom da vida que a terra dá. Para ele, o tempo do ano é governado pelo ciclo da natureza que se repete a cada estação e pelas chuvas que regulam o plantio da terra. [...]. Esse ciclo das plantações é tão importante para os agricultores, que em todo o mundo, eles sempre procuraram prever como o tempo na época do plantio e da colheita. (MOURA, 2001, p. 52).

De forma semelhante, os acontecimentos religiosos do povo de Mata Cavallo têm seus fundamentos na fé do homem simples que sustenta a família com o trabalho das roças. Assim como o povo Kalunga, festejar o santo com os frutos da colheita significa uma forma de agradecer pelas bênçãos recebidas, conforme o relato de um informante ao explicar como são realizadas as festas na comunidade:

Eu aprendi com meus pais que eram todos católicos. Eu tinha um tio que era capelão. Então ele fazia essas orações e nós aprendemos com eles. Porque aí tinham os que faziam as festas. Meu pai fazia festa de São João. São Benedito é de tradição. É desde o tempo dos antigos. Esse meu pai não fazia. (referindo-se à organização da festa). E todo ano ele não fazia mais participava da festa de São Benedito. Aí eles tinham o São Benedito, mas ele não ficou com a gente (as filhas). Ficou com nosso irmão e ele fazia a festa. E aí, meu irmão também fez uma promessa pra ele (Para São Benedito), no tempo de solteiro. E que ele ia continuar a fazer a festa. Aí ele foi ele que ficou com o São Benedito e continuou fazendo a festa.

Quando ele morreu, a mulher dele está continuando. E continua assim.

E até agora em outubro vai ser a festa que é da minha cunhada que é do meu irmão. E ela continua fazendo. Então nós agradecemos a Deus, por nós ter-mos (o santo). Os velhos morreram, mas nós não deixamos isso passar.

Vários aspectos herdados de seus antepassados são mantidos ainda hoje como a cerimônia de lavagem do santo, que em suas palavras, existe desde o tempo dos “antigos”. A festa é passada de pai para filho, garantindo a continuação da fé no santo protetor daquela família, conforme a informante.

E aí ele continuou fazendo a festa (o pai dela), e deixou pra nós e ficamos assim, porque era do meu pai. E meu pai já ficou com ele (a festa de São João), porque era dos avós dele. Foi passado pra meu pai e hoje estamos fazendo a festa de São João.

De manhã cedo faz a lavagem do São João e de noite faz a fogueira. E assim nós continuamos a lembrança dos antigos. Os velhos morreram, mas nós não deixamos isso passar. E mesmo que não tenha festa, tem as orações. A gente continua rezando porque ficou aquela fé. E a gente continua rezando porque temos fé. Porque o que aconteceu, fez a gente ficar com aquela fé, pra não esquecer, né?(Benedita Comunidade de Mata Cavallo de Baixo).

A narradora descreve a organização das festas e as formas de mantê-las de geração em geração. De acordo com seu depoimento a festa além de demonstração de fé, ela contribui para a manutenção dos laços afetivos entre os familiares demonstrando a importância das festas para as populações quilombolas no processo de transmissão de valores e reafirmação de sua identidade cultural afro-brasileira.

Nas festas fazemos as comidas antigas que tinham. Tutu de feijão, arroz, carne ensopada, carne com banana e carne com mandioca. E às vezes a gente faz uma outra coisa pra variar né, mas isso daí é o principal. Fazemos também doce de mamão, furrundu e faz também doce de leite. Mas tudo é pra não deixar passar né. E mesmo que não tenha festa, tem as orações. A gente continua rezando porque ficou aquela fé. E a gente continua rezando porque temos fé. Porque o que aconteceu, fez a gente ficar com aquela fé, pra não esquecer né.(Benedita Comunidade de Mata Cavallo de Baixo).

Ela fala com entusiasmo das comidas típicas servidas nessas festas como parte da tradição. Diz ainda que mesmo que tenha outras variedades, nas festas de

santo não podem faltar os pratos tradicionais. Eles fazem parte da cerimônia.

Por ocasião das festas em Mata Cavalo, realizam-se também os batizados. As festas são celebradas para homenagear: Senhor Divino, São João, Xangô, Pretos Velhos, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, São José, Nossa Senhora do Carmo, São Sebastião, São Benedito e outros. São Benedito é o santo mais festejado na comunidade. Ele é festejado tanto na tradição católica, quanto na religião afro-brasileira que também faz parte da religiosidade do povo de Mata Cavalo.

A religião em Mata Cavalo apresenta tanto aspectos da religião africana quanto da tradição católica revelando o sincretismo religioso ali presente. Um pai-de-santo que é o responsável pela religião afro-brasileira em uma das comunidades, é também festeiro de santo católico, denominado capelão. Capelão é o responsável na condução dos rituais da festa. Percebe-se no relato essa mistura de fé, demonstrando o convívio das religiões sem maiores conflitos pelo menos para os seguidores.

Sou festeiro da comunidade. Sou capelão e valorizo muito a nossa cultura. Estou ensinando os jovens da nossa comunidade, é muito importante passar para os jovens a nossa cultura, as nossas tradições, É muito importante para nós.

Além de líder religioso ele também é liderança política de sua comunidade. Ao ser indagado sobre as principais festas específicas de sua comunidade, ele destacou as seguintes festas:

A festa de São Benedito. São João, festa dos Pretos Velhos, São José, festa de Xangô.

Essa comunidade se destaca por conter o maior número de adeptos da religião afro entre os habitantes do quilombo. É nela que se encontra o terreiro que também é freqüentado pelos membros vizinhos. De acordo com o Pai-de-Santo ali se pratica os rituais de umbanda e do candomblé. Na narrativa, aparecem os orixás, que são entidades cultuadas nos terreiros de candomblé, e os pretos velhos que são entidades cultuadas nos terreiros de umbanda.

Quando perguntei sobre a existência do candomblé, ele afirmou que também era praticado e tanto a umbanda quanto o candomblé, tem São Benedito como chefe de terreiro, que é o principal protetor dos trabalhos religiosos ali desenvolvidos. Observa-se um profundo respeito por todas as manifestações, como descreve na resposta.

Aqui tem essa religião também, é a minha religião graças a Deus e a São Benedito. São Benedito, ele é nosso pai. Ele é o principal em tudo que nós fazemos, ele é muito importante para tudo que fazemos. Sem ele nada acontece. Ele é muito poderoso. É muito importante para a comunidade, e para todos os quilombolas. É ele que dá força para nós. Pois ele é um santo negro, também foi escravo, por isso ele protege todos os negros. (N. Comunidade de Mata Cavalão de Cima).

Essas manifestações religiosas das comunidades são resultados do sincretismo religioso brasileiro, onde são visíveis as influências das religiões tradicionais africanas trazidas pelos negros escravizados, com os rituais da tradição católica. Carneiro (1991, p, 95) diz: “[...] a fusão da mitologia negra com o catolicismo é por demais evidente.” Esse foi um dos mecanismos encontrado pelos africanos no Brasil, de continuarem cultuando seus orixás da forma que fosse possível. Segundo Prandi:

Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável, antes de mais nada, ser católico. Por isso, os negros no Brasil que cultuavam as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices se diziam católicos e se comportavam como tais. Além dos rituais de seus ancestrais, freqüentavam também os ritos católicos. Continuaram sendo e se dizendo católicos, mesmo com o advento da República, quando o catolicismo perdeu a condição de religião oficial. (PRANDI, Apud BASÍLIO FILHO, 2005, n/p.)

Esse fenômeno é nítido em Mata Cavalão. Celebram-se os orixás, os pretos-velhos e caboclos, todos sob a proteção de São Benedito. Esse santo é um dos santos mais populares de Mato Grosso. Sua festa é reconhecidamente a mais popular, de acordo com o jornal *Diário de Cuiabá*, numa reportagem especial sobre a festa de São Benedito. De acordo com o referido jornal, foram os escravos os primeiros a homenagearem o santo, com festas e oferendas. Afirma ainda que São Benedito era concebido pelos negros como símbolo de luta e fé.

Ele é reverenciado por todos os integrantes do quilombo de Mata Cavalão, que o reconhece como protetor dos negros, de acordo com o informante. Ele diz ainda que para a abertura dos rituais, é entoado o canto de São Benedito.

Os Orixás e os Pretos-Velhos são festejados na comunidade de Mata Cavalão de Cima, onde também são festejados os santos católicos. Os Pretos-Velhos, que segundo a tradição foram antigos escravos, conservam certas designações em relação à suas terras de origem. Por exemplo: na comunidade,

venera-se Pai Joaquim de Angola e Vovó Maria do Congo entre outros.

O pai-de-santo diz que: *os preto-velhos são muito importantes porque simbolicamente o quilombo significa um terreiro. E para os quilombolas os velhos são muito importantes. (Sizenando 49 anos, Comunidade de Mata Cavalo de Cima).*

Segundo Basílio Filho (2005, n/p.) “[...] os preto-velhos embasados em sua experiência de vida e a sabedoria vinda da idade, sabe ouvir e entender os problemas de seus fiéis. Dá conselhos com base na moral cristã”. O autor diz que:

A postura solidária e mansa dessas entidades tem sido um baluarte na valorização da cultura afro-brasileira, superando a estigmatização social de inferioridade, como um exemplo da grandeza espiritual do povo africano, que, apesar das atrocidades sofridas, soube semear exemplos de amor e caridade, exemplificando com suas vidas, a força da religião que souberam preservar. (2005, n/p.).

Mas apesar da convivência entre as religiões, as manifestações religiosas afro-brasileiras, enfrentam preconceitos da sociedade de forma geral até entre os quilombolas conforme relato do narrador.

Muitas vezes já fui muito discriminado. Mas a gente tem que ser do jeito que a gente quer, não é mesmo? As pessoas têm que respeitar né? Tenho muita fé em Deus e São Benedito e nos Pretos velhos (...). Eu sou pai de santo. Sou o chefe da religião afro aqui do Mata Cavalo. Sou responsável pela cultura afro daqui. Pois acho muito importante para nós quilombolas preservar a nossa cultura. Eu ensino para um grupo de jovens a nossa cultura (...) E eu luto por nossa cultura afro de Mata Cavalo, porque eu acho importante a gente preservar a cultura da gente. Estou ensinando para eles, senão quando a gente faltar, tão tem ninguém continuar a nossa tradição né. As pessoas têm que respeitar né? (Sizenando Comunidade Mata Cavalo de Cima).

Em Mata Cavalo assim como no contexto geral das religiões no Brasil, as religiões de origem africana, continuam sendo discriminadas, denunciando o racismo latente nas relações raciais na sociedade brasileira.

O narrador relata parte de uma situação de preconceito de membros de outras religiões com relação aos quilombolas.

Somos chamados de negros macumbeiros. Fizemos seminário para evitar o racismo, para conscientizar. Falam até que terra de negro é a terra mais perigosa que existe. Dizem que os evangélicos não deveriam morar no quilombo. (N. Mata Cavalo de Cima).

Em seu relato aparece a preocupação com a conscientização, através dos movimentos organizados. Expressa a necessidade de afirmação da dignidade do negro por meio da luta. Comenta também sobre as dificuldades encontradas e das conquistas afetivas, como projetos de apoio cultural para grupos de danças envolvendo crianças e adultos da comunidade. Para Merlo (2005), “[...] o resgate da negritude – na busca de firmar uma identidade em seu passado escravo, que pôs o negro fora da humanidade, mas que, na verdade, esconde sua origem como integrante de outra cultura em uma outra sociedade – mostra o quanto é necessário ele se preparar para esse movimento” (MERLO, 2005, p. 125).

Continuando o relato do pai-de-santo, que é também líder da Associação dos Quilombolas de Mata Cavalo de Cima, ele ressalta seu papel social perante sua comunidade. Atua como articulador entre os interesses de sua comunidade e as lideranças políticas locais, com o objetivo de beneficiar o grupo. Em seu relato aparece seu envolvimento com as autoridades locais para fins de aquisição de recursos para o desenvolvimento de projetos sociais no quilombo.

Já temos um calendário de festas que a secretaria de cultura manda para nós, para a gente fazer as apresentações. Temos apoio do prefeito Nezinho, de Livramento e da secretaria de cultura. Eles vêm na festa, e valoriza muito as nossas festas e as nossas tradições. Hoje já temos apoio de muitas pessoas e autoridades.

Mesmo tendo alcançado algumas conquistas, a população de Mata Cavalo ainda se debate em árdua luta pela garantia de sua dignidade.

O significado das festas para a comunidade vai além da devoção. A festa é também para se divertir e rever os parentes e amigos. Segundo Bandeira (1998), “[...] nesses dias de festa Mata Cavalo recebia inúmeros convidados”. “Gente de perto,” parente que morava mais distante. “Todo mundo reunido para rezar, brincar, conversar, lembrar as histórias e aprender as tradições”. A referência sobre a importância das festas das populações quilombolas também foi observado por Gusmão (2002), com a seguinte argumentação:

As festas típicas, além de trazerem em si muita informação sobre a história negra e retomarem os sentidos e significados da comunidade em que são praticadas – ainda serve de ponto de encontro para todos aqueles que estavam afastados da comunidade em que são praticadas – ainda servem como ponto de encontro para todos aqueles que estavam afastados da comunidade e retornam por causa das comemorações. (GUSMÃO, n/p, 2002).

A festa tem siriri e cururu. O cururu é usado para homenagear o santo

festejado. Os cururueiros têm uma toada (música) para cada parte da cerimônia da festa. Eles cantam para retirar o santo do altar no início da festa, para acender as velas, para ir para perto do mastro, para fazer a procissão, para beijar o santo, para levantar o mastro, e também para assentar as velas. Cantam também para encerrar o ritual (Ilustração 14):



Ilustração 12 – O cururu em Mata Cavallo faz parte das cerimônias religiosas das festas de santo. As toadas e as danças são em homenagem ao santo venerado.

As toadas continuam, enquanto os participantes reverenciam os santos do altar; pois não apenas o santo festejado do dia é reverenciado, mas todos os demais presentes no altar.

Os instrumentos utilizados para acompanhar a entoação dos cânticos, são a viola de cocho e o ganzá. Os instrumentos são feitos pelos próprios cantadores. O cururu é dançado apenas por homens e nas festas de santo. O siriri pode ser dançado por homens e mulheres, mas predomina mulheres. Em sua pesquisa sobre Mata Cavallo, Bandeira faz a seguinte descrição:

No repertório das experiências coletivas de Mata Cavallo as festas de santo foram momentos privilegiados de aprendizado. Festejava-se São João, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, o santo de devoção da casa. “Tinha também festa de promessa”. Nas festas “tirava-se a reza”, depois tinha a função do cururu para homenagear o santo. O “siriri ia noite inteira”. (...) Quem não dançava ficava olhando ou escutava os casos que um e outro contava (...). O mastro erguido no início da festa, com a bandeira do santo na extremidade era decorado com fitas coloridas de papel e quase sempre enfeitado com pequenos cachos de fruta. (BANDEIRA, 1998, p. 31).

Em Mata Cavallo a festa do ano seguinte começa ao término da festa que

está acontecendo, conforme relata a entrevistada. Os participantes responsáveis pela festa do ano seguinte são definidos no final de cada festa.

Após a reza do terço tem a cerimônia de escolha dos próximos ajudantes dos festeiros. Quando alguém faz promessa, pede para ser o rei ou a rainha e ajuda o festeiro a organizar a festa e adquire responsabilidade maior. (Gonçalina comunidade de Mata Cavallo de Baixo).

Após a escolha dos ajudantes dos festeiros, é realizado o término da festa, de forma que uma festa começa quando a outra termina, seguindo um ciclo de longo tempo, marcado pela tradição. Percebe-se que o povo de Mata Cavallo, semelhante a outros descendentes de escravos do Brasil, conseguiu preservar sua história e identidade cultural e manter suas tradições, fundadas nos laços de parentesco e na solidariedade. As informações contidas nas narrativas revelaram que as festas religiosas desempenham um papel primordial na manutenção do conjunto de valores pertencentes ao grupo.

4. TERRA DE LUTAS, TERRA DE MULHERES

No decorrer desse capítulo será reconstruída de forma breve a história das mulheres negras no Brasil contextualizando a história das mulheres de Mata Cavalo e sua atuação em defesa de suas famílias, seu território e conseqüentemente de seus valores culturais.

O preconceito contra a mulher é um problema antigo. Seu espaço de atuação era bem restrito. Elas foram sistematicamente silenciadas ao longo da história e, enfrentam muitos desafios na luta pela conquista de emancipação. A atuação das mulheres não era valorizada enquanto objeto de pesquisa pela historiografia tradicional ocorrendo o silêncio do qual nos fala Sueli Carneiro sobre essa questão.

Na realidade, tem ocorrido um “duplo silêncio”. Ao silêncio sobre as mulheres em geral (“a história é masculina”) soma-se o silêncio sobre as classes exploradas (“a história é a história das classes dominantes”). Sobre o segundo silêncio, muito já foi dito. Quanto ao primeiro, ele aparece travestido na mitologia sobre a natureza doce e patriarcalista do escravismo brasileiro. (CARNEIRO, 2004, p. 286).

Segundo a autora, o silêncio imposto pela historiografia até recentemente tem sido o responsável pela invisibilidade da mulher negra e essa invisibilidade obscurece sua história de luta e resistência. “No passado, resistência contra a escravidão e dominação senhorial e, na pós-abolição até os dias de hoje, por afirmação de uma identidade específica historicamente construída que se distingue da história de inúmeras mulheres do grupo socialmente hegemônico” (CARNEIRO, 2004).

A mulher branca tinha como papéis principais, os de mãe e dona-de-casa. Ela era submissa e dedicava-se à família. A mulher negra por sua vez, desempenhava inúmeras funções, pois não contava com o mesmo tratamento feminino dispensado às brancas.

No Brasil segundo Soihet (1997), as primeiras abordagens sobre a mulher deram-se no campo da antropologia e da sociologia na perspectiva de discutir o trabalho feminino. As tendências mais recentes ampliaram as discussões ao se interessar também pelo estudo das mulheres das classes populares. Nas considerações feitas pela autora “[...] como se tem feito com os demais subalternos,

busca-se trazer à tona as táticas de sobrevivências e de resistências desenvolvidas pelas mulheres” (SOIHET, 1997, p. 287).

Em seus estudos sobre a temática Samara (2003, p. 86) também se refere à distinção de padrões de conduta que regulavam o comportamento dos gêneros, os quais variavam de acordo com as etnias e os grupos socioeconômicos.

A autora diz que o conduzir das análises historiográficas leva a planos distintos de apreensão e identificação do perfil social das mulheres e no bojo da discussão sobre a alternância de papéis está a questão da identidade feminina e do processo de socialização. Essa mesma estudiosa argumenta e exemplifica as conseqüências dessa diferenciação:

Histórias de viúvas ricas e poderosas, ou mesmo de outras que tiveram que comprovar em juízo que ‘honravam a memória de seus maridos’ para conseguirem a tutela dos filhos, entrecruzam-se com outras histórias de mulheres comuns que abandonadas à própria sorte, chefiavam famílias e criavam os filhos com o seu próprio trabalho (SAMARA, 2003, p. 87).

Em suas análises Sueli Carneiro conclui que entre as mulheres comuns, o abandono social a que foram submetidas as mulheres negras gestou, além da humilhação social, um tipo de “independência” e de “autonomia” que serão as bases do “matriarcado da miséria” como sinteticamente temos nomeado a experiência histórica das mulheres negras na sociedade brasileira (CARNEIRO, 2004, p. 296).

Elas são vítimas ainda hoje de estereótipos construídos no período escravista como serviçais. Pois durante o tempo em que permaneceram escravizadas, foram submetidas desde os trabalhos nas plantações, ditos masculinos, a outras diversas atividades domésticas. Como ensina Carneiro:

Essa indiferenciação dos papéis sociais dos gêneros visava à maximização da exploração da mão-de-obra escrava em que mulheres e homens em muitas circunstâncias foram submetidos ao mesmo tipo de trabalho, o que destitui as mulheres negras do mito da fragilidade feminina típica da cultura patriarcal. Ao mesmo tempo, em outras circunstâncias, destituiu os homens negros, muitas vezes, das atividades consideradas essencialmente masculinas (CARNEIRO, 2004, p. 290).

A autora afirma ainda que os estereótipos construídos por historiadores e romancistas e outros, “[...] retrataram, no mais das vezes, as mulheres negras ora como trabalhadoras adequadas a serviços desumanizantes, ora como mulheres lascivas e promíscuas [...]”. O oposto da mulher branca reificada como musa, santa para ser exaltada e adorada (CARNEIRO, 2004, p. 286).

Apesar da invisibilidade denunciada pela autora imposta à mulher na história oficial, existem registros que confirmam a participação das mulheres tanto brancas como negras em vários tipos de luta, como por exemplo, na luta pela liberdade e resistência nos quilombos.

No século XVIII, o Quilombo do Quariterê ou Piolho, em Vila Bela da Santíssima Trindade era chefiado por Teresa de Benguela, conhecida entre seu povo como rainha Teresa, que resistiu bravamente até tombar morta frente à força de seu oponente.

Resgatar a história das mulheres quilombolas de Mata Cavalo contribuirá para retirar do anonimato e valorizar a luta e as conquistas da mulher negra na história de Mato Grosso.

Para repensar a importância da historicidade da mulher negra, Carneiro (2004) diz que é preciso romper o silêncio a que foram relegadas muitas mulheres e buscar através de pesquisas dar visibilidade e voz a essas mulheres:

Resgatar 'as mulheres invisíveis' é um exercício que se instala nas fronteiras da nomeação mapeando, em linhas gerais, personalidades femininas que teceram o fio de nossa história na luta anti-racista. Com os nomes, via de regra esquecidos, delineamos os contornos da feição do movimento de mulheres negras contemporâneo: suas lutas, nuances e tendências, perspectivas, caminhos e horizontes. (CARNEIRO, 2004, p. 287).

Em relação à opressão vivida pela mulher de forma geral, a autora faz a distinção entre os objetivos das lutas engendradas por mulheres brancas e negras no Brasil. Afirma a autora: O desejo de liberdade desponta como o objetivo comum que engendrou encaminhamentos particulares: para as mulheres brancas a luta contra o jugo patriarcal, para as negras a luta contra o jugo colonial, a escravidão e o racismo que lhe correspondeu (CARNEIRO, 2004).

O movimento das organizações das mulheres negras foi ampliado do final dos anos oitenta para cá. Para Ribeiro (1995, p. 454), “[...] é crescente, na organização das mulheres negras, a compreensão da necessidade de participação nos processos de articulação e intervenção da sociedade civil em nível mundial”.

No bojo desse crescimento, as mulheres quilombolas têm participado ativamente no processo de luta pela demarcação de seus territórios, direito à escola, saúde e enfim, direitos que garantam sua cidadania.

Na concepção do Programa de Apoio ao Movimento Negro de Salvador, a questão de gênero, de oportunidades de participação equilibrada entre homens e

mulheres, aparece em todos os projetos do programa e foi um dos eixos temáticos que a sistematização buscou conhecer melhor. Diz ainda que:

Alguns projetos trabalham mais diretamente o assunto com oficinas para as comunidades. Afirma ainda que em diferentes frentes e de diversas maneiras, as mulheres foram aparecendo mais, e a relação de poder entre mulheres e homens foi problematizada e discutida. Em alguns lugares, o fato das mulheres assumirem posições fortes, de liderança e de poder; tem sido um processo natural; em outros, um trabalho lento. (PAMN, 2000, p. 75).

As mulheres quilombolas têm participação expressiva nos movimentos de regularização fundiária, segundo uma informante da comunidade de Mata Cavallo. O papel das mulheres é bem destacado nas lutas quilombolas. “Não só aqui em Mata Cavallo”, mas nos quilombos no Brasil. (Gonçalina da comunidade de Mata Cavallo de Baixo).

4.1 Trajetória das mulheres de Mata Cavallo

As mulheres de Mata Cavallo desde os tempos mais remotos, sempre tiveram papéis relevantes na história de sua comunidade. A história local contém vários relatos envolvendo as mulheres desde os tempos dos ancestrais.

Do grupo de escravos herdeiros e dos que adquiriram a liberdade, havia um número significativo de mulheres, sendo que seus descendentes deram origem a algumas comunidades, entre elas a Comunidade da Estiva que descende da escrava Beatriz, filha de escravos africanos. Sobre isso diz Bandeira:

Beatriz era mãe de cinco filhos. Rita, Francisco, Benedita, André e Gregório. Este último constituindo família com Januária teve diversos filhos. Nessa descendência o informante situa Benedito Gregório, seu pai. Benedito Gregório casa-se com Marcelina, também descendente do tronco de Beatriz, filha de Albano e Rita. Do casamento de Benedito Gregório e Marcelina nascem, além de ‘seu Antônio Mulato, mais onze filhos’. (BANDEIRA, 1998, p. 18).

“Seo” Antônio Mulato, hoje aos cento e dois anos de idade “esbanjando saúde e otimismo”, vive na comunidade da Estiva, terra de sua ancestral e possui vários filhos de seus dois casamentos, e muitos netos e bisnetos. Seu Antônio diz que ainda se lembra de sua bisavó. Que ela era muito velha e que gostava muito de ir à festa, apesar de ter ficado cega. “Era uma mulher alegre que gostava de estar no meio de muita gente”.

Mata Cavallo tinha tecelãs, rezadeiras, parteiras, todas de grande

importância para a comunidade. Seus conhecimentos eram respeitados tanto dentro da comunidade como também pela vizinhança.

Esses conhecimentos vêm do tempo da escravidão onde as escravas executavam diversas funções em benefício de seus senhores. Segundo Moura (2001):

No terreiro dos engenhos, as escravas criavam os frangos para o caldo que a senhora do engenho tomava, quando estava de resguardo, depois do nascimento de uma criança. Eram elas que engordavam os porcos e faziam o chouriço, guardando a banha para temperar a comida. Cuidavam do fogão à lenha, do forno de barro, faziam os doces e assava as broas de milho e os bolos de mandioca que todos comiam na casa-grande. Muitas teciam no tear o pano de suas roupas, que elas próprias costuravam. (MOURA, 2001, p. 19).

Em Mata Cavallo, como nas demais regiões brasileiras, os escravos prestavam serviços semelhantes. De acordo com o relato de um dos descendentes, os escravos faziam todo tipo de serviço. Trabalhavam nos garimpos, na plantação de cana, de mandioca, cortavam a cana para moer e fazer rapadura, melado e açúcar; enfim, tudo que o senhor mandasse fazer. O narrador diz que as formas de trabalhar foram passando de pai para filho, desde o período da escravidão, referidas por ele como “o tempo dos antigos”.

(...) Nós estamos trabalhando na terra desde o Macário, velho que era pai de Miguel, que era meu pai. A gente mexia com moagem, mexia com engenho e com plantação de cana. Era desse jeito que a gente vivia. Desde o tempo dos antigos. (Clemêncio Comunidade Mutuca).

As mulheres plantavam algodão, que servia para a confecção de redes e também como remédio. Coletavam frutos silvestres, que serviam para fazer doce e remédios. As mulheres mais velhas detêm conhecimentos de ervas e de trabalhos artesanais, como fiar e confeccionar redes, entre outros.

As benzedeadas benziam de quebranto, mordedura de cobra, arca caída e outros males que eventualmente afligiam os moradores. As parteiras também possuíam prestígios pelos conhecimentos que lhes permitiam cuidar da mãe e filho, com os “remédios do mato”, nas palavras de uma das parteiras. Ao relatar sua experiência, ela atribui à mãe, grande importância, numa atitude de reconhecimento dela como parteira na região. Na narrativa, percebe-se a admiração e o respeito contido em suas palavras.

Olha parteira mesmo era minha mãe. Minha mãe era mãe de dez filhos e era

ela que fazia os partos das mulheres lá de perto, de todas aquelas bandas de lá. Ela era de muita confiança lá por aquelas bandas.

Eu aprendi com ela, ajudei ela algumas vezes, e com isso aprendi, né? Mas só fiz os partos de minha nora. Meus netos, filhos desse meu filho, (referiu-se ao dono da casa), fui eu que peguei eles e cuidei de minha nora.

Cuidei só remédio do mato. Remédio para fazer banho, e também para tomar, pra limpar e não dar inflamação, né? É muito bom, faz muito bem pra mulher.

Antigamente, não tinha remédio de farmácia, a gente só tomava remédio do mato. Hoje é que as pessoas não querem mais. Nem sabe mais dessas coisas, é hoje está tudo diferente. No meu tempo era assim, mas agora está tudo mudado. Hoje as mulheres só querem saber de médico, antigamente as mulheres tinham os filhos em casa com a parteira. Mas hoje em dia ninguém quer mais ter em casa, já corre pro hospital. (Heloísa 72 anos, Comunidade de Mata Cavalão de Baixo).

A parteira fala com saudosismo do tempo em que as mulheres e crianças ficavam aos cuidados da sabedoria das parteiras, da confiança que as pessoas depositavam nelas para ajudarem seus filhos vir ao mundo. Em seu relato há um grande pesar em função da perda de prestígio social dos conhecimentos medicinais tradicionais, das pessoas da comunidade, em relação à medicina moderna.

Mas é possível observar o convívio dessas formas de conhecimentos no relato do agente de saúde, que diz que as pessoas, principalmente as mais velhas, não confiam só no “remédio do médico”; elas continuam indo à benzedeira e continuam tomando seus “remédios do mato”.

Na comunidade do Aguaçu ou Passagenzinha, como preferem os moradores, tem uma benzedeira muito respeitada e procurada pelas pessoas da comunidade. Ela resolve problemas como cobreiro, arca caída ou picada-de-cobra e, benze também crianças com quebranto. Ela detém prestígio em sua comunidade e nas comunidades vizinhas.

Suas rezas, segundo ela, curam desde o mal físico até problemas espirituais, tais como o mau-olhado e, servem também para derrotar as forças do “coisa-ruim” (demônio). *Oração de defesa é oração de Santa Catarina. E têm outras também, tem várias, né? Tem as mais compridas e as mais curtas, todas de defesa. Servem pra defender de tentação, né?*

A narradora faz a distinção entre os termos rezadeira e benzedeira, que segundo ela, não possuem o mesmo significado. Benzedeira ou benzedor é aquele

que possui o dom da cura através de suas orações.

As rezadeiras são as mulheres da comunidade encarregadas de conduzir os rituais religiosos nas festas de santo, nos velórios e ou na reza do terço. Ao ser indagada sobre sua habilidade ou (dom), conforme prefere chamar, afirmou que possui as duas habilidades, ambas aprendidas com seus pais.

Sou rezadeira e benzo também, faço remédio, né? Remédio do mato. Os remédios eu aprendi com minha mãe, e as rezas, aprendi com meu pai.

Meu pai todo dia de manhã, madrugadinha, cinco horas da manhã, ele levantava e ajoelhava na frente do santo, Nosso Senhor Bom Jesus, e rezava o terço e todas as orações, né? E as outras foi minha mãe que me ensinou. Benzeção de cobreiro, de ofensa de cobra, e as orações de defesa que eu faço. Essas orações são para livrar a gente e os parentes, das tentações das tentações dos demônios, de coisa ruim.

No caso da mordedura de cobra, o tratamento é bastante simples, porém, não pode faltar a fé, pois sem fé, enfatiza a informante, o tratamento não surtirá efeito. Na narrativa de um episódio envolvendo uma pessoa da família, ela revela a forma de tratamento ministrado nessa situação.

A companheira de meu sogro. Ela foi picada doze vezes de cobra e eu curei ela, né?

Ela falava: cobra me picou. E eu olhava e aí benzia ela. E fazia o remédio e dava pra ela beber. Primeiro a gente benze a pessoa no lugar da ofensa. Depois amassa alho com pimenta - do - reino e com salzinho, raiz de alecrim, casca de paineira e algodãozinho branco. E aí a senhora amassa ele tudinho, né?, e põe num copo. E se tiver pinga, põe ele na pinga e dá para a pessoa beber. Isso depois da benzeção. Aí ela toma e se der uma dorzinha de cabeça, é pouca. A gente bate todas as ervas com salzinho. E é tirar com a mão. Aí não arruina. Basta a pessoa ter fé, porque não adianta a pessoa não ter fé.

A narradora descreve o atendimento a uma pessoa da família e como esta reagia aos tratamentos, demonstrando inteira confiança na eficácia no processo de cura por ela utilizado. Fala ainda da importância da fé no processo de cura. Pois sem fé, segundo ela, a cura não se realiza.

Ela deitava um bocadinho e de tarde já estava trabalhando. Ia apanhar água e não recaía. Aí eu benzia de ofensa, por causa do mau olho (reforço do benzimento). E eu também benzo todo o pessoal de quebranto, cobreiro e arca caída. (Virgínia da

comunidade Aguaçu (Paassagenzinha).

Em sua pesquisa sobre a temática, Bandeira afirma:

Ainda hoje a força espiritual do pessoal de Mata Cavalo é conhecida no município através de um líder espiritual descendente a localidade. Reconhecido como 'pai – de- santo forte' e respeitado pelos negros e brancos diz 'ter aprendido a rezar com sua mãe, e recebido de Deus a obrigação'. (1998, p. 31).

A comunidade de Mata Cavalo já conquistou alguns direitos, entre eles, o atendimento à saúde através do Programa de Saúde Familiar, do Governo Federal (PSF).

O novo e o velho competem no dia-a-dia na solução dos problemas que afligem seus moradores. Mas os valores herdados dos ancestrais, de algum modo ainda resiste, seja na visita à benzedeira ou no reforço adicional do tradicional chazinho dos antigos.

4.2 As mulheres vão à luta

No processo de desagregação da comunidade de Mata Cavalo, devido às invasões de seu território por fazendeiros da região, as mulheres tiveram importante atuação na organização das formas de resistência. A desestruturação da comunidade e a origem dos conflitos existentes, segundo Bandeira (1993) tiveram início na política de valorização da terra do Governo Vargas, o projeto "Marcha para o Oeste". Nesse projeto, afirma a autora em sua argumentação:

A mediação política do Estado se expressa no projeto Marcha para o Oeste do Governo Vargas e na intervenção do governo estadual no reordenamento de Cuiabá, nos anos de 39-45. A violência se expressa em nível da estrutura e organização do espaço na produção, especialização mediada pelos interesses econômicos, da cidade de Cuiabá e na expropriação das terras de camponeses tradicionais, dissociando-os da posse dos meios de produção, especialização essa determinada pelos interesses econômicos de expansão do capital nacional. (BANDEIRA, 1993, p. 86).

Um dos entrevistados disse que as invasões das terras de Mata Cavalo vêm desde os anos de 1940. Nesse período, segundo ele, os moradores enfrentaram sérios conflitos o que fez com que muitos moradores deixassem suas terras em função da violência. Segundo ele, muitas famílias foram embora, inclusive a sua, devido aos desmandos dos fazendeiros.

Nesse relato o narrador explica alguns dos procedimentos utilizados pelos invasores, na usurpação de suas terras.

Os grileiros mataram muitas coisas nossas (refere-se aos animais). Cercaram muitas das terras que cultivamos. E foi tomando de pedacinho em pedacinho, e nós estamos espremidos. Os que foram embora, muitos saíram por medo. Eles tinham dinheiro (os invasores), podiam pagar pistoleiros, né? E pra nós que não temos que só vive da rocinha, tocada à mão. (Natalino de Mata Cavallo de Baixo).

Em uma passagem do seu trabalho, a autora, ao analisar a política nacional de ocupação de terras naquele contexto histórico, diz que os conflitos de terra em Mato Grosso coincidem com o marco político dos anos compreendidos entre 1930 e 1950. Afirma que “[...] com a integração de novas regiões ao mercado nacional, cuja função primária é a acumulação primitiva pela dissociação dos camponeses de seus meios de produção, processo em que a violência representa papel essencial” (BANDEIRA, 1993, p. 87).

As memórias dos moradores sobre esse período revelam o drama vivido decorrente da expulsão de seu território ancestral.

Essas áreas eram ocupadas desde os antepassados, têm muitas dessas áreas que não ficou quase ninguém por causa das invasões dos fazendeiros, por exemplo, o Mutuca. Ficou um povo aqui que sempre lutou e ficou por aqui mesmo, e aqui no Mata Cavallo sempre permaneceram muitas famílias; no Aguaçu também ficaram... né? Sempre de qualquer forma, foi ocupado, teve sempre, não na totalidade, um grupo de resistência; um tempo tinha mais gente, outro tempo tinha menos, mas sempre teve. (Josias Mata Cavallo de Baixo).

A Ilustração 15, a seguir, retrata algumas dessas mulheres que contribuíram para o fortalecimento do processo de resistência às invasões.



Ilustração 13 – Mulheres de Mata Cavallo

Foto: Maria dos Anjos Lina dos Santos, em 2006.

E na luta pela terra, as mulheres foram fundamentais na resistência aos invasores. Enfrentaram corajosamente os pistoleiros que pressionavam as famílias para deixarem suas casas por meio de ameaças e também de ações concretas de violência. Uma das práticas de intimidação dos agressores era derrubar ou colocar fogo nos barracos com as famílias dentro.

Essa narradora descende de uma família que foi expulsa de suas terras nesse período. Seu relato reforça a tese da autora sobre a violência que se abateu sobre as famílias na ocasião dos conflitos.

Meu pai contava que foi atacado por fazendeiros. O pessoal era do tempo duro. Não sabia ler né? E os fazendeiros foram tomando tudo, né? Compra um pouco e cercava o resto e foi escarrereando o povo daqui, que ficaram com medo. Mas agora estão voltando o povo daqui. Porque o povo já sabe que a comunidade é dele. Saíram escarrereados de medo por causa dos fazendeiros. As casas foram todas derrubadas. Derrubaram todas as casas e queimaram tudo. (Francisco Comunidade de Mata Cavallo de Baixo).

Além dessas formas de intimidação, os xingamentos sempre acompanhavam tais ações, evidenciando também o racismo envolvido no processo de expropriação dos herdeiros de Mata Cavallo.

O narrador descreve uma das cenas de violência, em que cita um trecho da fala de um invasor, que revela sua atitude racista perante os moradores, e a impunidade diante do fato, por se tratar de uma comunidade de negros.

Os pistoleiros xingavam todos nós de pretos safados e de negros vagabundos. Chamou minha nora de preta vagabunda. Depois ainda falou pra nós: “Se eu matar todos vocês aqui e (apontou para a família), e enterrar, sabe o que vai acontecer comigo? Nada. Porque vocês são negros”. (Israel 64 anos comunidade de Mata Cavalo de Baixo).

E diz o informante que sua nora reagiu aos insultos, discutiu com o agressor, conseguindo afugentá-lo, pelo menos temporariamente. Em seu relato, afirmou que o homem estava armado e poderia ter atirado nele e no seu filho, se não fosse a intervenção da nora; pois os homens não têm muita paciência para discutir, segundo ele.

Seu depoimento expressa a situação de preconceitos e abusos aos quais estavam sujeitos, bem como a impunidade em relação aos agressores.

Entre as mulheres pioneiras que participaram da resistência às invasões, desçam-se dona Rosa Domingas da comunidade da Mutuca e dona Januária, da comunidade do Aguaçu. Dona Januária era benzedeira e assumiu a liderança da comunidade naquele período. Essas mulheres são lembradas com admiração e respeito pelos seus descendentes e representam um símbolo da luta das mulheres quilombolas no processo de regularização de suas terras.

Esse relato de uma das atuais lideranças, sobre as formas de atuação dessas mulheres, revela as situações de perigos aos quais as famílias foram expostas. Foram coagidas tanto pelos invasores como pelo poder público representado pela polícia:

Desde os tempos de minha avó, que as mulheres já estavam na luta. Quando chegavam a polícia que os fazendeiros chamavam para tirar os homens, tirar a gente da nossa terra, as mulheres já enfrentavam a polícia. Os homens escondiam no mato e ficava vendo de longe e as mulheres diziam que os homens estavam na roça trabalhando, e não falavam onde eles estavam. Eles ficavam com raiva e xingavam, mais mesmo assim elas não falavam. Porque eles vinham para tirar a gente da terra que é nossa. A polícia vinha no carro deles, dos fazendeiros, era tudo do lado deles. Eles sabiam que elas não queriam falar, e elas enfrentavam assim mesmo, mesmo com medo. Os homens se escondiam no mato e ficava

olhando de lá, pois se tivesse violência, aí eles vinham né? Só ficavam as mulheres e as crianças. (Laura Comunidade Mutuca).

Essas mulheres possuíam um histórico de luta, herança de um passado de sofrimento e batalha, pois tinham consciência dos riscos que corriam perante seus oponentes, mas permaneceram firme em suas convicções.

Uma passagem de um estudo realizado por Sueli Carneiro (2004, p, 294) revela que “[...] a experiência dolorosa da escravidão e a exclusão social, esta marca fundante da pós-escravidão, possibilitará diferentes modalidades de rebeldia e resistência nas mulheres negras”.

As mulheres de Mata Cavalo expostas aos abusos de fazendeiros e autoridades, lutam desesperadamente pela sua dignidade, de suas famílias e, por toda a comunidade. Continuando o relato, a narradora relembra fatos de sua infância, vivos em sua memória, que contribuíram para a sua conscientização e o seu engajamento na continuidade da luta pelos direitos de seu povo.

Quando eu era criança eu vi meu pai e meus tios serem presos. Eles foram levados pela polícia, e foram presos na delegacia do Livramento. Eu era criança, mais nunca esqueci. Isso foi muito marcante para mim Fiquei com muita raiva do que aconteceu com meu pai e meus tios. Meu pai e meus tios estavam trabalhando, eles não eram bandidos, eram pessoas que estavam trabalhando na sua própria terra e estavam sendo tratadas daquele jeito. Mas nós não deixamos quieto não. Fomos atrás e chegamos na delegacia, fizemos um panelaço, um movimento na frente da delegacia, para que soltassem eles. Muitos foram a pés. Fizemos muita pressão para que soltassem eles. (seu pai e seus tios).

A força dessas mulheres foi construída historicamente, segundo Carneiro (2004, p. 295) devido “[...] a ausência da tutela do poder patriarcal sobre as escravas e negras livres, o tratamento de objeto de trabalho, ou de uso sexual, produz um tipo de mulher que a despeito de sua condição feminina tem a todo custo, que aprender a contar consigo mesma para cuidar de si e de sua família”.

Desse desamparo, provavelmente vem a força da mulher negra para continuar a luta em prol de direitos. Em relação à comunidade de Mata Cavalo, uma narradora afirma que as mulheres sempre participaram das lutas, em várias frentes de atuação.

Aqui no quilombo de Mata Cavalo mesmo, a luta foi começada pelas mulheres. A presidente da associação é uma mulher, e tem várias líderes. Por

exemplo: tem as rezadeiras, tem as festeiras, e todos os serviços da comunidade são comandados pelas mulheres. A própria escola. Somos seis professoras. Acho que a partir disso vai criando esse fortalecimento das lutas das mulheres. (Gonçalina Comunidade de Mata Cavallo de Baixo).

As mulheres tiveram e continuam em destaque na luta pela escolarização na comunidade. As gerações mais velhas enfrentaram muitos desafios para conseguirem sua formação. Segundo uma das informantes, Dona Tereza foi a primeira professora da comunidade.

E continua a narradora nas explicações sobre a predominância das mulheres na luta em Mata Cavallo:

Aqui no quilombo não a gente tem aquela questão da igualdade, a mulher não se sente melhor que o homem mais ela tem o seu papel definido, e por sofrer menos tipo de violência física em que os homens são mais visados, as mulheres foram tomando para si essa questão de estar tocando a luta.

Aí enquanto os homens estão cuidando da roça, as mulheres estão cuidando de outras coisas. Elas estão indo nas reuniões, as mulheres estão indo para a cidade, viajando para os encontros. E é uma coisa natural, não é uma coisa que foi imposta, criou-se assim naturalmente. Quando os homens estavam na liderança, parece que pela sua fala, havia mais agressividade, então por causa disso as mulheres foram encontrando outro caminho.

A narradora fala da “disposição da mulher para o diálogo”, capacidade de argumentação, como uma das condições que contribuíram para o sucesso das mulheres nos processos de negociações perante os conflitos.

Acho que os homens têm o estopim mais curto, né? As mulheres têm mais essa questão do diálogo. Pois o homem ainda tem aquela questão machista, que homem não pode bater em mulher, que a mulher é mais frágil, e então cria mais um diálogo. Então isso reforçou para a luta do quilombo não ser uma luta tão violenta.

Ao relatar a história das invasões, Bandeira afirma:

No decorrer do processo de expulsão dos negros de suas terras, no núcleo compreendido entre os ribeirões Mata Cavallo, Mutuca e Estiva, parte dos parentes de Vicente Ferreira que ocupavam as terras ‘na direção do Mutuca’, foram os que, mesmo ameaçados, não deixaram as terras em que viviam. Resistindo aos jagunços contratados para tal fim, às mulheres coube o comando do processo de resistência, garantindo a permanência na área, uma vez que os homens do local, para sustentar as famílias, encontravam-se trabalhando fora da Comunidade. (BANDEIRA, 1998, p. 38).

A entrevistada narra episódios do período de luta intensa pela qual a comunidade passava. Relatou as situações dos perigos aos quais estavam expostas e as situações de preconceitos vividas pelos moradores.

Quando meu avô, quando ia para Livramento, ia por dentro do mato, porque tinha gente esperando eles passarem, se fosse pela estrada. Ele ia por um caminho e voltava por outro. Ele nunca ia e voltava pelo mesmo caminho. Saía de madrugada e tinha que fazer umas voltas com o cavalo para despistar, para não saberem para onde ele ia. A gente já sofreu muito. Quando era de noite, ninguém dormia na rede. Eles punham um pau dentro da rede, para pensarem que eram eles que estavam deitados, parecia que era gente dentro da rede, e ia dormir em outro lugar, com medo de violência. (Laura da comunidade Mutuca).

A informante relata os desmandos da polícia local, que segundo ela, estava a serviço dos fazendeiros. Os fazendeiros, de acordo com ela, usavam a força policial nas ameaças contra os moradores que tiveram as terras invadidas. Ela descreve uma cena de racismo vivida por membros de sua família ao ser preso; diz que a família foi pedir explicações sobre os motivos da prisão e o delegado encarregado na época, respondeu que lugar de negro era na cadeia.

Revelando o ranço herdado da escravidão, a autoridade atribui um lugar ao negro, ao qual Guimarães (2003, p. 99), em uma passagem de seu trabalho sobre a temática na sociedade brasileira, diz que “[...] essas pessoas escravizadas foram chamadas de ‘africanas’ e ‘negros’, essas foram digamos, as duas identidades criadas originalmente na sociedade escravocrata brasileira, em que o negro tinha um lugar e esse lugar era a escravidão”.

Aqui no Livramento tinha um delegado, que graças a Deus já foi pros quintos dos infernos, ô homem ruim! Ele prendeu meu pai e meus tios. Ele fazia tudo para os fazendeiros, só ficava do lado deles, e só vivia perseguindo o povo daqui, os negros. Ele tinha raiva de negro. Quando nós, minhas tias, minha avó e minha mãe foram falar com ele, para soltar os homens daqui, que eles não tinham feito nada de errado, que eles estavam trabalhando na roça, e não havia feito nada pra ninguém, ele (o delegado) falou que lugar de negro era na cadeia. Que ele não gostava de preto. Ainda bem que ele já morreu e foi para o inferno, ele era muito ruim.

Eu nunca esqueci, acho que foi aí que pensei que eu tinha que lutar. Estudar e lutar pelo meu povo, pelos nossos direitos. Faço Direito na UNIC. Eu acho que a gente tem que estudar, para enfrentar a luta. Não estou dizendo que eles não

enfrentaram, todos lutaram. Meu avô, meu pai, minha avó e meus tios. Todos lutaram. Mais sem saber ler as pessoas daqui saíam prejudicadas e os fazendeiros sempre saíam ganhando.

Mas tudo que eu sei o que eu sou hoje, eu aprendi com os mais velhos. Eles são muito importantes para nós, Pois foram eles que lutaram para conseguir deixar tudo pra nós. Mas nós temos que estudar, porque hoje em dia, a gente precisa estudar, porque tudo é mais difícil ainda. (Laura da comunidade Mutuca).

E continua o autor “[...] nessa sociedade muito racista a raça era importante, para dar sentido à vida social porque alocava as pessoas em posições sociais”. (GUIMARÃES, 2003, p. 99). Constata-se que mesmo decorrido mais de um século da escravidão no Brasil, o lugar atribuído ao negro ainda é influenciado pelos estigmas oriundos dela.

4.3 A luta das famílias pela educação escolar de seus filhos

A preocupação com a escolarização dos filhos sempre fez parte da história de vida dos ex-escravos. Conforme depoimento de um morador centenário, seu pai colocou os filhos na escola apesar de todas as dificuldades da época, nos primórdios do século XX.

Naquele período poucas pessoas da comunidade sabiam ler. Apenas uns três ou quatro, segundo o depoente e entre os alfabetizados, não houve nenhum nome feminino incluído no relato. Em sua narrativa fala dos problemas encontrados pelas famílias para pôr seus filhos na escola.

As famílias já tinham vontade de pôr as crianças na escola, mas indo pra casa alheia, na casa de parente que morava no Livramento. É que meu pai me pôs na escola, mais na casa de parente, um dia estudando outro dia não. Porque meu pai levava suprimento, “comedoria”, mas na hora que acabava, tinha que vir embora, porque lá não tinha recurso para comer. (pausa, olhar distante). Aí meu pai tornava levar. (...) Eu apanhei por causa de não saber ler. Por isso que eu pedi pro prefeito para os meus filhos estudar. (Antonio Benedito da Conceição, Comunidade Estiva).

A educação já fazia parte dos planos das famílias desde a conquista da liberdade, segundo o informante. Ele diz que alguns “antigos” conseguiram aprender

a ler. Fala das dificuldades enfrentadas pelos primeiros estudantes da Comunidade e também de sua luta pela criação de escola no local, conforme o relato.

Lutando com roça, produzi a família. Entre mortos e vivos são ao todo dezoito e vivos são onze. Aí não tinha escola pra minhas crianças, e eu pedi a primeira escola. Foi Emiliano Monteiro que me deu aqui no Mata Cavalo. Emiliano Monteiro era prefeito de Livramento, que formou a escola. Foi (pausa) quarenta, quarenta e quatro, quarenta e seis mais ou menos, que começou a escola aqui em Mata Cavalo.

Tinham poucos que sabiam ler. Quem sabia ler era Teodoro, ali na Mutuca, finado Rapa-cuia. Rapa-cuia era irmão de minha mãe. O nome dele era Manuel Teodoro Lemes, mas o povo o conhecia por Rapa-cuia. Só esses poucos sabiam ler, mais ninguém sabia. Tinha mulher que eu nem vou falar. (...) Tanta moça bonita. (silêncio). (Antônio Mulato. 102 anos. Comunidade Estiva).

No relato do informante fica constatado que a história de Mata Cavalo faz parte da estatística da situação da população negra em relação à educação no Brasil. Gonçalves, ao analisar a educação do negro no Brasil, conclui:

A gravidade da situação educacional dos negros aparece de forma gritante, não quando comparamos negros pertencentes a gerações mais jovens, (entre 20 e 40 anos) com outros negros mais idosos (entre 60 e 80 anos ou mais). Estes, cuja infância e juventude estão mais próximos do início do século XX, padecem de altíssimos índices de analfabetismo. Por exemplo, em um total de três milhões, o percentual é de 70%. Entre as mulheres a situação é ainda pior: quase 90%. (GONÇALVES, 2003, p. 325).

Conforme a narrativa pelo número de pessoas que sabiam ler, fica evidente a situação de exclusão em que vivia a comunidade. A consciência da necessidade da educação está ligada ao entendimento do tipo de pessoas que se quer conceber. Na definição de Carlos Brandão a educação ajuda a pensar e criar tipos de homens ao passar uns para o saber que os constitui e os legitima. Ela participa do processo de produção de crenças e idéias que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. (BRANDÃO, 1981, p. 11).

Além da falta de escolas e de condições financeiras para manter os filhos na cidade, as famílias ainda sofriam com os preconceitos no ambiente escolar. Seus filhos eram discriminados por professores e alunos provenientes de outras origens sociais. De acordo com Bandeira (1998, p. 2), na hierarquia da sociedade local “[...] eles próprios reconhecem que antes eram classificados como gente de terceira. [...]”

Como formação social específica, as comunidades não se encaixavam na estrutura social local, eram elementos estranhos [...]”.

Depois que criou a escola, veio professora do Livramento, né? Daí passado uns dias, ela foi escolhendo as crianças pra ir à escola. Preto não.

O meu filho, depois que estava indo na escola, passado uns dias, voltou com os livros na mão, e eu perguntei: Meu filho, você brigou lá? Não, eu não briguei. Então por que você veio? Não tem escola pra você? O menino respondeu: a professora mandou. Conversei com o dono da casa que eu pedi a escola, né? Se eu pedi a escola e ele aceitou, e agora meu filho foi desprezado de lá. E com quem a gente ia falar?(demonstra indignação). Aí eu perguntei: Seu Manequinho, por que meu filho foi dispensado? Aí ele falou: Isso é com a professora. Veio a professora, e falou que a quantia das crianças estava muita. O regulamento é tantas crianças, é trinta crianças, eu vou (pausa), fulano de tal, fulano de tal, só branco. E eu falei: a senhora dispensou meu filho, e hoje mesmo eu vou dar parte da senhora pro prefeito. (...) E ela teve que reunir as crianças de novo. As crianças pretas. E teve que aceitar as crianças de novo. Ela ficou sem graça, senão nós é que íamos ser jogados fora. (Antonio Benedito da Conceição 102 anos. Comunidade Estiva).

A luta por direitos é marcante na trajetória histórica de Mata Cavalo. Além das invasões de seus territórios, a população enfrentou o racismo escolar em seu próprio território. Seus filhos passaram por constrangimentos e humilhações evidenciando o racismo que envolve as relações sociais da região onde se situa.

Ao realizar estudos sobre o racismo no Brasil Guimarães (2003) cita o trabalho de Weber, que distingue:

Os grupos abertos – como as classes – dos fechados – como as castas – uma boa parte da literatura sociológica brasileira era uma sociedade de castas. Isso porque, no nosso caso, a relação social era fechada pela cor – negro -, que sinalizava seja a idéia de raça, seja a idéia de cultura e civilização, seja a idéia religiosa de uma descendência divina. (GUIMARÃES, 2003, p. 99).

A cor no Brasil, de acordo com o autor, é o meio que define o lugar que os indivíduos ocupam na sociedade. A narrativa apresenta o drama vivido pelos alunos negros da comunidade de Mata Cavalo, que reflete a situação também vivida por negros nas outras regiões do estado de Mato Grosso e no Brasil.

Frutos de muitas lutas, as conquistas no campo educacional foram significativas para a comunidade. A comunidade conta atualmente com escolas por

reivindicação dos moradores.

A Ilustração 16, a seguir, retrata a situação física da escola da comunidade de Mata Cavallo:



Ilustração 14 - Escola São Benedito uma das escolas que atende a comunidade.

Nessas reivindicações as mulheres desempenharam papel relevante não apenas na luta por escolas, mas também para que os professores fossem da própria comunidade. Dona Tereza foi a primeira professora de Mata Cavallo. Hoje, já aposentada, desempenha a função de liderança na comunidade.

Ela enfrentou muitas dificuldades em sua carreira profissional devido aos preconceitos, conforme seu depoimento.

Meu pai foi o fundador da primeira escola daqui do Mata Cavallo. Ele lutou para ter escola para os filhos dele e todos da comunidade. Eu fui a primeira professora aqui do Mata Cavallo. Nós passamos muitas dificuldades, e não foi fácil. Estudamos aqui e depois no Livramento. Naquele tempo, tudo era muito difícil pra nós. Depois eu ensinei aqui no Mata Cavallo. Fui a primeira professora daqui mesmo

da comunidade. As outras eram de fora. Já ensinei no Livramento também. Quando fui pedir uma vaga, a secretária de educação lá de Cuiabá, disse que tinha classe (sala de aula) lá no Livramento e era pra eu falar com a diretora de lá pra mim dá a classe. Quando eu cheguei lá, ela disse que não tinha mais classe e ela me botou para lavar banheiro. (Tereza da Comunidade Estiva).

Depois de um tempo a secretária me perguntou como estava com a criançada e eu disse: Não estou mexendo com criança. Olha! Eu estou limpando banheiro, enchendo o filtro, puxando água do poço para encher o filtro e cuidando, varrendo. A hora que acaba o recreio eu varro o pátio (...). Aí depois ela me tirou da biblioteca e me deu classe. Aí eu sofri depois. Aí todas as reuniões que fazia em Cuiabá, eu participava. Todos os cursos eu enfrentava e ela continuava me maltratando (silêncio). (Tereza Comunidade Estiva).

Segundo essa entrevistada, ela teve importante papel na história da educação da comunidade. Não só por ser nascida no local, mas pela sua luta para manter a escola na comunidade. Ela disponibilizou sua própria casa para a realização das aulas. Percebe-se pelo depoimento, o reconhecimento de sua importância como educadora, pelos membros da comunidade.

Ela foi a primeira daqui a dar aula, antes era só professora de fora, e quando ela entendeu, e formou, ela que deu escola pra todas as crianças daqui e do redor, dava aula na casa dela, e esses aqui foram pegando estudos altos, foram saindo pra Livramento, Cuiabá, era bastante gente, bastante gente porque todas as crianças que tinha na comunidade ia pra casa dela estudar (...). Era na casa dela que as crianças eram ensinadas. (Estevina comunidade de Mata Cavalo de Baixo).

Para essa outra narradora, os conflitos diminuíram as perspectivas e, aumentaram mais ainda a preocupação dos pais em relação ao futuro dos filhos. Gonçalves (2003, p, 325), ao analisar a situação educacional dos negros brasileiros, diz:

Devemos mudar a direção dos questionamentos. Não é mais possível continuar associando mecanicamente sucesso escolar e escolaridade dos pais. A questão é saber como avós analfabetos influenciaram a pouca escolarização dos filhos, e como estes, apesar da pouca escolaridade, têm estimulado suas gerações futuras a terem êxito na escola.

O relato que segue expressa a discussão do autor:

Os pais viram que para os filhos terem um futuro melhor, tinha que estudar, até porque as terras estavam sendo tomadas pelos fazendeiros e não tinham mais

espaços para plantar e para sobreviver, criar gado; viram a necessidade de colocar os filhos na escola. (Gonçalina de Mata Cavallo de Baixo).

Do esforço das famílias resultou um número pequeno de pessoas com formação superior, muito importante para a comunidade, segundo ilustrado no quadro 5:

Curso superior	Total
Formados	10
Em curso	12

Quadro 5 – Total de pessoas com curso superior, em 2007.

No conjunto dos universitários da comunidade, o número de mulheres é predominante, invertendo assim a situação inicial da história da educação em Mata cavalo. É o que o Quadro seis apresenta:

	Formados	Estudantes
Masculino	4	0
Feminino	6	12

Quadro 6 – Divisão dos universitários por sexo, em 2007

Porém apesar das conquistas existe ainda um alto índice de analfabetismo, verificado principalmente entre as gerações mais velhas. Hoje a comunidade possui escolas que são freqüentadas de crianças, jovens e adultos. Predomina o número de matrículas entre os adultos.

Os dados fornecidos pela professora da Escola Municipal São Benedito, demonstram que o índice de analfabetismo na comunidade ainda é alto considerando a quantidade de adultos interessados. Pois apesar de ter escola na comunidade há bastante tempo, nem todos tinham acesso a ela, segundo a informante, devido à distância pela extensão do território entre outros fatores. É o que se pode apreciar no Quadro sete, a seguir:

Etapas de ensino	Número de alunos
Pré- escola à 6 ^a série	53
EJA	71
Total de alunos	124

Quadro 7 – Atendimento escolar à Comunidade Mata Cavalo, em 2007.

O número de adultos que procuram a escola é significativo. O índice de adultos matriculados é superior ao número de crianças. Esses dados confirmam a história de sacrifícios das gerações anteriores em busca de escolarização, bem como demonstram as barreiras sociais encontradas.

Com a ampliação das políticas de atendimento às comunidades quilombolas, os moradores foram conquistando alguns benefícios como estradas vicinais e, mais recentemente energia elétrica, que possibilitou o funcionamento do ensino noturno para atendimento dos jovens e adultos.

Nesse contexto de lutas pela cidadania, a atuação das mulheres foi bastante significativa, do ponto de vista das conquistas de direitos para a comunidade. Cada uma com suas habilidades específicas contribuíram lutando lado a lado com os homens, em benefício do grupo.

4.4 O retorno à terra de origem

A volta dos antigos moradores às terras de Mata Cavalo depois da expulsão da área nos anos anteriores marca uma nova fase na história do Quilombo de Mata Cavalo. No processo de retorno, novas estratégias de reocupação são praticadas pelo grupo com o objetivo de retomar seu território, terra de seus ancestrais.

O narrador, ao explicar as formas de reocupação pelos que retornaram à comunidade, diz que as famílias procuravam ocupar os locais onde historicamente foram ocupados por seus ancestrais. É o que se pode apreciar na fala, a seguir:

Veja bem, você tem sua casa e um dia você sai para estudar, por exemplo, e aí quando você retorna você vai procurar aquele cantinho que era seu, aquela peça. Foi mais ou menos assim. Então essas pessoas procuram onde tinha os laços de família de seus bisavôs, seus avós que eram dali, e assim ficamos. (J. Comunidade

de Mata Cavallo de Baixo).

E, como argumenta Nora (apud ARÉVALO, 2004, p, 3), “[...] os lugares de memória se configuram essencialmente ao serem espaço onde a ritualização de uma memória–história pode ressuscitar a lembrança, tradicional meio de acesso a esta. Os lugares de memória estão, portanto, definidos por este critério: Só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual”.

Em relação a essa temática, em suas análises, a Bandeira conclui:

O retorno às terras de Mata Cavallo começa a se dar ao mesmo tempo, quando vários grupos de negros, depois de alguns anos morando na cidade, voltam a viver em Livramento, muitos deles na sede do Município. No processo de retorno algumas práticas culturais são resgatadas pelos negros. Dentre elas a festa de São Benedito e o Congo novamente passam a fazer parte do repertório cultural da cidade. (...) O congo tornou-se o ponto de retorno simbólico às terras de mata Cavallo. (BANDEIRA, 1998, p. 43 - 44).

Conforme os autores, o retorno ao território ancestral significa para o grupo um reencontro com seus laços. A retomada dos rituais descritos pela autora significa o reencontro entre os descendentes exilados com sua terra e com a cultura de seus ancestrais.

O reencontro é descrito pelos entrevistados com emoção e tristeza, pelo tempo que ficaram proibidos de voltarem ao lar. Em seu relato, a seguir, a entrevistada descreve sua história de vida e de sua família, após a expulsão.

E ficamos morando assim pelas fazendas. Aí nós casamos tudo (todos os filhos) e fomos pra Cuiabá. E esse meu filho que mora aqui no Livramento. Aí fiquei sabendo dessa comunidade daqui, porque meu pai foi criado aqui. Aí eu vim procurar meus parentes. Eu achei gente que me apoiou. Meu tio, minha prima que me apoiou, e me chamou pra vir morar, né? Aí eu voltei porque meu pai é daqui da comunidade. Aí eu voltei pra cá pra comunidade. Eu procurei o meu lugar e estou bem, há mais de sete anos que eu moro aqui. (Francisco da comunidade de Mata Cavallo de Baixo).

O sentimento de pertença é valorizado pelos laços de parentesco. Ser de Mata Cavallo, segundo Bandeira (1998, p. 2) “[...] se fundamenta na indissociabilidade entre terra/território/descendência/valores culturais/memória/ancestralidade comum”. Esses sentimentos mantêm o grupo organizado na defesa dos seus direitos, conforme o informante.

O narrador de 63 anos e sua esposa, moradores da comunidade de Mata Cavalo de Baixo são descendente de Silvério Tavares da Silva, fundador da comunidade de Aguaçu.

Segundo esse informante, seus pais saíram ainda na década de 1940, em função das invasões. Disse também que as invasões não se deram só por violência física. Ele disse que vários fazendeiros tornavam-se compadres de moradores e ganhavam sua confiança, e depois quando os quilombolas percebiam, já haviam perdido suas terras. Uma das táticas descritas por ele, era a forma de arrendamento de pastos. Segundo o relato a seguir:

Os invasores diziam que iam arrendar o pasto e com o passar do tempo, passavam em seus próprios nomes. Voltamos faz 14 anos. Os sobreviventes e os descendentes resolveram voltar e ocupar suas antigas terras. Das primeiras famílias que chegaram no total de oito, instalaram-se em um barraco construído por elas para que ficassem todas juntas, até que a gente pudesse fazer as casas separadas. Aí logo começaram as ameaças. (Israel. 63 anos, Comunidade de Mata Cavalo de Baixo).

Ele relatou também que nos primeiros dois anos eles receberam ajuda dos sem-terra, no processo de reocupação; pois segundo o informante, em termos numéricos, os quilombolas não ofereciam a resistência necessária na retomada dos territórios invadidos. Assim:

Os sem-terra (pausa) ficaram mais ou menos uns dois anos na área, até que eles, nós os quilombolas conseguissem tomar de volta nossas terras. Os sem-terra não tinham a intenção de ficar nas terras do quilombo. Eles só queriam ajudar a gente ajudar as famílias conseguir seus direitos. Voltar para suas terras.

Nessa luta pela reconquista de suas terras, os quilombolas sofrem ameaças de vários tipos, e apesar de tudo mantêm-se firmes na resistência. Sob a perspectiva da nova legislação, o grupo se encontra atualmente mais fortalecido para os enfrentamentos, segundo o depoimento de uma entrevistada.

Agora até o prefeito já vem aqui quando tem reunião. Antigamente não vinha não, agora só não vem quando não pode. E a secretaria dele tudo vem, o que tiver que explicar eles explicam agora nos estamos livres, agora a gente dorme qualquer hora da noite. De primeiro ninguém andava de noite por aqui; agora não, a gente pode andar tranquilo a qualquer hora da noite, sete ou oito horas (pausa) aí vai pra casa. (Israel. Comunidade de Mata Cavalo de Baixo).

O processo de retomada está amparado na atual legislação no artigo 69, da Constituição Federal Brasileira e nas leis decorrentes dela.

Nas recomendações das Nações Unidas ao governo brasileiro sobre o direito à terra e à moradia de comunidades de quilombos está expresso o seguinte:

A adoção de medidas para garantir as terras ancestrais às comunidades remanescentes de quilombos e, em caso de desocupação forçada de suas terras e assegurar o cumprimento do que está previsto no Comentário Geral nº 7 do Comitê (59).

O Comentário Geral nº 7, que define os despejos no contexto das obrigações internacionais do governo brasileiro advindas do artigo 11 (10 do PIDESC, que estabelece a legalidade dos despejos forçados, está vinculada à sua ocorrência “em circunstâncias muito excepcionais”. Se essas circunstâncias encontram-se presentes, então certos requisitos deverão ser cumpridos [...] (Relatório Direito à moradia e territórios Étnicos, 2005, p, 24- e 27).

De acordo com o referido relatório, o direito a terra é relacionado e interdependente ao direito à moradia, direito à propriedade, direito à alimentação, direito a ser protegido contra os despejos e deslocamentos arbitrários, direito à segurança da posse, direito à restituição de moradia e propriedade para refugiados ou deslocados internos, e direito a um padrão de vida adequado.¹⁷

Em uma passagem de seus estudos, Maria de Lourdes Bandeira conclui que em 1988, a Constituição Brasileira repercute esse debate e assegura direitos específicos a grupos que historicamente tiveram seus direitos constrangidos, limitados não reconhecidos.

A conjuntura favorável estabelecida pela atual legislação permite que os moradores de Mata Cavalo alimentem a esperança de reaver suas terras perdidas devida a ganância e da falta de escrúpulos de muitos dos atuais “senhores” da região. A reocupação de suas terras representa não só o ressarcimento de prejuízos financeiros ou somente reparação das injustiças sofridas por anos a fio, representa também a recuperação dos espaços que guardam a memória de seus ancestrais.

¹⁷ Relatório Direito à Moradia e Territórios Étnicos, 2005

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descoberta do ouro em Mato Grosso no século XVIII resultou na introdução de escravos negros para o trabalho de exploração das minas.

Nesse contexto histórico, Cuiabá e outras regiões receberam grandes contingentes de escravos para as atividades mineradoras, sendo que muitos desses trabalhadores escravos foram também destinados à lavoura de cana-de-açúcar e outras frentes de trabalho.

Os herdeiros de Mata Cavalo são descendentes de um grupo de escravos da região denominada São José dos Cocais, atual Município de Nossa Senhora do Livramento, na Baixada Cuiabana.

O grupo era composto de escravos africanos e de escravos nascidos em Mato Grosso, predominando os do sexo masculino. Entre os ancestrais herdeiros das terras da Sesmaria da Boa Vida pertencente à dona Anna da Silva Tavares, havia também um pequeno grupo de escravos libertos, que também foi incluído no testamento da referida senhora.

De seis membros do referido grupo de escravos, originaram as seis comunidades formadas em vários pontos do território, nos locais descritos pelos entrevistados, como sendo o local onde se estabeleceram as primeiras famílias, após se tornarem donas das terras. As comunidades ficaram assim distribuídas:

Na comunidade Estiva: os descendentes da ex-escrava Beatriz; na Mutuca: a família de Vicente Ferreira de Jesus; em Mata Cavalo de Baixo e Mata Cavalo do Meio: a família de Graciano da Silva Tavares; em Aguaçu ou Passagenzinha: a família de Silvério da Silva Tavares; em Mata Cavalo de Cima: os descendentes de Marcelino Paes de Barros.

Desse grupo, além das terras onde aprofundaram suas raízes, os descendentes herdaram também sua cultura explicitada na organização do trabalho, na religiosidade e na luta incansável pelo direito de viver com dignidade.

De acordo com os registros, havia diversas habilidades profissionais exercidas pelos antigos escravos, as quais ainda hoje fazem parte do dia-a-dia dos seus descendentes. Foram identificadas as profissões de carpinteiro, tecelãs, costureiras e fiandeiras, em meio às outras mais tradicionais como os trabalhos desenvolvidos nas roças e as atividades domésticas.

Em Mata Cavalo, os trabalhos de tecelagem artesanal e o “açúcar de barro”, são marcas da herança que resistem às transformações, tornando-se uma memória viva dos tempos da escravidão.

A religiosidade do povo do lugar revela um traço característico daquele período, onde o catolicismo popular tinha como base a fé nos santos. As festas de santos constituem-se no elemento de identificação do grupo pela sociedade local. Festeja-se Nossa Senhora Aparecida, São Sebastião, São Benedito entre outros. Outra festa muito importante para a região, não só para os quilombolas, é a tradicional Festa do Congo. De acordo com os moradores essa festa foi originada em Mata Cavalo desde os primórdios de sua fundação e hoje faz parte do calendário turístico do município de Livramento atraindo muitos turistas para essa localidade por ocasião dos festejos.

As tradições religiosas simbolizam a memória das atividades cotidianas, que se situam como marco histórico dos primórdios da história dos ancestrais e a relação com as gerações atuais. Concluímos que a memória teve papel educativo fundamental na conservação e transmissão dos valores, considerando os aspectos históricos estudados. Remetemo-nos a Le Goff em relação à capacidade dessa comunidade de preservar seus valores. Assim confirma-se a eficácia da “memória como propriedade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1996, p: 423).

Os depoimentos expressam o convívio entre o “antigo” e o “moderno”, e os vividos no cotidiano da população na defesa de seus territórios, no processo de educação através dos ritos religiosos e a luta pela sobrevivência material e simbólica das famílias.

As gerações mais velhas mantêm suas rezas e seus altares onde se cultuam o santo de devoção particular da família; as práticas tradicionais de cura e as resoluções de problemas diversos tais como a benzeção e os remédios tradicionais retratam vivências e experiências de tempos distintos.

Hoje , assim como no passado, as mulheres desempenharam papéis significativos na manutenção de suas terras, de suas crenças e também na aquisição de direitos em benefício de seu grupo social.

No território dos quilombolas estão seus ancestrais, e conseqüentemente

suas origens. A perda de suas terras significa não perdas materiais, caracteriza-se também pelas perdas de suas referências enquanto grupo por isso a manutenção dos territórios para os povos tradicionais. Seus territórios são envoltos de sentidos simbólicos, havendo uma ligação afetiva entre as pessoas e o lugar. Lá estão os sepultados seus mortos, suas raízes e enfim todas as suas lembranças.

Suas manifestações culturais mantêm o vínculo com o passado, o que permite às pessoas perceberem o sentido de pertencerem ao lugar e ao grupo.

Com os processos de invasão de suas terras, desestruturou-se a vida de muitas famílias que se viram privadas de seu lugar de origem. As invasões, além de retirar das famílias a condição da sobrevivência material tiraram delas também a referência e a segurança do convívio entre seus pares.

As casas construídas próximas a dos parentes em proximidades dos córregos, ainda revela a forma de morar dos habitantes, como em tempos mais antigos, onde a proximidade com os córregos garantia melhor qualidade de vida e a proximidade dos parentes oferecia maior proteção. A reconquista de seus territórios, muito mais do que reaver os prejuízos materiais, significa também obter de volta parte de sua história que forçosamente fora arrancada de seus autores.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. FERNANDES, Tânia Maria (Org.). **História oral: desafio para o século XXI**. Rio de Janeiro : Fiocruz / CPDOC-fgv, 2000.

_____ **Ouvir Contar**. Rio de Janeiro: Fiocruz / CPDOC-fgv, 2004.

ALEIXO, Lúcia Helena Gaeta. **Mato Grosso: trabalho escravo e trabalho livre (1850 1888)**. Brasília, Ministério da Fazenda, Depto. de Administração / Div. Documentação, 1984.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Antropologia cultural e sociedade no Brasil**. UFMT. Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 1998.

BARCELLOS, Daisy Macedo et al. **Negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

BARROS, José de Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis : Vozes, 2004.

BAUER, M. W; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec. 1999.

_____ **O Estado Novo, a reorganização espacial de Mato grosso e a expropriação de terras de negros: o caso de Mata Caval**. **Cadernos do NERU**. Cuiabá: EdUFMT : 1993.

BURKE, Peter. **A arte da narrativa**. Rio de Janeiro: Comunidade, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARNEIRO, Edson. **Religiões Negras: Negros Bantos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1991.

CARNEIRO, Sueli. A mulher Negra na sociedade Brasileira. In MUNANGA, Kabengele (Org.). **História do Negro no Brasil**. Brasília : Fundação Cultural Palmares/CNPQ, 2004.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **História de Mato Grosso**. Rio de Janeiro, 1969.

CASTRO, Hebe; CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **História social: domínios da História**. Rio de Janeiro: *Campus*, 1997.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: 2003.

GONÇALVES, Luiz Alberto. Negros e Educação no Brasil. In LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria. VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte : Autêntica, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Rio de Janeiro, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Memória. Enciclopédia 1. Memória –História**. Imprensa Nacional : Casa da Moeda, 1997.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma Antropologia da territorialidade**. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

MERLO, Márcia. **Entre o Mar e a Mata: A memória afro-brasileira**. São Paulo, 2005.

MOURA, Clóvis. Formas de resistência do negro escravizado e do afro-descendente. MUNANGA, Kabengele (Orgs). **História do Negro no Brasil: o negro na sociedade brasileira: Resistência, participação, contribuição**. Brasília, 2004.

MOURA, Glória. Quilombos Contemporâneos. MUNANGA, Kabengele (Org). **História do Negro no Brasil: negro na sociedade brasileira: Resistência, participação, contribuição**. Brasília : Fundação Cultural Palmares/CNPQ, 2004.

MOURA, Glória. **Uma História do povo Kalunga**. Relatório Fundação Palmares. Brasília : Fundação Palmares, 2001.

MOURA, Carlos Francisco. **A expedição Langsdorf em Mato Grosso**. Universidade Federal de Mato Grosso (NDIHR): 1984.

MUNANGA, Kabengele. **Abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. São Paulo: USP, 2005.

MUNANGA, Kabengele. (org.). **História do Negro no Brasil: o negro na sociedade brasileira: Resistência, participação, contribuição**. Brasília: Fundação Cultural Palmares/CNPQ, 2004.

MURARO, Orlando. **Mata Cavalos: escravos e proprietários de suas terras: Informe ao Congresso de Direito Agrário.** Cuiabá: Fundação Cultural Palmares/CNPq.

QUEIROZ, Maria Izaura. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T. A. QUEIROZ, 1991.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil.** São Paulo: 1996.

ROSA, Carlos. **Escravo e terra em Mato Grosso: o caso de Livramento (1727 – 1883).** Cuiabá: Cadernos do NERU, 1993.

SAMARA, Eni de Mesquita. **Famílias, Mulheres e povoamento.** São Paulo, 2003.

SANTOS, Carlos Alexandre Barboza Plínio dos. “Negros do Tapuio” Tempo, espaço e memória Cap I- Quilombo Tapuio. Brasília: UnB, 2006.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História.** Rio de Janeiro: *Campus*, 1997.

SIQUEIRA, Elizabeth MADUREIRA; COSTA, Lourença Alves da; CARVALHO, Cáthia Maria Coelho. **O processo histórico de Mato Grosso.** Cuiabá: UFMT, 1990.

SKIDIMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.** Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

WEHLING, Arno. **Documentos Históricos do Brasil.** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

Documentos

BRASIL. **Constituição Federal Brasileira de 1988.** 19. ed. São Paulo : Saraiva, 1998.

Constituição Estadual de Mato Grosso – 1989.

Catálogo de Documentos Históricos de Mato Grosso, 1975.

RELATÓRIO: Direito à Moradia e Território Étnicos – proteção legal e violação de direitos das comunidades de quilombos no Brasil. Brasília – 2005.

RELATÓRIO: Racismo no Brasil. Por que um programa com Quilombos? Brasília – 2000.

RELATÓRIO: Comunidades Quilombolas em Mato Grosso, versão preliminar. Ministério do Meio Ambiente – Brasília, 2006.

Quilombos e a Legislação Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2007.

Webliografia

ARÉVALO, Márcia Conceição da Massena. Lugares de memória ou prática de preservar o invisível através do concreto. <http://www.cpdoc.fgv.br/abho> - 2006.

Relatório da Comissão Internacional de Educação para o Século XXI – 1993. <http://www.observatório.unesco.org.br/colabotativa/node>.

A Festa de São Benedito. Reportagem Especial. <http://www.diariodecuiaba.com.br-2006>.

GUSMÃO, Neusa Mendes. Cultura e Educação nos Quilombos – www.unb.br/ 2002.

MACHADO, Cassiano Elek. O Brasil segundo Milton Santos. <http://www.uol.com.br/fsp> – 2001.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. <http://www.cpdoc.fgv.br/abho> - 2006.

SILVA, Helenice Rodrigues. “Rememoração”/ Comemoração: as utilidades sociais da memória. <http://www.cpdoc.fgv.br/abho> - 2006.

POLLAK, Michel. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n, 10, 1992, p. 200-212. Pesquisa na internet. 21 de janeiro de 2007. <http://www.cpdoc.fgv.br/abho> - 2006

Comunidades Tradicionais – PNUD /ONU. <http://www.pnud.org.br/revista/noticias/index>

Basílio Filho. Antonio. Pretos Velhos <http://www.umbandaemfoco.com.br>

APÊNDICES

Entrevistas com moradores da comunidade de Mata Cavalo

Entrevistas realizadas no período compreendido entre agosto de 2006 a junho de 2007.

As entrevistas foram realizadas individualmente, conforme a disponibilidade dos informantes. Foi utilizado um roteiro com questões para coletar os depoimentos. Essas questões foram elaboradas com objetivos de conduzir as entrevistas de forma que as histórias fossem coletadas de forma proveitosa, e em clima de cordialidade. As entrevistas foram realizadas em várias etapas de acordo com o tempo de cada entrevistado, em suas casas, local de trabalho e nos folguedos de domingos e também nas festas, quando as pessoas estavam reunidas. As adequações aos questionamentos, foram feitas no decorrer da coleta dos depoimentos conforme a necessidade.

As entrevistas transcorreram em clima de cordialidade e simpatia. Observou-se, certa satisfação por parte de uns, certa timidez por parte de outros. Houve também informantes, que queriam contar mais histórias, aproveitaram o momento para “prozear.” Ouvi com atenção e respeito todas as histórias e foi surpreendente a contribuição dessas “conversas”, pois à medida que o gravador era desligado, as pessoas sentiam-se mais à vontade e diziam coisas interessantes o que tornava a pesquisa mais instigante para mim. Esse comportamento foi observado principalmente em pessoas mais velhas.

Entrevistado. Simão Luis de Moraes, morador da comunidade de Aguaçu ou (Passagezinha). 13 de agosto / 2006.

Pesquisadora: Seu Simão fui informada que aqui em Mata Cavalo tem várias comunidades. O senhor pode me contar como se deu à formação da comunidade onde o senhor mora com sua família?

Entrevistado: *Me chamo Simão Luis de Moraes, esta dona está vindo aqui (pausa) fazendo uma “escrituração” dos problemas da vida do povo de Mata Cavalo, e da Sesmaria da Boa Vida. Olha dona: aqui é passagezinha. Mais ali é Mata Cavalo, Rondon Grande e Rondonzinho.*

Pesquisadora: aqui não é Aguaçu?

Entrevistado: *O aguaçuzaal fica logo ali onde a senhora passou para vir até aqui. A senhora não viu?*

Pesquisadora: *Não sei (pausa). Não sei o que é aguaçu.*

Entrevistado. *O Aguaçu é o córrego, aguaçuzaal é a baixada do córrego. A comunidade aqui é passagenzinha. Terra do meu avô Silvério da Silva Tavares e da esposa do meu avô que era minha avó, e se chamava Izabel. Não me lembro o sobrenome dela. Ela era de uma senhoria de não sei onde. Meu avô foi escravo daquela senhoria dali do Rondon (apontou uma direção)*

Pesquisadora: Esse Rondon era antepassado do famoso Marechal Rondon?

Entrevistado: *(pausa) Hum...meu avô Silvério da Silva Tavares era escravo de Bem Rondon...a região ficou conhecida como Rondon, mas é Sesmaria da Boa Vida. Minha avó era de outra senhoria. E para não matarem ela lá, (pausa) outra senhoria aqui do Rondon mandou buscar ela para cá. E foi aí que ela casou com meu avô. Os mais velhos me explicaram que iam até matar ela. Meu avô tinha dinheiro guardado, tinha gado e comprou ela. (refere-se à sua avó).*

Pesq. O senhor sabe como seu avô adquiriu bens e dinheiro?

Entrevistado: *Não, não eu não me lembro. (pausa). Depois que meu avô comprou ela, pagou e foi adquirindo filho e filha. A família de meu avô, entre filhos e filhas, são nove. Então dona, a importância da terra que meu avô comprou, foi de 2.700 hectares. A senhoria do Rondon liberou para vender. Vendeu partes da terra para quem tinha dinheiro, e para quem não tinha, dizem que doou, mas eu não sei. Mas quem tinha dinheiro comprou. Meu avô Silvério da Silva Tavares comprou. Graciano também comprou, Então aqui na Sesmaria da Boa Vida, a quantia de terra do meu avô, é de 2.700 hectares, foi ele que comprou. Juntando a Sesmaria da Boa Vida e Mata Cavallo, forma um só. Mata Cavallo ficou com o nome de Mata Cavallo, mas é Sesmaria da Boa Vida. Tudo junto, as terras que meu avô comprou, foi assim que minha avó explicou. Assim ficou: Sesmaria da Boa Vida, Mata Cavallo, Rondon Grande, Rondonzinho, e aqui Passagenzinha e aí a Mutuca e da Mutuca, meu avô comprou as terras da banda da Mutuca. Meu avô comprou é... (silêncio).*

Pesq. E a outra comunidade Aguaçu?

Entrevistado: *Aguaçu é o rio, é esse o aguaçuza, da beira da estrada de lá onde está Antônio Mulato, lá do asfalto, a senhora não viu? Desde lá onde mora Antônio Mulato, Teresa, pra cá foi comprado. Ali tudo é terra de meu avô pai de minha mãe, a senhora já foi lá né, lá de Mata Cavallo onde estão os Sem terra, era de meu avô Silvério da Silva Tavares. Foi minha avó que falou que aqui ninguém pode vender, ninguém pode comprar, ou tomar, porque a terra é sagrada. A terra é do glorioso São Benedito dona, (diz em tom de reverência) primeiramente é de Deus, e de nosso pai São Benedito, e depois os escravos né. É depois da escravidão, as senhorias que estavam governando as terras, venderam as terras. Meu avô comprou, pagou e depois faleceu. E aí queriam tomar.*

Pesq. Quem queria tomar?

Entrevistado: *Eles queriam tomar mas (pausa), aqui ninguém podia tomar, nem comprar, e nem vender. Porque aqui quem vender já perdeu, quem comprar já perdeu. Porque aqui a terra é sagrada, é do nosso glorioso São Benedito e depois dos escravos. Então eu meu avô comprou, pagou e adquiriu família, e foi para o Buriti. E os filhos e filhas da família são nove.*

Pesq. Quer dizer que esses filhos e filhas herdaram essas terras e formaram essa comunidade?

Entrevistado: *É a herança de dois mil e setecentos, os mais velhos me explicaram e temos a escritura. Mas a escritura nossa que nossa avó deixou, um irmão nosso, o mais velho faleceu, e um primo irmão nosso, o que governava aqui, deixou o papel com meu padrinho Titi Ferreira. Meu padrinho botou o papel num saco e guardou lá em cima (pindurado no telhado), mas cupim roeu. Mas aí as filhas de tio Silvestre, levou papai pra mostrar o papel, e aí tio Silvestre disse: está faltando uma folha aqui. Papai falou: Aí foi o que cupim roeu, agora vai lá em Santo Antônio e tira outro lá. E ele foi e tirou e aí que tirou a quantia de cada um, para cada um dos filhos e filhas. (pausa) Mas ninguém podia vender, porque quem vender já perdeu, e quem comprar já perdeu, e não pode ninguém tomar essa terra. Porquê aqui a terra é primeiramente como já falei, de Deus. E aqui dona, vou dizer uma coisa pra senhora, eu vivo aqui, eu não estou mentindo e não vou mentir, a senhora pode perguntar para todo mundo, porquê eu não minto, o que eu contar pra senhora, a senhora pode escrever. Fico muito satisfeito e muito contente. Foi uma satisfação*

receber à senhora na minha casa e falar essas coisas pra senhora. É... as terras aqui são tudo dos pretos. Luterano nunca teve terra aqui, nem o pessoal do Livramento nunca tiveram terra na Sesmaria da Boa Vida e Mata Cavallo. Digo Mata Cavallo mas tudo é Sesmaria da Boa Vida. Mata cavallo esse nome é por causa dos “senhorios” que mandou os peões levarem a tropa não sei pra quem com o rio cheio, e se fossem morriam, e como pro senhor levar a tropa, morreu a tropa com os peões e tudo. E aí ficou com o nome de Mata Cavallo. Mas é Sesmaria da Boa Vida. E todos aqui na Sesmaria da Boa Vida, (os invasores) nenhum deles nunca tiveram terra aqui dentro da sesmaria. Nem Tití, nem finado Tito nunca tiveram terra aqui. As terras aqui são dos pretos. E nenhum deles têm, e agora eles querem. Aí no Livramento, não tinha quase morador, agora é que está grande. Antes era pouca gente. Mas nunca nenhum deles tiveram terra aqui e agora querem tomar tudo. O povo do Livramento “cresceu o olho” e os advogados do pessoal do livramento fez finado Macário dar o papel para Bastião, finado Bastião Filho, ficou: compadre Macário, compadre Bastião, e pegou o papel da terra de Macário da Mutuca. Macário era o irmão mais velho de meu pai, era irmão do meu finado pai, Antônio Lúcio. pra Tanto é dona, (pausa)...era até para eu ter direito lá, era pra ser dono lá e aqui. Porque era do meu avô Vicente Ferreira Mendes, que é pai de meu pai Antônio Lúcio. Foi lá que eu nasci. Lá mamãe nasceu e morreu aqui. Meu pai casou com minha mãe aqui e passaram lá Mutuca. Os filhos que minha teve, todos nasceram lá na Mutuca. Depois mamãe falou pro papai: vamos Antônio, vamos lá pra minha terra. Papai não queria vir de jeito nenhum. Mas ela agradou papai e ele veio. Aí (pausa), mas tinha arrumado dinheiro pro Macário segurar, pois todos eram irmãos, para sobrar o dinheiro da terra. Mas eram todos bobos que nem eu, não tinha leitura, aí não sei se Macário pagou ou não. E aí papai mudou pra cá, e era para Macário pagar. E aí Macário morreu e ficou . Macário entregou o papel da terra pro Miguel. Miguel é o filho do Macário e pai do Clemente. Ele também já morreu, e aí ficou assim. E agora querem a posse da terra só para ele, quer botar eu pra fora, não querem nós tenhamos direito lá na Mutuca. E o mais dono lá, não sei se estou certo, mas na minha opinião, acho que são os filhos e os netos de Boaventura. Não sei se estou certo ou errado. Mas está nas mãos da família, vai dar tudo certo.

Entrevistado: Antônio Benedito da Conceição

Comunidade: Estiva -13 de agosto de 2006.

Pesquisadora: Seo Antônio, fale um pouco de sua história e de sua família.

Entrevistado: Casei no dia 8 de agosto Meu nome é Antônio Benedito da Conceição, nasci no dia 12 de junho de 1905, aqui em de 1930. Aí saí um dia e fui para o quartel. Servi lá em Campo Grande, lá no 18 BC de Campo Grande (Refere-se ao quartel onde servira o exército). De lá dei baixa, saí de lá dia 25 de junho e vim chegar aqui dia 17 de agosto de 1931, aqui no Mata Cavallo. Daí produzia roça, lutando com roça produzi a família. Entre mortos e vivos são 18. Vivos são 11. Aí não tinha escola pra minhas crianças, e eu pedi a primeira escola. Foi Emiliano Monteiro que me deu, aqui no Mata Cavallo.

Pesq. Quem era Emiliano Monteiro?

Entrevistado: Emiliano Monteiro era prefeito de Livramento, que formou a escola. Eu pedi pra ele, ele formou pra mim e dona Batica lá no Chaves, e pra Neco Pereira na Rancharia. E foram as primeiras escolas que tiveram.

Pesq. Todas na área do quilombo de Mata Cavallo?

Entrevistado: Não, aqui no quilombo de Mata Cavallo foi a minha escola, as outras foram aqui na região do Livramento. Chaves, a da finada dona Batica, Neco na Rancharia (pausa).

Pesq. Vocês foram para pedir as escolas?

Entrevistado: Não ,o pedido meu serviu pra todos eles.

Pesq. O senhor se lembra quando foi?

Entrevistado: Foi (pausa) quarenta, quarenta e quatro, quarenta e seis mais ou menos, que começou a escola aqui em Mata Cavallo.

Pesq. Até essa data não tinha ninguém aqui do quilombo que sabia ler?

Entrevistado: Tinham poucos que sabiam ler. Quem sabia ler era Teodoro ali na Mutuca, finado Rapa-cuia. Rapa-cuia era irmão de minha mãe. O nome dele era Manuel Teodoro Lemes, mas o povo o conhecia por Rapa-cuia. Só esses poucos sabiam ler, mais ninguém sabia. Tinha mulher, que eu nem vou falar...que foi batizar

a criança, (pausa) e perguntou pra ela no dia do batizado: comadre, que dia que a criança nasceu? Ah meu marido estava plantando milho. (risos) E o padre perguntou: Em que mês se planta milho? Responderam: setembro, outubro. Então eu vou botar aí 15 de outubro. Mas tinha ninguém (pausa), tanta moça bonita. Família grande e aqueles mais ativos, que contavam os meses e os dias pra ir no Livramento (pausa), muitas vezes apontava três cavaleiros, e o pessoal que chegava, o pessoal de casa fechava as portas e corriam pro mato. Ficava com medo, pois não sabia quem eram e que assunto aquelas pessoas vinham tratar na casa. Muitas vezes fechava a porta. Mulher quando o marido não estava, fechava a porta. O visitante gritava: com licença, mas não saía ninguém. Bem diferente de hoje. De vinte pra cá, o pessoal já vem acordando mais.

Pesq. E os filhos de vocês, como foram nos primeiros dias na escola?

Entrevistado: a dificuldade é que não tinha recurso, pra escola ser em minha casa. E fui procurar casa onde pudesse ter escola. E foi Mané Monteiro que aceitou na casa dele. Ele também tinha filho. Mas primeiro fui pedir escola mais perto de minha casa. Saí arrecadando criança nas casas e arrumei 60 crianças. Fui aí na Estiva e nenhum quis. Tito não quis. Nós, (pausa) dona Lica não quis, comadre Chiquinha não quis. Que tinha casa pra escola (essas eram casas que tinham espaço para onde poderia funcionar as aulas). Aí eu fui pedir para Mane Monteiro, e ele aceitou, porque ele também tinha criança. Depois que criou a escola, veio a Cira, professora do Livramento né, dona Cira veio pra ser professora. Daí, passado uns dias, ela foi escolhendo as crianças pra ir na escola. Preto não.

Pesq. A professora era branca?

Entrevistado: Não, era de sua cor. (parda para o IBGE, negra na minha classificação). Ela era de pai preto. E os que eram pretos não. O meu filho, depois que estava indo na escola, passado uns dias, voltou com os livros na mão e eu perguntei: Meu filho você brigou lá? Não, eu não briguei. Então porque você veio? Não tem escola pra você? O menino respondeu: a professora mandou. aí então montei no meu cavalo e fui lá. Conversei com o dono da casa que eu pedi a escola, né. Se eu pedi a escola e ele aceitou...e agora meu filho foi desprezado de lá. E com quem a gente ia falar?(demonstra indignação), aí eu perguntei: Seu Manequinho, porque meu filho foi dispensado? Aí ele falou: Isso é com a professora. Chama a

professora, quero falar com ela. Veio a professora, e falou que a quantia das crianças estava muita. O regulamento é tantas crianças, é trinta criança... eu vou (pausa), fulano de tal, fulano de tal, só branco. E eu falei: dona Cira, a senhora dispensou meu filho, e hoje mesmo eu vou dar parte da senhora pro prefeito. E ela disse: a escola aqui é de Manequinho. E teve que reunir as crianças de novo. As crianças pretas. É... teve que aceitar as crianças de novo. Ela ficou sem graça, senão nós é que íamos ser jogado fora.

Pesq. Essas crianças foram as primeiras daqui a freqüentarem a escola?

Entrevistado: Sim, antes nunca teve. Esse, eu pensei porque na praça eu fui estimado, muito querido lá, né. Por fato, meu pai me botou na escola, mas eu não tive empenho de aprender. Eu esqueci depois que eu já estava lendo o segundo livro. Cobra me mordeu e eu esqueci tudo.

Pesq. Então desde o tempo do pai do senhor, já havia preocupação do pessoal daqui com o estudo dos filhos?

Entrevistado: Já, mas indo pra casa alheia, na casa de parente que morava no Livramento. É que meu pai me pôs na escola, mais na casa de parente, um dia estudando outro dia não. Porque meu pai levava suprimento, "comedoria", Mas na hora que acabava, tinha que vir embora, porque lá não tinha recurso para comer. (pausa, olhar distante). Aí meu pai tornava levar. Aí no quartel, o pessoal me estimava, meu serviço era bem comedido né. Aí queriam que eu fosse estudar pra sargento, pra cabo. Aí eu não quis nada lá em Campo Grande. Eu quis vir para o meu pai, trabalhar na roça, cuidar da minha família né. Não me interessou. Fiquei um ano, fiz requerimento e vim embora né. Fiquei com saudade do meu povo e vim embora né. O que me interessava, era vir embora para a casa de meu pai, minha, e de minha família né. Depois que eu vim, eu apanhei por causa de não saber ler. Por isso que eu pedi pro prefeito para os meus filhos estudar. E hoje, estão todos no bom caminho. Olha vou mostrar: (ele se levanta e pede que eu o acompanhe, e mostra orgulhoso um porta retratos com fotografias de seus filhos. E feliz vai identificando cada um). Olha, esse é meu filho. É fazendeiro. É José Anastácio da Conceição. Teodoro, Teresa era professora, Manoel é advogado. E da segunda família, Eduardo é professor lá no Tijucal (bairro de Cuiabá), Cristina, ela já morreu, mas tem filhos e todos estão bem encaminhados na vida, que Deus ajudou. Essa

daqui é Emiliana, trabalha em Cáceres, casou lá em Cáceres. Trabalha no hospital. A carreira pegou né. (disse sorridente).

Pesq. Valeu a luta?

Entrevistado: *Valeu muito né, valeu a luta né.*

Entrevistado. Francisco do Nascimento de Arruda

12 de agosto de 2006.

Pesq: Seu Francisco, o senhor pode me dizer o que está acontecendo?

Entrevistado: *Sim dona, eles falaram que vão derrubar todos os barracos. Como eu ia ontem, eles passaram com o trator e falaram que iam derrubar todos os barracos lá. Isso que a turma ta falando agora. (estava se referindo ao episódio da derrubada dos barracos de alguns moradores na noite anterior). A turma Olha dona, nasci e me criei aqui em Mata Cavallo. Mas agora estou morando sozinho no eram os moradores que acabavam de chegar relatando a ação dos fazendeiros invasores.*

Pesq. Ameaçaram a vida dos moradores também?

Entrevistado: *Pra mim não chegaram a fazer. Eles falaram: olha, aproveita sair por bem do que sair por mal. E não voltou mais, aí eu fiquei mais descansado por causa... (pausa) e agora já derrubaram...(silêncio), eu moro sozinho lá. Eu tenho porco, tenho galinha...*

Pesq. E a família do senhor? Onde está?

Entrevistado: *Aqui eu fico sozinho, por causa desses problemas. Eu ainda não fiz empenho pra trazer eles pra cá por causa da canalheira, do perigo. Os vaqueiros deles, quando vêem uma mulher no barraco, fica falando coisa feia, quer brigar com mulher. Não faz tempo, veio uma mulher de lá, eles arrumaram ela para correr. Eu não gosto nem de lembrar daqueles palavrões que falaram pra ela. A mulher saiu chorando igual à Madalena. Aí não dá nem pra trazer a mulher pra cá, né. Se você planta, eles arrumam gado pra destruir. É aquele desespero... daí , quando a coisa tiver melhor pra nós...(pausa) importante é...(silêncio)*

Pesq. Quer dizer que mesmo depois de serem reconhecidos como legítimos

herdeiros, e há mais de 150 anos nesse mesmo lugar, eles continuam a invadir?

Entrevistado: Olha, a gente nunca teve sossego. Até agora não. É... cada vez mais perseguidos. E como eu estava contando pra senhora, aí a perseguição é uma em cima da outra. Esses dias, mês passado, apareceu uma novilhona, de mais ou menos dois anos, bem perto do chiqueiro. E eu falo que fizeram por gosto. A novilha morreu. Pois é como essa novilha chegou lá? (silêncio e ar de tristeza).

Pesq. O senhor acha que é para acusar vocês?

Entrevistado: É... só pode ser... eles soltam as criações na roça da gente. O ano passado plantei, mas não tive sorte. O gado comeu as bananas e acabou com tudo. E este ano eu estou cuidando pra mim ver se colho alguma coisa. E agora vem essa perseguição de novo. E até quando que nós vamos? (longo silêncio).

O senhor quer falar mais alguma coisa

Entrevistado: Não. Por enquanto é só...

Entrevistado: Natalino Marino da Silva (13 de agosto de 2006)

Pesq. Seu Natalino, o senhor pode relatar a história de sua família e de sua comunidade para contribuir com essa pesquisa sobre Mata Cavallo?

Entrevistado: Sim, eu tenho 43 anos, meu pai morreu com 83 e meu bisavô com 110 anos. Sou nascido e criado aqui em Mata Cavallo. Meu bisavô era Graciano da Silva Tavares. E o pai de meu pai se chamava José Apolinário da Silva. Seu Graciano foi escravo. Ainda era do tempo dos escravos. Fazia cerca pras roças, de pedra e de terra, de três metros de altura, só na enxada e na pá.

E o meu avô... e ainda me lembro de meu avô, eu era criança e meu avô sentado, contava pra nós. Meu avô sentado contava para nós. Dizia que naquela época, os senhorios... (pausa) se os negros entrassem na família, tudo era comprado. Os senhorios eram os brancos, era quem tinha. (gesto simbolizando dinheiro). E os negros eram pobres. Então pra eles entrarem nessas famílias dos senhorios, pra namorar, era pago. Pra casar era pago. E pra cair num podre desse, os escravos trabalhavam oh! Olha aí, meu avô contava que antigamente eles comiam milho inteiro com toucinho. Pra eles era duro. A cerca que faziam por dois ou três hectares era com pedra canga. O que acabou com esses trabalhos antigos,

feitos pelos escravos aqui em Mata Cavallo, foram os grileiros. Foram entrando com máquinas, com tudo, revirando, patrolando e acabaram com tudo. Senão a senhora ainda ia ver. Como ali embaixo (apontou certa direção), lá em baixo antes dos grileiros entrarem aqui, o pai daquela Lúcia, a professora, o pai dela é primo irmão do meu pai. O pai dela, ainda tinha roça feita lá. O mato era tirado e retirado e a cerca não acabava. A cerca do tempo dos escravos.

Pesq. E o senhor pode explicar como se formaram essas comunidades? Pois vocês se referem aos vários nomes ao contar as histórias de seu povo.

Entrevistado: É... essas comunidades formaram assim: Aqui tudo é uma só. Mas cada lugar tem seu nome. É porque antigamente...(pausa), hoje em dia é que a senhora vê cerca por aqui. No tempo de meu pai, tinha boi, tinha animal de montaria. E era tudo criado solto. Tudo misturado uns com os dos outros. Eram só marcados. Uns com corte nas orelhas, outros marcados a ferro. Hoje em dia é que é tudo dividido. Cada um falava: aquilo é de fulano, de cicrano. Por exemplo: daqui pra cá pertencia (indicou uma direção) ao meu bisavô, Graciano da Silva Tavares. E dali pra lá pertencia a Vicente Ferreira de Jesus, Entendeu? Daqui até a Mutuca.

Já o Mata Cavallo de Cima, fazia divisão com essa aqui. Mata Cavallo do Meio.

Pesq. O senhor se lembra que foi o morador mais antigo desses lugares que o senhor está me falando?

Entrevistado: Eu não me lembro bem. Eu sei se era o Vicente Ferreira de Jesus...não sei se ele era o morador mais antigo da Mutuca. Do Mata Cavallo de Cima, era seu (pausa) eu me lembro, meu pai falava, era seu Joaquinão. Aí ele morreu. Eu só conheci esses mais vindouros. Que é Ana Francisca dos Santos, que hoje em dia teve as terras dela tomadas. As heranças tomadas. Agora ela tornou voltar para o mesmo lugar. Voltou depois dessa lei né. É diferente de nós aqui de Mata Cavallo daqui. Nós seguramos. Os grileiros mataram muitas coisas nossas...(pausa, expressão de tristeza). Cercaram muitas das terras que cultivamos. Se a senhora andar por aí, a senhora vai ver. E foi tomando de pedacinho em pedacinho, e nós estamos espremidos. Mas os descendentes estão todos voltando. Já estão aqui na comunidade. Formando a comunidade de novo.

Pesq. Por que exatamente muitos foram embora?

Entrevistado: Os que foram embora, muitos saíram por medo. Eles tinham dinheiro,

(referia aos invasores), podiam pagar pistoleiros né. E pra nós que não temos que só vive da rocinha, tocada à mão... (silêncio). Aqui dona, todo mundo conhece Manuel meu pai. Manuel Apolinário da Silva.

Pesq. Ele ainda está vivo?

Entrevistado: Não. Meu pai tem nove anos que faleceu. E minha mãe, dez. Nós somos cinco irmãos. Aqui nascemos e criamos. Nenhum de nós nunca saímos. O finado meu bisavô, morreu com cento e dez anos. Foi nascido e criado aqui, e morreu com cento e dez anos. E assim foi meu pai. Também nasceu e se criou aqui. E com a gente vai ser a mesma coisa. (sorriso de satisfação)! Nós já vencemos batalhas pesadas com os invasores.

Mais esse Mane do Ourinho, se não fosse ele acabar com essa terra aqui, que é do pai e da mãe dessa Gonçalina aqui, (referido-se à professora Gonçalina) eu lembro, eu era criança. Quando a gente ia pro Rondon, a gente passava por lá. Era uma tora, cepo de uma balizona fincada. Era de cerne de aroeira pura. Tinha até aqueles nós. Era para os espaços que eles faziam arrodado do tempo dos escravos. Era ali que amarravam os trabalhadores na corrente. Amarravam no pé, na canela, e depois amarrava lá em cima. Passavam a noite inteira amarrados. Jantavam amarrados, com medo de fugir, né. Os senhorios amarravam os escravos. Todos os trabalhadores escravos dormiam amarrados, por medo de fugir né. Pura judiação. Naqueles tempos eles apanhavam de piraim (tipo de chicote) trançado de couro cúpura, trançado de oito peças com arme pelo meio. Batiam até sair sangue. Eu era novo e vivia pelos cantos, e sempre o finado papai contava pra nós, e eu cheguei até de ver, onde a mãe de Gonçalina foi nascida. Aqui no Rondon, tinha ainda um buraco feito no tempo dos escravos, a senhora podia pegar uma pedra de uns quinze quilos e ir lá perto soltar na boca dele, que a senhora não escutava o rumor que fazia lá em baixo. Esse buraco era do tempo dos escravos para tirar ouro. Porque o ouro esse tempo... (pensou e continuou): o ouro esse tempo, os escravos não pegavam esses ouros finos que pegam hoje em dia. Era só ouro em pedaço. Aqui nessa redondeza tem muito garrafão. Esse negócio de (silêncio) por isso que aqui é bastante assombrado!

Pesq. Ah! O local é assombrado?

Entrevistado: É, é aqui é bastante assombrado por causa disso. (demonstrou certo

receio em continuar o assunto sobre assombração). Se não fossem os invasores, esses fazendeiros...aqui tinha muita benfeitoria do tempo dos escravos, que a gente podia sair pra mostrar. Os escravos trabalhavam fundo demais. Eu lembro, meu pai contava. Eu lembro, eu era criança, eu...

Pesq. O senhor quer falar mais sobre isso?

Entrevistado: *Não. Não senhora.*

Entrevistada: Estevina Clementina da Cruz.

Pesq. Dona Estevina, senhora pode me contar a história de sua família?

Entrevistada: *Olha, meu avô contava que a senzala deles era um casarão. Eles, os senhorios amarravam os escravos no tronco. Contou que amarravam primeiro os homens e depois as mulheres. E que muitas vezes os escravos apanhavam de manhã cedo, meio dia e de tarde?*

Pesq. E seu pai falou porque eles apanhavam tanto assim?

Entrevistada: *É porque eles eram escravos né, e por qualquer coisinha, eles apanhavam. Apanhavam, e não era pra falar nada. Era para ficarem quietos. E aí, quando no outro dia cedo, eles (senhores), punham os escravos tudo na roça para carpir, com fome. E aqueles que tanto até morriam né. E às vezes eles pegavam os escravos e matavam. Tanto as mulheres como os homens. (ar de revolta).*

Pesq. A senhora ouviu falar o que os escravos comiam e quantas vezes por dia?

Entrevistada: *Ah! Às vezes eles comiam. Porque o chefe deles, que vendia eles para os brancos, falava: Tem que dar de comer pra eles. Senão eles ficam muito fracos e não agüentam trabalhar. Aí que davam o que comer a eles. Aí apanhavam água para todo mundo toma banho. Punha o pessoal, todo mundo para baldear água com latão na cabeça. Punham ferro quente neles, e até afogavam eles no córrego, nesse córrego Mata Cavalo.*

Era tudo assim...(silêncio ar de tristeza).

Pesq. Esses eram então os tipos de castigos praticados contra os escravos aqui em Mata Cavalo?

Entrevistada: *Sim, era praticado aqui na fazenda. Aí, depois que entrou a avó de meu pai, que é essa que eu...(pausa), depois que ela pediu, pra sinhá moça daqui, a mulher que era a chefona daqui, que não era para fazer isso, que era pecado fazer isso. Pediu pelo amor de Deus, que libertassem os escravos, que judiassem mais deles...(pausa).*

Pesq: Essa mulher era dona Anna Tavares?

Entrevistada: *Não, não. Dona Anna foi a que deu a herança, era outro nome. Essa se chamava Maria do Bom Despacho, que era a avó do meu pai, que pediu pro dono da fazenda não fazer judiação.*

Pesq: Mas quem mandava fazer judiação?

Entrevistada: *Era no tempo de dona Anna Tavares. E a Maria do Bom Despacho pediu pra ela não judia, essa daí (a avó) morreu aqui no Mata Cavallo. Ela era escrava.*

Pesq: E a dona Anna atendeu ao pedido dela?

Entrevistada: *Sim porque ela (Maria) era mais velha. As pessoas que eram mais velhas até escutavam, o respeito deles era esse, aqueles que eram mais velhos falavam as coisas pros outros e es atendiam. O que era mais velho falava as coisas e o outro tinha que escutar.*

Pesq: Essa dona Maria do Bom Despacho fazia o que? Parece que ela tinha mais influencia, ela era livre?

Entrevistada: *Ah, sim! Ela era mulher solteira, ela é desse que pegava o pessoal e depois vendia pra outro.*

Pesq: Então ela era negociante de escravos?

Entrevistada: *Ela pegava o pessoal e ia vendendo.*

Pesq: ela era fazendeira também?

Entrevistada: *Não ela era daqui mesmo do sitio, todo mundo aqui... (pausa) então ela pegava, (pausa) o casarão dela era cheio de pessoal, daí ela ia só vendendo. Eram quinhentos réis um mil réis cem... e ela ia só vendendo os escravos, e eles*

faziam malvadezas, e ela pediu pra dona Anna não deixar fazer malvadeza, aí tinha um padre aí no Livramento. Nesse tempo, Livramento tinha só a igreja de palha, tinha um padre e esse padre pedia pra eles pelo amor de Deus que libertassem os escravos que não judiassem deles, esse padre foi escravo também.

Pesq: A senhora lembra o nome dele?

Entrevistada: *Sim. Era Gregório Tavares.*

Pesq: Ele era parente de Anna Tavares?

Entrevistada: *Não, ele era passageiro daqui, mas ele era de Vila Bela, aí ele veio aí atenderam ele. Ele falou que aqui haveria de acabar todos os escravos e todos entrar em liberdade, é pra terra ser do pessoal pra trabalhar , aí que tiraram essa mulher que vendia escravos e foi ficando só os dono da terras mesmo, aí quem morreu aqui , morreu , quem mudou, mudou , e foram mudando pra Livramento , pra Cuiabá , e foram mudando .e o pessoal do meu pai também foi mudando, e aí nessa leva que meu avô morreu lá em Cuiabá, morreu lá, os que saíram vivos foi meu tio o irmão mais velho de papai , tio Leôncio que conheceu os escravos tudo, aquele Cecílio, tudo morreu lá em Cuiabá , e (pausa)e o lugar onde os escravos ficavam tudo preso, ficava lá na estrada que vai pro Nezinho, lá no Mata Cavallo de cima , puseram o nome do lugar lá de Morro do Tirço. Lá a gente chega lá é uma baía, ou novo... Eu vi lá onde amarravam os escravos lá é tipo ma baía e quem ficava lá morria ali e eles jogavam ali mesmo. Lá é cheio de osso, essa baia tanto fazia criança, velho.*

Pesq: Até criança?

Entrevistada: *Até criança, tudo, aqui aconteceram muitas malvadezas, tudo, matavam tudo, aqui foi uma malvadeza em grupo, meu bisavô morreu ali, amarravam ele por aqui (na cintura) e por aqui (pés, mãos, tórax)e cortaram ele pelo meio. A corrente a corrente cortou ele no lugar que amarraram, e ali ele morreu, quando acharam ele , já estava fedendo... ele morreu com sede... com fome ... amarrado no tronco (emoção, raiva e muita indignação. Parece ter testemunhado o episódio). Ali não tinha liberdade, aí depois veio à velha e o padre que pediu para não ter mas escravos porque ninguém ma agüentava tanto sofrimento, ai que foi acabando os castigos ...*

Pesq: E porque o nome de Sesmaria da Boa Vida? Eu pensei que aqui não existia castigo?

Entrevistada: *De boa vida dona, aqui não tinha nada. A vida boa mesmo foi só depois que ganharam a liberdade né, ai eles ficaram livres. Daí esses mais novos que ficaram, ficaram pra cuidar das terras, saíram e deixaram os fazendeiros entrar porque já tinham medo, ficaram com trauma, os fazendeiros chegaram maludos entravam malucos com eles por isso eles ficaram com medo, aí fugiam dos fazendeiros, os fazendeiros tocavam fogo nas casas deles, jogavam tudo o que era deles, matavam as criações tudinho. Esse bisavô de titi (referindo-se a um dos fazendeiros invasores do quilombo) foi um deles que fizeram malvadeza com os escravos. Esse dessa fazenda aqui (apontou a direção) esse foi o ultimo homem mas malvado que existia nesse Mata Cavallo, ele fez muitas malvadezas com os negros, mandava matar, falava pros capangas dele matar e chegava lá com a concha da orelha do ouvido dos negros pra ver que eles tinham matado. E era assim que era minha dona, tinha muita violência aqui nessas terras. Por isso que hoje nos damos graças a Deus que hoje em dia nos estamos tranqüilos*

Pesq: A senhora acha então que o pior já passou?

Entrevistada: *Sim já, passou as dificuldades já passaram. Até no tempo que meu cunhado estava mexendo ainda tivemos muitas dificuldades (pausa) Tem quanto tempo que seu Estevão saiu fora dona Gonçalina? (pergunta para outra moradora)*

Pesq: Estevão era líder aqui?

Entrevistada: *Era até no tempo dele ainda enfrentamos muitas dificuldades. Agora depois que entrou tia Tereza e dona Gonçalina agora nos estamos mais tranqüilos, agora nos já te fazemos nossas festas, une todo mundo é brincadeira, dança, quadrilha é tanta coisa, e o bingo que faz une todo mundo, agora nos estamos tranqüilos graças a Deus.*

Pesq: Quais os santos mais festejados aqui em Mata Cavallo?

Entrevistada: *São João, São Benedito e São Sebastião, são os mais festejados?*

Pesq: A senhora lembra quando que começou a formar essas comunidades que

hoje estão espalhadas pelas terras todas de vocês?

Entrevista: *Aqui onde nos moramos já tem uns vinte anos as famílias foram espalhando de um lugar para outro.*

Pesq: E as famílias que vieram logo depois da libertação a senhora lembra de alguma dessas que veio pra cá?

Entrevistada: *Essas saíram e cada uma foi tomar conta de um pedaço e foi assim mesmo. Hoje lá onde eu estou tem quem? Deixa eu ver. Hum... Tem tio Nego, João Bosco seu Matelo, minha sobrinha, cinco e meu irmão, seis. Tem seis famílias ali. Mas agora aqui ficou dona Gonçalina e mãe dela, e dona Benedita e esse moço que morava ai, que faleceu. Também o Zefirino , seu Delsinho e seo Ribeiro . Ali ficou dona Benedita, Cabo, o cunhado Del e as meninas lá de cima Bastiana Sâmara e o pai delas Aí ficou assim, há pro outro lado já é outra comunidade, aqui é um lá é outro mais ai quando uma se une tudinho une, são tudo unidos.*

Pesq: A senhora acha que depois da lei de 1988 que garantiu as terras para os quilombolas, ficou melhor pra vocês?

Entrevistada: *Melhorou foi muito. Naquele tempo agente tinha mais medo naquele tempo nos tinha sacolão, não tinha medico, agora nossas crianças se precisar pode ate ficar internado, aqui mudou muito quando nos mudamos pra cá não tinha nada.*

Pesq: E a prefeitura de Livramento e o governo do Estado não dava atendimento a vocês?

Entrevistada: *que nada, agora que o prefeito já vem aqui quando tem reunião, antigamente não vinha não, agora só não vem quando não pode a secretaria dele tudo vem, o que tiver que explicar eles explicam, agora nos estamos livres, agora nos dorme qualquer hora da noite de primeiro ninguém andava de noite por aqui agora não, a gente pode andar tranqüilo a qualquer hora da noite sete ou oito horas ai vai pra casa.*

Pesq ; E escola? Tinha por aqui?

Entrevistada: *Não aquele tempo eu não estudei, agora que eu estou estudando aqui, com dona Gonçalina, por aqui não tinha escola e nem pra onde minha avó morava a*

aula era só em Livramento e em Cuiabá. Depois que foi acalmando o negocio né. E é que foi tendo colégio pro pessoal por todo esse mundo ai, e no Mata Cavallo de cima no Tanque Fundo e lá pras bandas do Sossego Pai André e por esses mundo ai agora tudo tem lá no Piuval, Cascavel, todas essas fazendas agora tem escola. Mas no meu tempo não tinha nada , era só fazendão que sumia de vista esses fazendão era só pra trabalhar pros ricos, quem, queria comer tinha que trabalhar , eu mesmo aprendi a trabalhar aqui na fazenda eu ajudava minha vó a cozinhar , nos fazia rede , roça nos carpíamos,

Pesq: As mulheres também faziam roça?

Entrevistada: Fazia tudo junto homem e mulher. Hoje em dia eu não tenho mas inveja...sei que as mulheres não sabem,minha avó quando falava que íamos fazer farinha era farinha que não era brincadeira,minha avó quebrava o milho no pilão pra fazer a farinha a farinha de milho . Olha lá em casa tem muntueira de mandioca saco de farinha ta lá empilhado meu marido ta pra Cuiabá, eu e aquela ali(apontou) somos que nem homem lá em casa.

Pesq: Como que a senhora e as outras mães fizeram para seus filhos estudarem?

Entrevistada: Há foi tudo fora daqui porque quando abriu escola aqui já estavam tudo grande, escola só lá por Cuiabá, aqui mesmo só estudou três.

Pesq: Aqui a senhora conhece alguns dos primeiros que estudaram e ainda moram aqui?

Entrevistada: Não aqui não tem mais. Agora que meu pai foi embora só tem tia Tereza e os dela. Tia Tereza dava aula.

Pesq:Ela foi a primeira a estudar da geração mais antiga ?

Entrevistada: Sim, tia Tereza estudou e depois dava aula pras crianças aqui do Mata Cavallo Ela dava aula aqui no sitio na casa dela e no Livramento, na casa dela que as crianças eram ensinadas .

Pesq: Então ela foi à primeira professora daqui da comunidade a dar as aulas aqui?

Entrevistada: Sim ela foi à primeira daqui a dar aula, antes era só professora de fora e quanto ela entendeu, e formou, ela que deu escola pra todas as crianças daqui e

do redor, dava aula na casa dela, e esses aqui foram pegando estudos altos foram saindo pra Livramento Cuiabá, era bastante gente, bastante gente porque todas as crianças que tinha na comunidade ia pra casa dela estudar, e daí que o estudo ia erguendo e as crianças da comunidade junto com as delas tinha que estudar fora . A filha dela Lucia também estudou e também formou e agora da aula também. É uma professora que todo mundo gosta dela, e hoje se não fossem as lutas e a dona Gonçalina ninguém estudava porque meu cunhado não ia importar com a escola não, mas ela arrumou quando estava lá em baixo e acompanhou o Pedro e foi falar com o prefeito que pois aula aqui, mas a metade dos que estudava aqui foi pra Livramento já estão adiantados, quando chega o final do ano já estão passado e vão pra lá né .

Entrevistado: Josias Ribeiro dos Santos

Pesq. O senhor é daqui também de Mata Cavallo? (Obs: Seo Josias é branco).

Entrevistado: *Eu sou Josias. Eu sou quilombola porque minha mulher é afrodescendente né, então eu me considero como um dos quilombolas dessa região por laços de família.*

Pesq: Aqui onde o senhor mora como é chamado?

Entrevistado: *Aqui é Mata Cavallo mata Cavallo é uma região muito grande em torno de 14mil hectares. É uma área bastante extensa, aqui é uma parte central, aqui tem varias comunidades mais elas estão dentro do quilombo de Mata Cavallo.*

Pesq: Para nos, as pessoas de fora, parece que Mata Cavallo é uma comunidade só, e aqui percebi que têm varias. O senhor conhece a história dessas comunidades?

Entrevistado: *Foi mais ou menos na mesma época quando nos começamos a reagrupar novamente, porque muitas famílias tinham ido embora daqui e após a constituição de 1988 começaram a voltar. Então nesse retorno quando eles começaram a voltar como agente sabe que a área é muito grande ficou decidido o seguinte: porque em Mata Cavallo antes a gente começou a se organizar por associações então como era uma área muito grande aqui ficou temos aqui a*

comunidade Mata Cavallo onde fica a associação e aí falaram lá pra cima é muito distante vamos formar outra comunidade. E lá tem outra liderança e agrega a parte de cima, lá é o Mata Cavallo de Cima. Aqui na parte do norte nos temos à comunidade do Aguaçu (passagenzinha) né e aqui mas a oeste é comunidade temos a comunidade do Ribeirão do Mutuca que é uma comunidades que é das mas antigas aqui, e tem a comunidade do Capim Verde, lá foi à parte do quilombo que foi invadida e a fazenda se chamava capim verde e ai ficou com o mesmo nome mas são todos quilombolas todo esse pessoal é agregado no contexto do Mata Cavallo no geral .Então dentro do quilombo do Mata Cavallo que era a antiga Sesmaria da Boa Vida hoje é o quilombo Mata Cavallo cada área tem suas raízes mais antigas, ai que o vovô era daqui e assim por diante para ficar agente fala: lá no Aguaçu, lá no Mata Cavallo de Cima , pessoal do Mutuca e do Capim Verde então agente sabe onde esta e aqui pra nos ate agora esta dando certo .

Pesq: No começo vocês se espalharam pela área como estratégia de ocupação?

Entrevistado: *Olha não foi bem uma estratégia, veja bem, você tem sua casa e um dia você sai para estudar por exemplo e ai quando você retorna você vai procurar aquele cantinho que era seu, aquela peca .foi mas ou menos assim. Então essas pessoas procuram onde tinha os laços de família de seus bisavôs, seus avós que eram dali, e assim ficamos.*

Pesq: Então essas regiões já eram ocupadas desde antigamente não é?

Entrevistado: *Sim, só ouve esse esvaziamento porque ...agora com essa tentativa de retorno a gente esta tentando ocupar as mesmas áreas do s parentes .*

Pesq: Então essas divisões são de acordo com laços afetivos?

Entrevistado: *Sim essas áreas eram ocupadas desde os antepassados, tem muitas dessas áreas que não ficou quase ninguém por causa das invasões dos fazendeiros por exemplo o Mutuca ficou um povo aqui que sempre lutou e ficaram por aqui mesmo e aqui no Mata Cavallo sempre permaneceram muitas famílias no Aguaçu também ficaram é... sempre de qualquer forma foi ocupado .teve sempre não na totalidade um grupo de resistência um tempo tinha mais gente outro tempo tinha menos ...mas sempre teve . Veja você, eu conheço muito bem a historia. Através dos historiadores e eu sabia da existência do pessoal daqui mais como eu era*

funcionário publico, eu primeiro me aposentei e depois eu vim pra cá e comecei a trabalhar junto com eles. Os antigos por as narrativas deles onde eles moravam isso aqui era muito difícil então Mato Grosso, Cuiabá começaram a se expandir na década de 60 né, eu cheguei a Cuiabá em 60 e poucos, meu pessoal é baiano e eu sou daquela região, vim pra cá e me casei com uma mulher dessa região (Mata Cavallo). A primeira vez que fui a Poconé pra tentar dar o golpe do baú (risos, acertar o casamento) eu saí de Cuiabá cedo e cheguei a Poconé já à noite, pra você vê a dificuldade. Isso agora, década de 60 calcule nos anos anteriores, com a expansão houve interesse na zona rural do Mato Grosso. Hoje aqui é... nesse mesmo tempo muitos jovens daqui queriam estudar, aqui não tinha escola então houve evasão desses jovens.

Pesq: o senhor lembra quando foi implantada a primeira escola aqui?

Resposta: Não, não me lembro, olha quem pode dar essa informação é dona Tereza e o pai dela que são os mais antigos, porque quando eu cheguei aqui não tinha, essa escola foi fundada depois que eu cheguei (referindo-se a atual) funcionava no barracão. Mas retornando as injustiças tem coisas bem antigas acho... que lá em 1944 tem a historia de quando o prefeito Manequinho mandou medir a área, e ai ficou uns cinco e aí começou os conflitos, um tempo mais calmo, outros tempo pior as primeiras preliminares são eu acho, são de 1995 antes o pessoal queimava as roças nesse meio de 60, 70 e 80 o completo era direto com os fazendeiros (invasores) porque naquela época a justiça não era tanta e o poder aquisitivo ajudava muito né. O povo daqui pobre e de pouca escolaridade, é o que eu me lembro, ai eu vim pra cá em 1995, e ai de 95 pra cá é que acirrou essa disputa entre quilombolas e fazendeiros.

Entrevistas: segunda fase - 2007

Entrevistado: senhor Cizenando do Carmo Santos. (Mata Cavallo de Cima)

Pesq. Seu Nezinho, o senhor pode me contar sua história e de sua comunidade?

Entrevistado: *Eu me chamo Cizenando do Carmo Santos, e sou descendente de Marcelino Paes de Barros. Sou morador de Mata Cavallo de cima, sou liderança aqui. Sou solteiro moro com minha mãe. Sou festeiro da comunidade. Sou capelão e valorizo muito a nossa cultura. Estou ensinando os jovens da nossa comunidade, é muito importante passar para os jovens a nossa cultura, as nossas tradições, É muito importante para nós.*

Quais são as festas tradicionais de sua comunidade?

A festa de São Benedito. São João, São José, festa de Xangô...

Pesq. Aqui tem terreiro de Candonblé ou Umbanda?

Entrevistado: *Sim, aqui tem essa religião também, é a minha religião graças a Deus e São Benedito.*

Pesq. Quem é o principal santo do terreiro? Como se diz o chefe assentado no terreiro?

Entrevistado: *É São Benedito. Ele é nosso pai. Ele é o principal em tudo que nós fazemos, ele é muito importante para tudo que fazemos. Sem ele nada acontece. Ele é muito poderoso. É muito importante para a comunidade, e para todos os quilombolas. É ele que da força para nós...*

Pesq. Então ele é cultuado na festa católica e também no terreiro?

Entrevistado: *Sim, pois ele é um santo negro, também foi escravo, por isso ele protege todos os negros.*

O senhor pode me passar o calendário das festas?

Entrevistado: *Aqui em Mata Cavallo de Cima, as festas começam com o meu aniversário, dia 16 de julho. Tudo começa com o meu aniversário.*

Pesq. O senhor já sofreu algum tipo de preconceito por causa da religião?

Entrevistado: *Sim, sim muitas vezes, já fui muito discriminado, mas a gente tem que ser do jeito que a gente quer não é mesmo. As pessoas têm que respeitar né. Tenho muita fé em Deus e São Benedito e nos Pretos velhos. Os pretos velhos são nossos antepassados. Eles eram escravos, hoje eles dão proteção para nós. Os pretos velhos são muito importantes para nós de candomblé, para nós quilombolas... eles dão proteção pra todos nós. Tenho muita fé.*

Pesq. O senhor é pai de santo?

Entrevistado: *Sim, eu sou pai de santo. Sou o chefe da religião afro aqui do Mata Cavalo. Sou responsável pela cultura afro daqui. Pois acho muito importante para nós quilombolas preservar a nossa cultura. Eu ensino para um grupo de jovens a nossa cultura. Já temos um calendário de festas que a secretaria de cultura manda para nós, para a gente fazer as apresentações. Temos apoio do prefeito Nezinho, de Livramento e da secretaria de cultura. Eles vêm na festa, e valoriza muito as nossas festas e as nossas tradições. Hoje já temos apoio de muitas pessoas e autoridades. E eu luto por nossa cultura afro de Mata Cavalo, porque eu acho importante a gente preservar a cultura da gente. As pessoas têm que respeitar né.*

Como são feitas as festas de São Benedito e as do terreiro?

Entrevistado: *Olha, é desde quando a gente vai fazer a roça, já planta pra fazer a festa e também pra nós, pra família sabe para a despesa da casa. A gente planta a mais e quando colhe já separa a do santo.*

Pesq. Quer dizer que vocês plantam para vocês e também para os santos?

Entrevistado: *Sim, é para fazer a festa para que eles ajudem a gente. Para nunca faltar para nós...*

Pesq. O que vocês plantam para fazer as comidas dos santos?

Entrevistado: *Plantamos arroz, cará, o cará é comida dos santos do terreiro. A gente planta também ervas medicinais que são usadas nos rituais da religião. Temos uma que veio da Bahia. As ervas não podem faltar também nas festas, elas também servem de remédio.*

Pesq. O senhor faz remédio também?

Entrevistado: *Sim, faço remédio do mato e também benzo. E estou ensinando para uns jovens as coisas que eu sei, pois acho importante. Pois eu aprendi com minha mãe e agora estou ensinando para eles, senão quando a gente faltar, não tem ninguém continuar a nossa tradição né. E isso é muito importante para nós. Eu não sei ler, aprendi fazer as coisas com a minha mãe, aprendi com a família. Por isso*

ensino para os jovens que querem aprender.

Pesq. Eles são seus parentes?

Entrevistado: *Uns são meus sobrinhos, outros não são daqui da comunidade. A senhora quer falar com um deles? Aquele mora aqui agora em minha casa, e eu estou ensinando o que sei pra ele.*

Entrevistado: Luiz Gonçalves da Silva

Pesq. Você é um dos jovens aprendizes de “seu” Nezinho?

Entrevistado: *Sim, eu e meus dois primos e mais outro.*

Pesq. Só os homens que podem adquirir esses conhecimentos?

Entrevistado: *Não. Tem uma prima minha que também está aprendendo.*

Pesq. Luiz, você acha importante os jovens aprender essas coisas?

Entrevistado: *Sim, pra nós é muito importante aprender. Pois muitas vezes a gente fica ruim (doente), e aí vai no mato e pega os remédios e já resolve. Se a gente não aprender, fica ruim é pra nós mesmos aqui na roça...*

Pesq. Você já sabe fazer algum tipo de remédio? Já conhece muitos tipos de ervas medicinais?

Entrevistado: *Sim. Já conheço um bocado e já sei fazer alguns remédios. Muitos a gente tem plantados. Pois além de servir para remédio, é também para religião.*

Pesq. Quais as principais produções agrícolas e de ervas medicinais, que vocês têm aqui na comunidade?

A gente planta banana, arroz, cará, feijão, mandioca. Planta também abóboras, melão e melancia. A gente planta também as ervas para fazer remédio e para as coisas dos santos. O cará é comida para o santo. É para nós também. A gente faz a roça e retira uma parte para as festas dos santos, e a outra é para o sustento da família. A gente cria também galinhas, porcos...tinha peru também mas deu doença e morreram todos. Cria também umas vaquinhas e cavalos. Mas as vacas são poucas... é só pra gente ter um leitinho...

Pesq. Vocês tiveram financiamento do governo para comprar gado?

Entrevistado: *Não. Nós não recebemos nada. Algumas pessoas do quilombo, acho que receberam.*

Pesq. Que tipo de remédio você já sabe fazer?

Entrevistado: *Ah... remédio pra dor de barriga, pra gripe, banhos...(risos). Ainda estou aprendendo...vai ser muito bom pra mim ter esses conhecimentos...*

Entrevistado: Edson de Almeida (agente de saúde)

Senhor Edson, como é feito o atendimento, e quantas famílias são atendidas?

Entrevistado: *Atendo aproximadamente 125 famílias. Atendo Mata Cavallo de Baixo, Mata Cavallo de Cima e Aguaçu. O atendimento aqui a gente faz visita para as famílias e a prioridade para nós os agentes de saúde é para as gestantes, crianças e as pessoas idosas os hipertensos. A área é muito grande e temos de difícil acesso. Aqui na nossa comunidade têm muitas pessoas hipertensas, aproximadamente 48 pessoas e dá muito trabalho, né a gente que fazer o acompanhamento para ver se estão tomando o remédio, se estão fazendo a dieta de acordo. A gente quando chega na casa dá um olhar despercebido para ver se não tem sal por perto em cima do fogão para eles não comerem muito sal, que é para o remédio fazer efeito. Tem a visita do médico que vem uma vez por mês na comunidade, tem também o atendimento odontológico também, e algumas consultas que não pode ser feitas aqui no município, o médico dá o encaminhamento, a gente vai na prefeitura e a prefeitura liga para Cuiabá ou Várzea Grande e encaminha as famílias e elas fazem o tratamento lá.*

Pesq. Desde quando começou o atendimento para a comunidade?

Entrevistado: *Aqui na população começou desde 2002. Desde então a gente faz o acompanhamento às famílias. Aqui o acontece também, que na época de dezembro até começo de janeiro fica sem atendimento né, pois é a época que os agentes de saúde entram de férias, os médicos também entram de férias, e aí o que acontece? Sobrecarrega o hospital. Por exemplo: quando chega meados de janeiro, você vai no hospital, está superlotado de pessoas da zona rural, tudo lá no hospital a procura de atendimento médico. Mas antes disso, quando a gente vai lá tem médico todo mês e, não tem esse problema, vê-se que os agentes fazem falta. Os agentes de saúde fazem muita falta. E eu tenho um problema nós temos que trabalhar com aproximadamente com 80 famílias, e eu estou sobrecarregado. Aqui no meu cadastro tem 125 famílias com as quais estou trabalhando.*

Pesq. Quantos agentes de saúde seriam necessários para atender a comunidade e quantos tem?

Entrevistado: *Hoje nós somos dois agentes de saúde. E o que seria suficiente para atender toda a comunidade, nada, nada uns quatro...pois a área é muito grande. O agente de saúde daqui tem que pedalar uma média de trinta quilômetros por dia para fazer as visitas.*

Quais as doenças mais comuns da região, além da hipertensão? E a vacinação?

Sim, as campanhas de vacinação são todas agendadas, todas direitinhas. Nunca ficou sem vacina, nem as crianças nem os idosos. E as doenças mais freqüentes... primeiro vem os hipertensos, depois os diabéticos. E na questão das crianças não temos problemas de desnutrição. Os maiores problemas de saúde aqui é hipertensão e diabete. E outro problema também é o alcoolismo que ainda predomina na comunidade. Tem pessoas que fazem o tratamento, e não procuram assumir aquilo que o médico manda seguir. Eles seguem um mês e no outro eles já caem na bebida. E aí perde tudo, e muitos até vem a falecer.

Entrevistada: *Gonçalina de Almeida*

Pesq. Profa Gonçalina, por favor, conte um pouco da história da educação daqui de Mata Cavallo.

Entrevistada: *Meu nome é Gonçalina Almeida, sou professora aqui no Quilombo de Mata Cavallo, a história da educação...(pausa), a preocupação com a educação, com a escola começou lá pó 1930 ou 1940. Quando os pais viram que para os filhos terem um futuro melhor, teriam que estudar, até porque as terras estavam sendo tomadas pelos fazendeiros e não tinham mais espaços para plantar e para sobreviver, criar gado, viram a necessidade de colocar os filhos na escola. Em quarenta foi fundada a primeira escola, que foi fundada por um negro hoje é um dos mais velho da comunidade, e desde essa época nunca ficou sem a escola. Pois a escola andou junto com as famílias, mas nunca acabou. Era aqui no Mata Cavallo, daí mudaram lá pro Brumado e quando retornou, veio aqui para a Estiva e retornou a escola de novo. A escola nunca acabou. Ela sempre acompanhou as famílias para onde elas foram né. E mesmo ficando poucas famílias aqui no quilombo na época*

que houve a expulsão mais a escola continuou, porque as famílias eram numerosas e sempre tinha número de alunos suficiente para a escola está funcionando. E hoje a gente tem... funciona da primeira a sexta série ou do pré a sexta série e tem também as turmas de jovens e adultos. Temos três turmas de EJA. Temos duas que esse ano já vão para o segundo seguimento, e mais uma turma que vai entrar agora. Nós aqui alfabetizamos desde as crianças de cinco a seis anos até os adultos. Tem adulto até de oitenta freqüentando a escola.

Pesq. Há interesse, muita procura dos adultos pela escola?

Entrevistada: Há sim. E cada um tem um motivo para voltar para a escola. Uns querem assinar o nome, outros querem ler a bíblia outros querem aprender para estar ensinando seus filhos. Há muita procura. Desde jovens de vinte anos até pessoas de oitenta, oitenta e cinco anos que querem ler a bíblia ou ler um bilhete, então a gente vê que tem esse interesse....

É que antes não tiveram oportunidade, que a escola era para poucos. E hoje eles vêem aí a oportunidade e freqüentam e gostam. Quando entram de férias eles já até cobrando o dia que vai começar as aulas, porque eles têm o interesse de aprender.

Pesq. Hoje tem quantos professores aqui em Mata cavalo?

Entrevistada: Que estão trabalhando, hoje a gente tem aí quatro professores trabalhando na escola. E temos alguns que estão fora de sala de aula. Porque tem a questão do concurso aqui no município, que só está chamando só está chamando os professores concursados. Mas a gente tem formados seis professores. São professores formados aqui da comunidade que tem o magistério e que estão freqüentando a universidade, já estão terminando o curso de pedagogia e tem os que já estudaram e que estão na cidade, que fizeram a faculdade. Tem umas quinze pessoas. Tem professores, historiadores, tem até advogado que é daqui da comunidade, que já formou e está exercendo a função em Cuiabá, Várzea Grande, tem gente que está até em outro estado.

Pesq. Qual o papel das mulheres na luta e na organização do movimento pela conquista de direitos da comunidade?

Entrevistada: O papel das mulheres é bem destacado nas lutas quilombolas. Não só aqui em Mata cavalo, mas nos quilombos no Brasil né. Acho que é porque os homens sofrem muita violência. Os homens são mais visados do as mulheres. E aí a gente foi achando esse jeitinho, com sua meiguice e com seu talento (risos), de estar levando a luta adiante né, de estar divulgando o movimento. Aqui no quilombo

de mata Cavallo mesmo, a luta foi começada pelas mulheres. A presidente da associação é uma mulher, e tem várias líderes. Por exemplo: tem as rezadeiras, tem as festeiras, e todos os serviços da comunidade são comandados pelas mulheres. A própria escola. Somos seis professoras, todas mulheres. Acho que a partir disso vai criando esse fortalecimento das lutas das mulheres né. Em alguns lugares é preciso criar associação de mulheres, para as mulheres se destacarem. Aqui no quilombo não a gente tem aquela questão da igualdade, a mulher não se sente melhor que o homem, mas ela tem o seu papel definido, e por sofrer menos tipo de violência física, a que os homens são mais visados, as mulheres foram tomando para si essa questão de estar tocando a luta. Aí enquanto os homens estão cuidando da roça, as mulheres estão cuidando de outras coisas, estão indo nas reuniões, as mulheres estão indo para a cidade, viajando para os encontros. E é uma natural, não é uma coisa que foi imposta, criou-se assim naturalmente. Antes de criar essa associação, quando os homens estavam na liderança parece que pela sua fala, havia mais agressividade, então por causa disso as mulheres foram encontrando outro caminho. (pausa).

Acho que os homens têm o estopim mais curto né (risos), as mulheres têm mais essa questão do diálogo. Porque quando encontra homem com homem geralmente quando é para brigar para brigar, já sai aquela questão de conflito, violência física.... sai na porrada né, e se vai conversar um homem e uma mulher já é diferente né. Pois o homem ainda tem aquela questão machista, que homem não pode bater em mulher, que a mulher é mais frágil... e então cria-se mais um diálogo. Então isso reforçou para a luta do quilombo não ser uma luta tão violenta. A gente não tem aqui no quilombo Mata Cavallo por exemplo, indício que morreu quilombola ou morreu fazendeiro, em violência e tiroteio. A gente leva sempre para o diálogo, que a mulher é muito de dialogar, e isso contribui para o crescimento da luta sem violência.

Pesq. E como os homens apóiam esse movimento?

Entrevistada: Eles participam de tudo. Por exemplo: Se tem que fazer uma movimentação de fechar a estrada, vai a família. E a família é a mulher, o homem, os filhos. Tem reunião da associação, geralmente o marido vem trazer a mulher e já participa também e tem homens líderes também. Tem o Neto lá de Mata Cavallo de Cima, tem o Nezinho que é um líder religioso, então essa variedade né as vezes são os homens, as vezes são as mulheres, mas com mais destaque para as mulheres por essa questão que eu já falei. Que tem mais a questão do diálogo, e aí é natural a

mulher vai na reunião da associação e aí já vai na reunião da economia solidária e vai indo. E quanto mais ela vai aprendendo, ela vai se movimentando mais para a questão da luta pela regularização das terras.

Entrevista com seu Clemêncio Ferreira de Jesus, 61 anos e morador da comunidade Mutuca.

Pesq. Seo Clemêncio, como foi formada a comunidade lá onde o senhor mora?

Entrevistado: *A comunidade onde eu moro, vem de Vicente Ferreira Mendes, pai de Macário...*

Pesq. E as terras, vocês herdaram ou compraram?

Entrevistado: *A maior parte foi o Vicente Ferreira Mendes que comprou, e a outra parte foi doada. (pausa) E nós estamos trabalhando na terra desde o Macário velho que era pai de Miguel, que era meu pai. A gente mexia com moagem, mexia com engenho e com plantação de cana. Era desse jeito que a gente vivia. Desde o tempo dos antigos.*

Pesq. E hoje vocês ainda trabalham com essas coisas?

Entrevistado: *Não, hoje nós ainda plantamos a cana, mas só que nós não temos mais o engenho, para moer, pra produzir, como era nos outros tempos né. Como no tempo de meu avô Macário. A gente moia a cana e fazia o açúcar, fazia a rapadura, fazia o melado. Hoje a gente não faz mais tudo, hoje paramos com aquela luta né, mais queremos continuar. Nós vamos comprar engenho. Nós temos a cana... então vamos comprar o engenho e fazer como meu avô.*

Pesq. Era mais vantajoso pra vocês produzirem essas coisas? Tinham mais fartura?

Entrevistado: *Há sim, a fartura, todo tempo existia fartura, é só o cara trabalhar, que ele tem fartura em qualquer tempo né. Naquele tempo nós tínhamos fartura e hoje também tem o movimento que a gente tem que ter fartura né (pausa, olhar saudoso). É aquele tempo a gente mexia com moagem, tinha fartura de melado, tinha o açúcar que era produzido aqui mesmo e hoje não tem mais. Hoje nós compramos, porque nós temos a cana mais não temos o engenho, a gente tem que moer e aí tem bastante coisa pra nós.*

Pesq. O senhor sabe fazer açúcar?

Entrevistado: *Eu não sei fazer, mas tem um primo meu que sabe fazer o açúcar, então nós até conversamos com ele, que quando começarmos a mexer com a*

moagem, é pra nós fazermos o açúcar de barro.

Pesq. Açúcar de barro? Por favor, o senhor pode explicar como é esse açúcar de barro?

Entrevistado: *Açúcar de barro (risos) açúcar de barro... a gente mói a cana, faz o melado bem feito, aquele melado crioulo bem grosso e você faz um bangüê de couro todo furadinho...*

Pesq. Faz o que mesmo? Desculpe-me não entendi.

Entrevistado: *Bangüê...(risos, por eu não saber o que era o bangüê) é do nosso tempo. O bangüê é feito de couro de rês. Aí furava ele todo, e aí forrava com saco de estopa. Botava embaixo e aí botava o melado em cima. Depois botava uma camada de barro em cima. E aquele barro ia carcando assim e ia escorrendo aquele meladinho pelos buraquinhos do bangüê, aquele melado ia escorrendo, escorrendo até parar de escorrer. E aí o barro rachava por cima. Aí a gente tirava o barro, e tirava o açúcar e punha no sol para secar o açúcar de barro. E aí a gente moía ele, (o açúcar) e virava pó.*

Pesq. Muito interessante esse açúcar de barro. Existem outras pessoas além do primo do senhor que sabem fazer o açúcar de barro?

Entrevistado: *Tem mais gente, é que eu não sei. Esse povo assim mais antigo que faz. Esse primo meu disse, que nós fomos mexer, eu quero fazer. Eu quero deixar para meus filhos e pra muitos que não conheceram. Uma hora vamos fazer. Nós vamos comprar o engenho, fazer rapadura e fazer esse açúcar de barro também. É o melhor açúcar que tem. Pra quem conheceu açúcar de barro, sabe que ele é uma vitamina. É uma vitamina, porque ele é próprio do açúcar, não tem cloro. Porque hoje em dia vem muito fermento no meio dele. E esse é só a vitamina da cana. Nós vamos fazer. Igual no tempo de meu pai. Pois é...o Vicente Ferreira Mendes, pai do Macário, que era pai de Miguel Domingos de Jesus que é meu pai. E saí assim. Nasci e criei aqui, tenho sessenta e um anos e estou aqui na Mutuca. Nunca saí daqui. Convivo aqui, desde quando nasci. Sou um fundador daqui. O povo tudo foi embora e eu nunca saí daqui. (referindo-se aos conflitos por causa das terras).*

Eu quero preservar isso aqui como meus avós preservaram meu pai pra deixar pra mim, então eu quero preservar para deixar para os meus filhos e para os meus netos. É pra eles achar o que o avô lutou, então eu quero eles acham pra eles. Eu com a idade de oito anos, dez anos, já ajudava meu avô Macário mexer com moagem, eu só não sei fazer o açúcar. E naqueles tempos existia aquele álcool de

garrafa, meu avô temperava e fazia gente beber junto com ele. Ele levantava e tomava banho. Podia estar fazendo frio ou não, e a gente ia mexer com a moagem. Fazia rapadura, fazia melado e mexia com açúcar. Ele tomava banho de cabeça, mas não esfregava e nem passava sabão. Só caía na água e saía. Aí ele vinha pra casa, tomava pinga, tomava guaraná e já ia moer.

Depois pegava garapa quente e botava hortelã ou flor de breu e aí e aí a gente punha ele na garapa, e era o nosso chá, pra nós tomarmos de madrugada.

Pesq. E era gostoso?

Entrevistado: *Sim era gostoso. E ele cozinhava mandioca pra gente comer de madrugada, o meu avô Macário...*

E eu me criei nessa luta né. Quando o dia amanhecia já tinha cinqüenta rapaduras. Quando era meio dia, a gente já tinha dois tachos de cera, quatro horas da tarde, já estava com três tachos e as rapaduras todas informadas. E às cinco horas, botava a cana e soltava os bois no pasto. E depois a gente ia dormir pra uma hora levantar de novo e mexer com a moagem outra vez.

Pesq. E todo dia era esse ritmo de trabalho?

Entrevistado: *Todo dia, a gente pegava o tempo da moagem e era ali. Dois três meses só nessa safra. Era junho, julho e agosto, o tempo da mogem. É porque tem o tempo certo de colher a cana, senão passa do tempo não é. Sim tem que ser em junho, julho e agosto, senão o tempo passa, e em setembro começa chover e as canas velhas tem que ser tiradas todas pra ficar só os brotos.. Eu aprendi muitas coisas com meu avô Macário com dez ou doze anos. Ele queria que eu fumasse pito e eu fumava assim mesmo. Mesmo sem gosto, mais fumava. Porque se não fumasse ele ficava bravo. Mais foi uma escola que ele me deu. Hoje eu deixei de fumar e me sinto feliz com o que ele ensinou pra mim. E tudo que ele ensinou pra mim eu ensino para os meus filhos.*

Menos o cigarro (risos). A sim, porque o cigarro... eu ensinei nossa cultura, a trabalhar e hoje em dia eles sabem fazer. Não compreende todas as coisas, mas trabalhar na roça, fazer outras coisas eles fazem, mas eles não compreendem tudo né. Pois eu pus eles pra estudar, pois eu não estudei nada, mal assino o meu nome, mas eu achei que tinha que botar ele pra estudar. Pois o meu estudo foi meu pai me ensinar a trabalhar na roça. Então eu estou rico. Esse eu sei fazer e ensinar pra uma pessoa que não sabe. E convivo também com outros e como e bebo disso e tenho fartura. E fico feliz com o que eu aprendi.

Entrevistada: Heluísia Souza da Silva, 72 anos moradora de Mata Cavalo de Baixo. (parteira).

Pesq. Dona Heluísia, a senhora é daqui de Mata Cavalo?

Entrevistada: *Não. Nasci na região de Poconé. Foi lá que eu fui criada. Lá eu casei. Aí meu filho casou com uma moça daqui, aí né, eu vim pra cá. Hoje moro com meu filho e minha nora.*

Pesq. Fui informada que a senhora é parteira...

Entrevistada: *Olha parteira mesmo era minha mãe. Minha mãe era mãe de dez filhos e era ela que fazia os partos das mulheres lá de perto, de todas aquelas bandas de lá. Ela era muita confiança lá por aquelas bandas.*

Pesq. A senhora aprendeu com ela?

Entrevistada: *Sim eu aprendi com ela. Ajudei ela algumas vezes, e com isso aprendi né. Mas só fiz os partos de minha nora. Meus netos, filhos desse meu filho, (referiu-se ao dono da casa), fui eu que peguei eles e cuidei de minha nora.*

Pesq. A senhora indica algum remédio para os cuidados aos o parto?

Entrevistada: *Não, só remédio do mato. Remédio para fazer banho, e também para tomar pra limpar e não dar inflamação né. Minha nora tem os partos muito bons e rápidos. Ela começa sentir a dor e já pode preparar que logo nasce a criança. Ela é muito sadia e não tem nada depois do parto, graças a Deus.*

Pesq. Quais são os remédios que a nora da senhora usou?

Entrevistada: *Casca de aroeira, barbatimão é muito bom. A casca de aroeira é muito bom para inflamação. Pode beber também, a gente põe um pouco de casca na água e deixa demorar um tempo e depois toma. Para fazer o banho a gente ferve a casca e deixa esfriar e depois é só tomar o banho. É muito bom, faz muito bem pra mulher. Antigamente, não tinha remédio de farmácia, a gente só tomava remédio do mato. Hoje é que as pessoas não querem mais. Nem sabe mais dessas coisas, é hoje está tudo diferente. No meu tempo era assim, mas agora está tudo mudado.*

Pesq. A senhora já foi procurada para fazer outros partos?

Entrevistada: *Ainda não. Hoje as mulheres só querem saber de médico, antigamente as mulheres tinham os filhos em casa com a parteira. Mas hoje em dia ninguém quer*

mais ter em casa, já corre pro hospital. Eu cuido de minha nora e de meus netos. Faço remédio pra ela e também para as crianças. Só as coisas que eu aprendi com minha mãe.

Pesq. E dão resultado?

Entrevistada: Sim, eles são todos saudáveis. Minha nora e os meninos. Ela leva pra consultar também, no Livramento, agora já tem mais facilidade. Antigamente não tinha nada disso, era só tratado em casa mesmo.

Entrevistada: Laura Ferreira da Silva da Comunidade Mutuca (líder).

Pesq. Você pode contar a história de sua família para mim?

Entrevistada: Eu sou Laura Ferreira da Silva, sou descendente de Vicente Ferreira Mendes, o fundador da comunidade Mutuca, perto do córrego da Mutuca. Ele comprou as terras da Mutuca e formou família. E hoje tem várias famílias que moram lá, e são descendentes dele e dos mais antigos moradores. Nós já enfrentamos muitas dificuldades, desde os mais velhos. Passamos muitas coisas por causa dos fazendeiros, os que invadiram nossas terras. A gente sempre teve problemas, nunca tivemos paz. Tivemos que lutar muito para segurar nossa terra que é nosso direito e eles sempre quiseram tomar. Enfrentamos problemas a muito tempo, o tempo inteiro tivemos que lutar por nossos direitos. Sempre foi assim.

Pesq. Segundo informações, antes a liderança era exercida pelos homens, por que as mulheres foram em frente dos movimentos? E quem foi a primeira líder?

Entrevistada: Elas foram ajudar, porque tinham das coisas que poderiam acontecer. Os fazendeiros chamavam a polícia para prender os homens, a gente tinha medo que acontecesse o pior com eles. Meu avô, quando ia para Livramento, ia por dentro do mato porque tinha gente esperando eles passarem, se fosse pela estrada. Saía de madrugada e tinha que fazer umas voltas com o cavalo para despistar, para não saberem para onde ele ia.

E a primeira líder foi dona Domingas Rosa da Silva, minha avó. Ela já faleceu, infelizmente. Desde os tempos de minha avó, que as mulheres já estavam na luta. Quando chegava a polícia que os fazendeiros chamavam para tirar os

homens, tirar a gente da nossa terra, as mulheres já enfrentavam a polícia. Os homens escondiam no mato e ficava vendo de longe e as mulheres diziam que os homens estavam na roça trabalhando e não falavam onde eles estavam. Eles ficavam com raiva e xingavam, mais mesmo assim elas não falavam. Porque eles vinham para tirar a gente da terra que é nossa. A polícia vinha no carro deles, dos fazendeiros, era tudo do lado deles. Os homens se escondiam no mato e ficava olhando de lá, pois se tivesse violência, aí eles vinham né. Só ficavam as mulheres e as crianças. Eles sabiam que elas não queriam falar e elas enfrentavam assim mesmo, mesmo com medo. Elas eram mulheres guerreiras que lutavam pelos direitos.

Pesq. O que contribuiu para sua conscientização em relação à história de sua comunidade?

Entrevistada: Ah! Foi quando eu era criança eu vi meu pai e meus tios serem presos. Eles foram levados pela polícia, e foram presos na delegacia do Livramento. Eu era criança mais nunca esqueci. Isso foi muito marcante para mim Fiquei com muita raiva do que aconteceu com meu pai e meus tios. Meu pai e meus tios estavam trabalhando, eles não eram bandidos, eram pessoas que estavam trabalhando na sua própria terra e estavam sendo tratadas daquele jeito.

Isso foi muito marcante para mim, foi terrível. Mais nós não deixamos quieto não. Fomos atrás e chegamos na delegacia, fizemos um panelaço, um movimento na frente da delegacia, para que soltassem eles. Muitos foram a pés. Fizemos muita pressão para que soltassem eles. Pois no outro dia era feriado e eles iriam ficar um tempão preso sem motivo. Eles não tinham feito mal para ninguém, só estava trabalhando no que era deles, no que é nosso por direito. Sempre fomos perseguidos aqui. Quando meu avô, ia pra Livramento, ele ia por um caminho e voltava por outro. Ele nunca ia e voltava pelo mesmo caminho. Tinha que dar umas voltas no cavalo, com medo de ter gente esperando ele, por causa dos problemas. A gente já sofreu muito. Quando era de noite, ninguém dormia na rede. Eles punham um pau dentro da rede, para pensarem que eram eles que estavam deitados, parecia que era gente dentro da rede, e ia dormir em outro lugar, com medo de violência.

Pesq. Já ouviu caso de morte por causa dos conflitos?

Entrevistada: *Não, graças a Deus não, mais é porque as pessoas daqui sempre tomaram muitos cuidados. Nem na hora de dormir a gente tinha paz. Ninguém dormia em paz. Aqui no Livramento tinha um delegado, que graças a Deus já foi pros quintos dos infernos, ô homem ruim! Ele prendeu meu pai e meus tios. Ele fazia tudo para os fazendeiros, só ficava do lado deles, e só vivia perseguindo o povo daqui, os negros. Ele tinha raiva de negro. Quando nós minhas tias, minha avó e minha mãe foram falar com ele para soltar os homens daqui que eles não tinham feito nada de errado, que eles estavam trabalhando na roça e não havia feito nada pra ninguém, ele (o delegado) falou que lugar de negro era na cadeia. Que ele não gostava de preto. Ainda bem que ele já morreu e foi para o inferno, ele era muito ruim. Acho que tudo aquilo foi mudando minha vida, pois antes quando os mais velhos falavam, eu nem dava atenção, mas quando vi meu pai e meus tios serem presos, eu fiquei com muita raiva. E nunca esqueci, acho que foi aí que pensei que eu tinha que lutar. Estudar e lutar pelo meu povo, pelos nossos direitos.*

Pesq. Que curso você fez?

Entrevistada: *Eu ainda estou estudando, faço Direito na UNIC. Eu acho que a gente tem que estudar, para enfrentar a luta. Não estou dizendo que eles não enfrentaram, todos lutaram. Meu avô, meu pai minha avó e meus tios. Todos lutaram. Mais sem saber ler as pessoas saiam prejudicadas e os fazendeiros sempre saiam ganhando. A justiça sempre ficava do lado deles. É por isso que eu falo para os jovens da minha comunidade, que eles têm que estudar e lutar pelo que é nosso, pelo que os nossos antepassados deixaram pra nós. Nossa terra, nossa cultura, nossas festas e nossa coragem de lutar. Mas tudo que eu sei, o que eu sou hoje, eu aprendi com os mais velhos. Eles são muito importantes para nós, Pois foram eles que lutaram para conseguir deixar tudo pra nós. Mas nós temos que estudar, porque hoje em dia, a gente precisa estudar, porque tudo é mais difícil ainda. Temos que estudar e ouvir os mais velhos. Pois eles têm muita sabedoria da nossa cultura e das histórias antigas da nossa comunidade, dos nossos parentes, do povo daqui da Mutuca. Eu devo tudo o que sou a eles.*

Pesq. Você já enfrentou algum problema dentro ou fora da comunidade pelo fato

de ser jovem?

Entrevistada: *Aqui na minha comunidade não. Graças a Deus todos confiam em mim, é mais quando a gente ia em alguma reunião importante. Eles achavam que era uma pessoa mais velha. Mas não atrapalhava não. Mas agora não, já faz tempo que estou na liderança e as pessoas já estão acostumadas.*

Pesq. Como você é vista pelos jovens e velhos de sua comunidade?

Entrevistada: *Olha... todos me dão apoio, minha comunidade me dá força. Eu sempre dou conselho para os jovens pra estudar e pra lutar. Que a gente tem que valorizar o que a gente tem, o que a gente é. Nossa terra nossa cultura e tudo. Os mais velhos me apóiam também, pois eles já lutaram muito, para deixar as coisas para nós e garantir nossos direitos. Agora nós temos que continuar lutando como eles lutaram. Eles já estão cansados, já trabalharam muito. E para ir para o enfrentamento...nós jovens, se é para bater, a gente bate, se é para correr, a gente corre. E os mais velhos, pra eles é mais difícil, porque já trabalharam muito e estão cansados né.*

E hoje além das preocupações com as invasões de nossas terras, a gente preocupa também com o meio ambiente. Pois com as invasões, fizeram tanque de criar peixe na cabeceira do córrego, eles represam a água e isso prejudica o povo daqui. Nós estouramos o cano do lugar que represava nossa água. Não deixamos, pois a gente ia ficar prejudicada. Eles querem a água só pra eles e o povo daqui de baixo? Olha o Mata Cavallo transbordava que a estrada para Poconé, ficava interrompida, Ficava um ônibus do lado de cá e outro do lado de lá, porque não podia passar de tão cheio. Hoje, depois que fizeram os tanques nunca mais o rio encheu como antes, por causa da degradação.

Pesq. Quem causa a degradação?

Entrevistada: *Os fazendeiros desmataram quase tudo para fazer pasto. E os próprios quilombolas também. Tem quilombola que até trabalha para os fazendeiros!*

Entrevistada: Tereza Conceição de Arruda

Moradora de Ourinho (líder).

Pesq. Dona Tereza, a senhora pode contar a história de sua família, e de sua comunidade?

Entrevistada: *Meu nome é Tereza Conceição de Arruda, nascida e criada aqui no Mata Cavallo. Aqui continuo na luta pelos nossos direitos (pausa), meu pai foi o fundador da primeira escola daqui do Mata Cavallo. Ele lutou para ter escola para os filhos dele e todos da comunidade. Eu fui a primeira professora aqui do Mata Cavallo. Nós passamos muitas dificuldades, e não foi fácil. Estudamos aqui e depois no Livramento. Naquele tempo, tudo era muito difícil pra nós. Depois eu ensinei aqui no Mata Cavallo. Fui a primeira professora daqui mesmo da comunidade. As outras eram de fora. Já ensinei no Livramento também. A secretária de Educação lá de Cuiabá, disse que tinha classe (sala de aula) lá no Livramento e era pra eu falar com a diretora lá do Livramento pra mim dá a classe. Quando eu cheguei lá, ela disse que não tinha mais classe. Quando eu cheguei lá, ela me botou para lavar banheiro.*

A secretária de Educação lá de Cuiabá era dona Maria Martins, e um dia ela me perguntou:

E aí dona Tereza, o que a senhora está arrumando com a criançada lá?

Eu respondi: eu não estou mexendo com criança. E no que a senhora está trabalhando? Olha! eu estou limpando banheiro, enchendo o filtro, puxando água do poço para encher o filtro e cuidando, varrendo. A hora que acaba o recreio, varro o pátio e o pátio da rua, que é parte de prefeitura. Mandavam até as crianças jogar papel na rua pra eu juntar e varrer, é mandava...

Ela falou: é isso? E eu falei é. É então fique quieta, porque eu vou mandar falar pra ela dar classe pra senhora. Aí mandou ela dar classe pra mim e o que fez. Ela deu a classe para a mulher do primo dela, e pra mim falou que não tinha. Porque a classe tinha que ser de vinte e cinco alunos, e eu não tinha. E a prima da mulher estava com uma classe de treze alunos. E depois que eu falei tudo isso pra ela (a secretária), ela me perguntou se lá tinha biblioteca, e eu disse: tem. Tem alguém na biblioteca? Eu disse que não, e ela falou: então a senhora vai ficar na biblioteca. E como na biblioteca, como diarista, (trabalho em período integral) eu ganhava mais do que as que tinham classe. Aí depois ela me tirou da biblioteca e me deu classe. Aí eu sofri depois. Aí todas as reuniões que fazia em Cuiabá, eu participava. Todos os cursos eu enfrentava e ela continuava me maltratando (silêncio).

Pesq. A senhora é aposentada como professora?

Entrevistada: *Não, me aposentei como agente administrativo. Trabalhei na*

secretaria. Aposentei porque peguei alergia de giz, minhas mãos ficaram com umas coisas... e o médico disse que era alergia de giz. E naquele tempo eu ganhava mais, me aposentei bem trabalhando na secretaria.

E hoje graças a Deus estou bem. Agora essas pessoas que estão lá, me recebem muito bem, eu entro lá. E quando eu me aposentei, já tinham mudado de diretor não sei quantas vezes. O diretor me tratou muito bem.

Obs. A escola referida é a escola estadual José de Barros Maciel em Nossa Senhora do Livramento.

Entrevistada: Frederica Maciel de Almeida Leite (moradora retornada).

Pesq. A senhora lembra como se formou a comunidade onde a senhora mora?

Entrevistada: Olha, a minha família foi assim: Meu pai nasceu aqui e criou aqui né. Depois ele saiu, casou aí com gente diferente de preto né, porque minha mãe era branca. E ficamos morando assim pelas fazendas. Aí nós casamos tudo (todos os filhos) e fomos pra Cuiabá. E esse meu filho que mora aqui no Livramento. Aí fiquei sabendo dessa comunidade daqui porque meu pai foi criado aqui. Aí eu vim procurar meus parentes. Eu achei gente que me apoiou. Meu tio, minha prima que me apoiou e me chamou pra vir morar né. Aí eu voltei porque meu pai é daqui da comunidade. Aí eu voltei pra cá pra comunidade.

Pesq. Há quanto tempo a senhora voltou?

Entrevistada: Faz sete anos que estou aqui. Morei dois anos no Ourinho e depois vim pra cá pro Mata Cavallo de Baixo. O Ourinho é lá embaixo, onde mora Tereza. Eu procurei o meu lugar e estou bem, Há mais de sete anos que eu moro aqui.

Pesq. A senhora sabe por que seu pai foi embora?

Entrevistada: Ele contava que foi atacado por fazendeiros. O pessoal era do tempo duro. Não sabia ler né. E os fazendeiros foram tomando tudo né. Compra um pouco e cercava o resto e foi escarrereando o povo daqui, que ficaram com medo né. Más agora estão voltando o povo daqui. Porque já sabe que a comunidade é deles né. Saíram escarrereado de medo por causa dos fazendeiros. As casas foram todas derrubadas. Até pouco tempo derrubaram todas as casas de novo e queimaram tudo. Chegaram lá com o motosserra e serraram todas as casas é (silêncio).

Pesq. A senhora quer falar mais alguma coisa?

Entrevistada: *Não senhora. (Escondeu o rosto entre as mãos em lágrimas).*

Entrevistada: Virgínia Rosa Costa Morais

Moradora da comunidade Aguaçu (Passagezinha). (benzedeira e rezadeira).

Pesq. Dona Virgínia a senhora é daqui mesmo de Mata Cavalo?

Entrevistada: *Não, eu nasci no morrinho, perto do rio Bento Gomes, pra lá do Ventura, nasci na fazenda do finado Lício. Meu pai esteve morando lá. Ele deu pra meu pai morar lá o tempo que quizesse.*

Pesq. Essa fazenda fica dentro ou fora de Mata Cavalo?

Entrevistada: *É fora daqui*

Pesq. Faz tempo que a senhora veio morar aqui?

Entrevistada: *Sim faz muito tempo, desde quando eu casei.*

Pesq. E quando a senhora casou?

Entrevistada: *Ah! Eu me lembro, mas agora não estou bem a par. É (pausa) foi no dia vinte e três de dezembro, uma coisa assim. Tenho quarenta anos de casada.*

Pesq. A senhora é rezadeira?

Entrevistada: *Sim, sou rezadeira e benzo também, faço remédio né. Remédio do mato.*

Pesq. Com quem a senhora aprendeu a benzer e fazer remédio?

Entrevistada: *Os remédios eu aprendi com minha mãe e as rezas, aprendi com meu pai. Que meu pai todo dia de manhã, madrugadinha, cinco horas da manhã, ele levantava e ajoelhava na frente do santo, Nosso Senhor Bom Jesus, e rezava o terço e as todas as orações né.*

E as outras foi minha mãe que me ensinou. Benzeção de cobreiro, de ofensa de cobra, e as orações de defesa que eu faço.

Pesq. Como são as orações de defesa? E elas defendem a gente de que?

Entrevistada: *Oração de defesa é oração de Santa Catarina. E têm outras também, tem várias né. Têm as mais compridas e as mais curtas, todas de defesa. Servem pra defender de tentação, né. Também aprendi com meu pai que*

dizia assim:

Meu Jesus me dá licença

Que eu já quero retirar

Quatro anjos que me guarda

Cinco para me livrar

Meu Jesus por mim

Nossa Senhora da Guia

Quantas três pessoas

Da virgem Santa Maria

E tem outras. Essas orações são para livrar a gente e os parentes, das tentações das tentações dos demônios, de coisa ruim. (demônio).

Pesq. E tem oração para defender de outras coisas também? Dos vivos por exemplo? (risos).

Entrevistada: *Sim tem. Tem para defender de todas as coisas ruins.*

Pesq. As pessoas procuram a senhora para que tipo de tratamento?

Entrevistada: *Para benzer de quebranto, de cobreiro, de arca caída picada de cobra né já cuidei de uma pessoas que foi picada de cobra.*

Como é feito o tratamento para uma pessoa que foi picada por cobra?

Primeiro a gente benze a pessoa no lugar da ofensa. Depois amassa alho com pimenta do reino e com salzinho, raiz de alecrim, casca de paineira e algodãozinho branco. E aí a senhora amassa ele tudinho né, e põe num copo. E tiver pinga, põe ele na pinga e dá para a pessoa beber. Isso depois da benzeção. Aí ela toma e se der uma dorzinha de cabeça é pouca. Aí ela deita um bocadinho, e já levanta trabalhando.

Como a companheira de meu sogro. Ela foi picada doze vezes de cobra, e eu curei ela né.

Ela falava: cobra me picou. E eu olhava e aí benzia ela. E fazia o remédio e dava pra ela beber. Ela deitava um bocadinho e de tarde já estava trabalhando. Ia apanhar água e não recaía. Aí eu benzia de ofensa por causa do mau olho (reforço do benzimento).

Pesq. E essas cobras eram venenosas?

Entrevistada: *Algumas eram perigosas, Jibóia e outras cobras que eu não estou lembrando agora. Mas a jibóia, ela foi pegar lenha e pensou que a jibóia era um*

pedaço de pau e foi pegar nela. E a jibóia picou a perna dela. Daí ela veio aqui e falou: cobra me picou.

E eu perguntei: você viu ela?

Ela disse: eu vi. Aí eu fui com ela lá com um pedaço de pau. E ela me mostrava ela lá na moitinha, e eu não era capaz de enxergar. E eu fui e falei pra ela. Se eu pegar esse pau, eu acerto nela? Ela disse que sim, acerta. Era uma moitinha à toa. Eu bati e ela começou a mexer e eu acabei de matar a cobra. A jibóia que picou ela. E na campina também, ela foi ofendida. Ela foi ofendida por aquela boibepinha rabo branco. E de jaracuçu também. Ela foi ofendida por muitas cobras também. Eu só não cheguei ver as cobras.

A jacuçu é muito venenoza...

É sim, eu sabia (silêncio).

Pesq. E das doze vezes que essa pessoa foi picada, todas foi a senhora que curou?

Entrevistada: *Sim, todas as vezes*

Pesq. E além dela a senhora já curou outras pessoas?

Entrevistada: *Os que me procuram né. Tem uma vizinha, que cobra ofendeu ela, e o filho dela levou ela pra cidade, e não trouxe ela aqui pra eu benzer. E lá foram. E ela arruinou, e até hoje, ainda sai umas coisas maus do pé dela. É porque não foi benzido, não foi curado né.*

Pesq. Se tivesse trazido aqui a senhora teria dado jeito?

Entrevistada: *Sim, eu teria cuidado direitinho. Depois que ela chegou, ela falou pra mim ir lá, e eu fui e benzi ela. Ela estava com a ferida em cima do pé. Aí eu benzi ela, só uma vez. E aí sarou a ferida do pé. Aí eu falei pra ela assim: Severina, você quer que eu faça um remédio pra você na pinga?*

Ela disse não. Eu não tomo pinga. Aí não teve jeito. Aí eu não fiz o remédio pra ela. E quando não tem a pinga, é na água mesmo. Faz na água também. A gente bate todas as ervas com salzinho né. E é tirar com a mão. Aí não arruína.

Pesq. E qualquer pessoa então que procurar ajuda por picada de cobra ou outros problemas que a senhora saiba resolver, a senhora atende?

Entrevistada: *Eu atendo. Basta a pessoa ter fé. Porque não adianta a pessoa não ter fé. Por aí, não vale nada né.*

Pesq. Então a fé é a base do tratamento?

Entrevistada: *É, a fé é a base do tratamento. Até os remédios de farmácia que a gente toma, ter que ter a fé. Senão o remédio não vale nada. E eu benzo todo o pessoal de quebranto, cobreiro, arca caída...e eu não cobro. A pessoa pergunta quanto é, e eu não cobro.*

Pesq. Não pode cobrar pelo tratamento?

Entrevistada: *Não, se a pessoa quiser dar alguma coisa, tem que ser de livre vontade dela. O que não pode é cobrar, Porque é um dom divino.*

Pesq. Quais são as pessoas que mais procura a senhora? E os motivos?

Entrevistada: *As pessoas que me procuram são mais os adultos do que crianças. Tem gente que me procura para benzer de arca caída. E trazem crianças também para benzer de arca caída. E se tiver com a arca caída, eu benzo a criança, e se não tiver, eu não benzo. Se eu medir, e o fiozinho fechar, não está. E se o fiozinho não encontrou, aí eu benzo.*

Pesq. Não pode benzer sem necessidade?

Entrevistada: *Não, não pode.*

Pesq. Quais os remédios que a senhora mais faz ou indica?

Entrevistada: *Os mais comuns são pra gripe. A gente faz remédio com casca de laranja queimada, capim cidreira, casca de colônia e vários remédios que eu não estou lembrando agora. Ah! Semente de fava e broto de manga, são muito bons para gripe, mas tem que tomar frio. Casca de laranja com folha de manga é quente. Tem que fazer o chá e deixar bem friozinho para tomar. Não é para tomar quente, senão faz mal. Senão ele estopora a gente. E quando não mata aleija. E se tomar ele bem morno, não pode tomar banho, senão faz mal.*

Pesq. Então tem que tomar na medida certa?

Entrevistada: *Tem que tomar certinho, senão faz mal. Tem que ter cuidado né.*

Obs. *Rezadeira e benzedeira não têm o mesmo significado. A benzedeira é que tem o dom da cura.*

Entrevistada: Benedita Maria da Silva 71 anos. (rezadeira).

Dona Benedita é capela e moradora da comunidade Mata Cavalos de Baixo

Pesq. Dona Benedita, com quem a senhora aprendeu as orações e as rezas que a senhora canta nas festas?

Entrevistada: *Eu aprendi com meus pais que eram todos católicos. Eu tinha um tio que era capelão. Então ele fazia essas orações e nós aprendemos com eles. Porque aí tinham os que faziam as festas. Meu pai fazia festa de São João. Ele lavava o São João na água do rio né. Aconteceu que fomos lavar o São João no rio que todo ano secava, mas ficava um pocinho assim que todo ano. Nesse dia pra fazer a festa, ele teve que furar um poço dentro do rio (do leito seco do rio) pra ter água pra lavar o São João, porque é tradição né.*

Aí então ele furou o pocinho, juntou água e nós lavamos o São João nesse ano, nesse pocinho dentro do rio que secava.

Aí quando foi quando foi do outro ano em diante, o rio não secou mais. Nesse lugar já ficou o poço da água que ficou e não secou e o rio não secou. Se cortou foi lá pra baixo, mas ali não secava. E assim ficou a água para nós usarmos desse milagre. É, pra nós foi um milagre. Porque secava o rio, e desse dia em diante nunca mais.

E aí ele continuou fazendo a festa (o pai dela), e deixou pra nós e ficamos assim, porque era do meu pai. E meu pai já ficou com ele (a festa de São João), porque era dos avós dele. Foi passado pra meu pai e hoje estamos fazendo a festa de São João.

De manhã cedo faz a lavagem do São João e de noite faz a fogueira. E assim nós continuamos a lembrança dos antigos. Mas nos não fazemos a festa né, só as rezas.

Pesq. Então mesmo não fazendo a festa, vocês fazem a cerimônia religiosa?

Entrevistada: *Sim, se não faz a festa, mas faz a cerimônia, a gente tem que fazer.*

Pesq. E a festa de São Benedito? A senhora também faz?

Entrevistada: *São Benedito é de tradição. É desde o tempo dos antigos. Esse meu pai não fazia. E todo ano ele não fazia mais participava da festa de São Benedito. Aí eles tinham o São Benedito, mas ele não ficou com a gente (as*

filhas). Ficou com nosso irmão e ele faz a festa. E até agora em outubro vai ser a festa que é da minha cunhada que é do meu irmão. E ela continua fazendo. Então nós agradecemos a Deus, por nós ter-mos (o santo).

Os velhos morreram, mas nós não deixamos isso passar. E faz a festa. Nas festas fazemos as comidas antigas que tinham. Tutu de feijão, arroz, carne ensopada, carne com banana e carne com mandioca. E as vezes a gente faz uma outra coisa pra variar né, mas isso daí é o principal. Fazem também doce de mamão, furrundu e faz também doce de leite. Mas tudo é pra não deixar passar né. E mesmo que não tenha festa, tem as orações. A gente continua rezando porque ficou aquela fé. E a gente continua rezando porque temos fé. Porque o que aconteceu, fez a gente ficar com aquela fé, pra não esquecer né.

O santo São Benedito, é só meu irmão que tem. Nós mulheres não temos. Porque meu pai tinha a fé, e ensinou pra nós. Ensinou pra nós, na fé em São Benedito.

E aí, meu irmão também fez uma promessa pra ele (São Benedito), no tempo de solteiro. E que ele ia continuar a fazer a festa. Aí ele foi ele que ficou com o São Benedito e continuou fazendo a festa.

Aí ele morreu e aí a mulher dele está continuando. E continua assim. Nós irmãs não temos o São Benedito, não somos nós que fazemos a festa. Mas o que podemos ajudar, cada uma ajuda nas festas.

Pesq. E quando a esposa dele morrer o santo fica com os filhos?

Entrevistada: Acho que sim. Pois os filhos ajudam com muito amor né, a fazer a festa. E nós temos também a festa de Nossa senhora Aparecida. Nossa Senhora Aparecida é tradição de meu pai e de minha mãe. Eles tinham muita fé em Nossa Senhora Aparecida. Noa faziam a festa, mais tinham muita fé.

E eu tenho a Nossa Senhora Aparecida. E agora que nós vamos dar um jeito, se Nossa Senhora Aparecida nos ajudar, quero mandar fazer a igreja de Nossa Senhora Aparecida aqui em Mata Cavallo. Pois nós temos uma Nossa Senhora Aparecida já velha. E depois ela quebrou. E eu não querendo jogar ela fora, aí meu filho pequeno, um dia, eu saí e ele recuperou. Recuperou a santa pra mim. Tinha arrumado com cimento, e eu fiquei com tanta fé, e guardei ela. E aí começamos a rezar aqui na capelinha para Nossa Senhora Aparecida. Aí depois nós ganhamos outra nova. E eu trouxe a Nossa Senhora Aparecida pra casa, para mim. Porque na igreja já tinha outra melhor né. Eu já falei para as crianças,

essa vocês põem no meu túmulo quando eu morrer. E nós rezamos para Nossa Senhora Aparecida então todos os dias e sempre. Rezo pra ela, e já aconteceu um caso interessante na nossa vida.

Meu filho a seis anos atrás, teve aneurisma. Aí os médicos mandaram chamar a gente pra visitar ele no hospital, porque o caso dele era muito triste. Se operasse era perigoso. E se não operasse era a mesma coisa. Ele não ia agüentar.

Aí ele procurou pra nós o que fazer. Não sabia se fazia ou não.

Eu disse: vamos por na mão de Deus e na mão de Nossa Senhora Aparecida, e o que for seja feito.

Então vamos. Colocou na sala de cirurgia, operou a cabeça dele. Ele chamou a gente pra ver ele e disse que ele já estava acordado. Isso mesmo, pode chamar ele. E eu chamei e ele olhou para todos nós. E o médico falou: nós também estamos aqui. E ele olhou para todo mundo e os médicos foram arrumar ele na sala, na UTI, para recuperação. Levou ele pra lá e falou pra nós para não alimentar muitas esperanças. Tinha que esperar uns dois dias, porque ainda era perigoso. E passou esse dia, e quando foi no outro dia à tarde, bateu o derrame né, no outro lado. Aí ele foi a zero mesmo. Aí nos fomos lá pra ver, todo mundo daí pra frente (pausa) passou ainda vinte dias na UTI. E ainda lutando. E graças a Deus, depois ele começou a reagir. Mas todo mole. Só mexia uma perna. E assim com a graça de Deus, e nós rezando pra Nossa Senhora Aparecida nós ajudar, que fosse o que acontecesse. E quando foi de vinte dias em diante, ele começou a reagir, abriu o olho e já começou reagindo aí um lado já foi bulindo e daí foi indo, foi indo até recuperar mesmo.

Um braço e uma perna dele, não recuperou total. Mas já está de pé, andando e guiando carro. Faz tudo né. E pela graça de Deus e Nossa Senhora, isso pra nós foi um milagre. E a fé nossa aumentou muito mais. E eu disse: quando você era pequeno, você remendou a santa pra mim. Depois ela, Nossa Senhora Aparecida remendou você pra mim.

Entrevistado: Conrado Soares da Costa. 70 anos. (agricultor)

Pesq. Seu Conrado o senhor é daqui mesmo de Mata Cavallo?

Entrevistado: *Sim, eu nasci aqui e moro aqui.*

Pesq. O senhor faz roça? Cria animais?

Entrevistado: *Faço roça desde novo. Planto milho, arroz, mandioca e que sair a gente planta.*

Pesq. E o clima de hoje para plantar, o senhor acha que está diferente de antes?

Entrevistado: *Até que não está muito, Está mais ou menos, mas está bom, calmo né. A gente plantava pra colher, e aqui o que plantar sai. A terra é boa.*

Pesq. O que mais, o senhor produz além de arroz e mandioca?

Entrevistado: *Produzo mandioca, cana, banana, e o que plantar dá né.*

Pesq. E que tipo de animais o senhor cria aqui?

Entrevistado: *Estou criando agora mais só porco né. Quando encontrar mais paz né, o que plantar colhe né.*

Pesq. Antigamente tinha mais fartura que hoje?

Entrevistado: *Tinha ou não tinha né. O que parece é que a gente planta e colhe, aí tem fartura né.*

Pesq. Qual o tempo bom para o plantio e colheita aqui?

Entrevistado: *Agora é tempo de colher, está seco né. Agora ta bom para colher a cana né. Pra plantar é só lá pra novembro, né. Novembro é tempo de plantar. Começa as chuvas, aí fica bom para plantar né.*



Dona Lucinda a mulher mais velha do quilombo
Foto: Jorge Pinho, 2007



Seu Nezinho
Foto: Maria dos Anjos, 2007



Festa do Gongo
Foto cedida por seu Nezinho, 2007



O centenário Antonio Mulato o homem mais velho do quilombo
Foto: Maria dos Anjos, 2007



Altar

Foto: Maria dos Anjos, 2007



Cemitério de Mata Cavalo

Foto: Jorge Pinho, 2007

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)